UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS

LARA CHAUD PALACIOS MARIN

A cultura no discurso dos livros didáticos

São Paulo
2019

LARA CHAUD PALACIOS MARIN

A cultura no discurso dos livros didáticos

Versão corrigida

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 6 de junho de 2019. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de concentração:
Cultura, Saúde e Educação.

Orientadora:
Profa. Dra. Ana Laura Godinho Lima.

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)
CRB 8 - 4936

Marin, Lara Chaud Palacios

A cultura no discurso dos livros didáticos / Lara Chaud Palacios
Marin ; orientadora, Ana Laura Godinho Lima. – 2019
192 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-
Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e
Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo.
Versão corrigida

1. Livro didático - Brasil. 2. Ensino fundamental - Brasil. 3.
Análise do discurso. 4. Cultura - Transmissão. I. Lima, Ana
Laura Godinho, orient. II. Título

CDD 22.ed.- 371.320981

Nome: MARIN, Lara Chaud Palacios.

Título: A cultura no discurso dos livros didáticos.

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais.

Aprovado em: 6 / junho / 2019

Banca examinadora

Profa. Dra. Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis Boto.

Instituição: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Julgamento: aprovada.

Prof. Dr. Jaime Francisco Parreira Cordeiro.

Instituição: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Julgamento: aprovada.

Profa. Dra. Christiane Coutheux Trindade.

Instituição: Escola Superior de Propaganda e Marketing.

Julgamento: aprovada.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Ana Laura Godinho Lima, que muito me ensinou no processo de pesquisa, contribuindo para meu crescimento científico e intelectual, sempre me desafiando com provocações, aceitando minhas indignações e me fortalecendo em minhas descobertas teóricas.

Ao Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

À Biblioteca do Livro Didático da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, especialmente à Maria José Paiva Fagundes pela disponibilidade e auxílio na pesquisa dos livros didáticos.

Ao Prof. Jaime Cordeiro – que continua contribuindo para o meu crescimento científico e intelectual desde a graduação – e à Profa. Dra. Carlota Boto, pelas provocações, críticas e sugestões feitas no exame de qualificação. Espero tê-las incorporado ao presente trabalho.

Às colegas e aos colegas do Grupo de Estudos *Pedagogia, psicologia e relações de poder*. Juntos, nos amparamos com comentários e discussões, enfrentando leituras desafiadoras, que contribuíram para o meu crescimento intelectual.

Ao Ricardo Carvalho, por estar sempre por perto me apoiando e me ajudando nos momentos mais desafiadores desse percurso.

À Nádea Maria Chaud, Francisco Marin, Henrique Marin e Caroline Contesini, por apoiarem minha trajetória e estarem sempre disponíveis em minha vida.

Aos meus familiares, amigos e amigas que me fortaleceram durante o percurso desta pesquisa. Pela compreensão com tantos compromissos desmarcados, paciência e escuta.

À Nádea Maria Chaud pela revisão da dissertação e ao Ricardo Carvalho pela revisão do resumo em inglês.

Às professoras parceiras de escola que me ouviram com muita paciência e atenção durante os dias desafiadores de trabalho geridos com os estudos durante a pesquisa. Em especial à Lívia Tagliari, que também percorre essa trajetória acadêmica e trocou ideias e referências comigo sobre a cultura escolar, além de ler parte da dissertação.

*Falas de civilização, e de não dever ser,
Ou de não dever ser assim.
Dizes que todos sofrem, ou a maioria de todos,
Com as cousas humanas postas desta maneira.
Dizes que se fossem diferentes, sofreriam menos.
Dizes que se fossem como tu queres, seria melhor.
Escuto sem te ouvir.
Para que te quereria eu ouvir?
Ouvindo-te nada ficaria sabendo.
Se as cousas fossem diferentes, seriam diferentes: eis tudo.
Se as cousas fossem como tu queres, seriam só como tu queres.
Ai de ti e de todos que levam a vida
A querer inventar a máquina de fazer felicidade!*

(CAEIRO, Alberto, 1915).

RESUMO

MARIN, Lara Chaud Palacios. **A cultura no discurso dos livros didáticos**. 2019. 192f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Versão corrigida.

O objetivo deste trabalho é caracterizar a apresentação dos conteúdos culturais nos livros didáticos destinados aos anos iniciais do ensino primário, além de investigar as orientações destinadas às professoras sobre como transmitir essa cultura. Para isso, foi feita a análise de 21 livros didáticos da área de língua portuguesa, de 1912 a 2012, organizados em 3 grupos de acordo com o critério de autoria dos textos literários nesses materiais: os livros cujos textos foram produzidos pelo próprio autor do livro didático, aqueles que foram produzidos por autores da literatura brasileira e aqueles livros que trazem tanto textos de outros autores quanto do autor do próprio livro. Por meio da perspectiva dos Estudos Culturais e da análise do discurso tal como proposta por Michel Foucault (2017), observou-se o que é legitimado enquanto cultura nesses materiais e quais são as orientações dadas ao docente para sua transmissão. Escolheu-se o livro didático como objeto da pesquisa devido à sua relevância no ensino brasileiro, ao seu alcance na educação formal e à sua característica de representante do currículo seriado. Investigando tal objeto, colabora-se com a caracterização da cultura escolar brasileira. A partir da análise do que está presente nos livros didáticos, também foi possível identificar quais referências culturais ficam de fora deles e, desse modo, colaborar para a compreensão dos efeitos normativos da cultura escolar, tema recorrente nos Estudos Culturais. Além disso, o trabalho refletiu sobre o governo da cultura por meio de um material escolar legitimado por regulamentações do Estado como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Descobriu-se que os livros didáticos participam do processo civilizador, selecionando e transmitindo valores culturais, civis, morais e nacionais, além de legitimarem a cultura neles transmitida, instituindo um governo a distância com relação ao ensino e à aprendizagem na escola. Essa cultura transmitida é a do cânone literário, representada e preservada pelos diversos gêneros literários, sobretudo a poesia, mas também a cultura infantil, pela apresentação de outros gêneros como as cantigas, palavras-cruzadas, histórias em quadrinhos, ilustrações, dentre outros, além da cultura da mídia que aparece nos livros mais recentes por meio de imagens e referências. O trabalho também mostra que a seleção dos conteúdos culturais feita

nos livros didáticos é regulada por leis e parâmetros curriculares, assim como pelos valores desejados pela sociedade a que se destinam.

Palavras-chave: Cultura. Educação. Discurso pedagógico. Livro didático. Cultura escolar.

ABSTRACT

MARIN, Lara Chaud Palacios. **The culture in the discourse of didactic books.** 2019. 192f. Dissertation (Master of Science) – School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2019. Corrected version.

The aim of this work is to characterize the presentation of cultural contents in the didactic books for primary education, besides investigating the guidelines for teachers on how to use this culture. For that, the analysis of 21 didactic books on the area of Portuguese language from 1912 to 2012 was organized in 3 groups according to the criteria of authorship of the literary texts considered as culture in these materials: the books whose texts were produced by the author of the didactic book, those produced by authors of Brazilian literature, and those books that combine different authorships for their texts. From the perspective of Cultural Studies and the analysis of discourses as proposed by Michel Foucault (2017), we observed what is legitimized as culture in these materials and what are the guidelines given to the teacher for its transmission. The textbook was chosen as the object of this research due to its relevance in Brazilian education, within its reach in formal education and its characteristic of representative of the curriculum. Investigating this object, it collaborates with the cultural mapping of the Brazilian school. Analysing what is presented in didactic books, it is also possible to identify which cultural references are left out of them, in order to collaborate to understand the normative effects of culture in school, a recurrent theme in Cultural Studies. In addition, the research investigates how the government of culture develops through a school material legitimized by State regulations such as the Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). It was found that textbooks assume the educational character of the civilizing process, selecting and transmitting cultural, civil, moral and national values, as well as legitimizing the culture transmitted in them, establishing a government from distance in relation to teaching and learning in school. This transmitted culture is that of the literary canon, represented and preserved by the different literary genres, especially poetry, but also the infantile one, by the presentation of other genres as songs, crosswords, comics, illustrations, among others, besides media culture that appears in the most recent books through images and references. It was also seen that the selection of cultural content in textbooks is based on the regulatory systems of the government, both the formal and curricular laws and parameters, as well as that referring to the desired values for a given society.

Keywords: Culture. Education. Pedagogical discourse. Didactic books. School culture.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. O LIVRO DIDÁTICO ANALISADO DA PERSPECTIVA DA CULTURA E DO PODER.....	18
2.1. CULTURA, EDUCAÇÃO E PODER.....	18
2.2. CONTEÚDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO.....	26
2.3. HISTÓRICO DA PRODUÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL.....	35
3. MODOS DE PRESENÇA DA CULTURA NOS LIVROS DIDÁTICOS.....	42
3.1. O VALOR MORAL DA CULTURA LITERÁRIA.....	42
3.2. O VALOR DA CULTURA INFANTIL.....	62
3.3. O VALOR DA CULTURA PARA A FORMAÇÃO DA CIVILIDADE.....	89
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
REFERÊNCIAS.....	119
APÊNDICE A – FICHAS TÉCNICAS DOS LIVROS DIDÁTICOS DO CAPÍTULO 3.1.....	128
APÊNDICE B – TABELA DAS PRODUÇÕES CULTURAIS DE <i>MENINICE</i>.....	137
APÊNDICE C – FICHAS TÉCNICAS DOS LIVROS DIDÁTICOS DO CAPÍTULO 3.2.....	146
APÊNDICE D – TABELA DAS PRODUÇÕES CULTURAIS DE <i>ÁPIS: LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO</i>.....	164
APÊNDICE E – FICHAS TÉCNICAS DOS LIVROS DIDÁTICOS DO CAPÍTULO 3.3.....	169
APÊNDICE F – TABELA DAS PRODUÇÕES CULTURAIS DE <i>NOVO MANUAL DE LINGUA PORTUGUEZA: GRAMMÁTICA, LEXICOLOGIA, ANALYSE, COMPOSIÇÃO</i>.....	180

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é caracterizar os modos de presença dos conteúdos culturais no discurso dos livros didáticos destinados às séries iniciais do ensino primário, bem como as orientações indicadas às professoras sobre como transmiti-los. Por meio da observação de livros didáticos de diferentes períodos, analisou-se como um texto literário, um passatempo, ou mesmo ilustrações aparecem em suas páginas, uma vez que nem sempre tais produções culturais¹ são fins do ensino, mas meios para se ensinar outros conteúdos, como as regras gramaticais, as características de um determinado gênero textual, ou mesmo orientações morais. A cultura presente nos livros didáticos assume uma posição privilegiada com relação à cultura que a criança consome, sendo um dos materiais responsáveis pela criação de suas referências culturais.

Por compreender o currículo escolar como um aspecto relevante na formação das referências culturais na infância, este trabalho examina, por meio da investigação dos modos de presença e legitimação da cultura nos livros didáticos, quais são as referências que aparecem em suas páginas e de que forma elas são apresentadas. Além disso, a análise mostra de que maneira esses conteúdos culturais são tratados didaticamente ao observar as atividades e os exercícios propostos a partir de tais referências, para que se possa compreender aspectos do discurso pedagógico sobre a cultura.

O trabalho incide sobre três principais perspectivas. A primeira delas se refere aos Estudos Culturais que

[...] concebem a cultura como campo de luta em torno de significação social. A cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. (SILVA, 2017, p. 133).

Compreendem a ideia de cultura como “[...] a resposta global que demos à grande mudança geral que ocorreu nas condições de nossa vida comum” (WILLIAMS, 1969, p. 305). Nessa mudança transcorrem relações de poder entre as culturas que disputam seu valor e lugar de destaque na sociedade:

¹ Ao longo do trabalho, o termo *produções culturais* será utilizado frequentemente. Ele significa tudo aquilo que é encontrado como cultura nos livros didáticos: desde textos, excertos de textos, poesias, até ilustrações, imagens e referências da cultura da mídia. Durante as análises, tais produções serão descritas.

Aparentemente, a área de uma cultura é antes proporcional à área de uma língua do que ao âmbito de uma classe. Certo é poder a classe dominante controlar, em larga escala, a transmissão e a distribuição da herança comum; êsse contrôle [sic] – onde existe – deve ser assinalado como um fato a anotar a cêrca [sic] daquela classe. Certo é, também, que uma tradição opera sempre seletivamente e que haverá sempre a tendência de relacionar e mesmo de subordinar êsse [sic] processo de seleção aos interesses [sic] da classe dominante. (WILLIAMS, 1969, p. 329).

A partir dessa perspectiva, compreende-se o livro didático como um artefato cultural, resultado de um processo de invenção social, que seleciona a cultura a ser apresentada e ensinada. Qual é essa cultura? De que forma ela é *considerada* válida pelo livro didático? A quem se apresenta? Como é proposta para o ensino? Essas são questões que fundamentam este trabalho e sobre as quais serão detidas as análises e reflexões teóricas.

A segunda perspectiva que norteia as discussões desta pesquisa refere-se à *cultura escolar*. De acordo com Dominique Julia (2001, p. 10, itálicos do autor), esse termo significa

[...] um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas.

No caso deste trabalho, as normas se apresentam como conteúdos culturais presentes nos livros didáticos e as propostas didáticas referentes a eles. Já as práticas estariam relacionadas ao uso que se faz na escola desse material e desses conteúdos, dimensão que esta pesquisa não poderá alcançar. Os trabalhos que se pautam na *cultura escolar* costumam pesquisar “[...] *saberes, conhecimentos e currículos; espaços, tempos e instituições escolares e materialidade escolar e métodos de ensino*” (FARIA FILHO et al., 2004, p. 143, itálicos dos autores). Portanto, este trabalho incide sobre o primeiro aspecto, uma vez que os livros didáticos representam o currículo, apresentando saberes e conhecimentos para determinada série escolar, mas também se aproxima do último aspecto ao compreender o livro didático como um material existente na escola que também orienta o docente. A partir da caracterização dos modos de presença das produções culturais nos livros didáticos, colabora-se com o conjunto de investigações sobre as “[...] ‘práticas escolares’ e os seus correlatos (objetivados em mentalidades, conflitos, discursos, procedimentos, hábitos, atitudes, regulamentações, ‘resultados escolares’ etc.)” (AZANHA, 1991, p. 67) para que se possa criar um “mapeamento cultural da escola” (ibidem, p. 68) brasileira.

Por fim, a terceira trata da perspectiva foucaultiana dos estudos da *história geral*, a qual renuncia à apreensão da totalidade de um universo explicável pelo espírito de uma época, abrangendo várias histórias dispersas e não apenas uma contada continuamente, como numa linha evolutiva. Questiona-se

[...] qual é, de umas às outras, o jogo das correlações e das dominâncias; de que efeito podem ser as defasagens, as temporalidades diferentes, as diversas permanências; em que conjuntos distintos certos elementos podem figurar simultaneamente. (FOUCAULT, 2017, p. 12).

Essa perspectiva se opõe à ideia da *história global*, aquela associada à história evolutiva narrada na forma da linha do tempo “[...] em torno de um centro único – princípio, significação, espírito, visão do mundo, forma de conjunto” (FOUCAULT, 2017, p. 12) que justifica fatos e eventos da história social. Sendo assim, a proposta é evidenciar o que está presente na superfície do discurso dos livros didáticos, aquilo que está escrito, para descrever como a cultura aparece no discurso pedagógico e não investigar as intenções individuais dos autores na escolha dos conteúdos, suas eventuais explicações no nível de suas motivações psicológicas ou sua biografia. Em vez disso, trata-se de seguir a hipótese de Foucault (2017) de que os discursos são práticas reguladas e que manifestam regularidades que dizem respeito à posição do sujeito do enunciado, à formação de seus objetos, conceitos e estratégias. Se, por um lado, não é qualquer pessoa que pode ocupar a posição de autor de um livro didático, por outro lado pode-se dizer que muitos dos enunciados contidos em um livro específico poderiam ser formulados por muitos autores diferentes. Além disso, não é qualquer conteúdo cultural que pode se constituir como um recurso didático, ou seja, para transformar-se em objeto do discurso em um desses livros é preciso que cumpra determinadas exigências, como apresentar um conceito importante, veicular um ensinamento útil, ter uma autoria reconhecida ou pertencer a alguma tradição vista como parte importante da cultura popular. Finalmente, supõe-se que é possível encontrar regularidades nas estratégias empregadas na transposição didática desses conteúdos para o ensino. Sendo assim, a análise apresenta os modos de presença dos conteúdos culturais no discurso de livros didáticos como uma dessas estratégias.

Escolheu-se o livro didático como objeto de estudo por compreendê-lo como um material de grande alcance na educação brasileira, presente na cultura escolar, que retrata o currículo e legitima determinada cultura em suas páginas. Suas variadas funções como “[...] instrumento iniciático à leitura, vetor linguístico, ideológico e cultural, suporte – durante muito tempo privilegiado – do conteúdo educativo,

instrumento de ensino e de aprendizagem comum à maioria das disciplinas” (BITTENCOURT, 2008, p. 9), fazem com que esse material circule diariamente entre alunos, famílias e professoras, tornando-se produto de alta vendagem entre as editoras nacionais e documento histórico que indica as intenções de governo sobre a educação (BITTENCOURT, 2008). Além disso, ele também pode ser considerado um material que veicula e divulga os valores culturais nele presentes, uma vez que

Por meio dos textos impressos fixam-se e transmitem as normas pedagógicas, e por outro, os manuais escolares e os textos manuscritos produzidos pelos estudantes ou alunos vinculam a fixação impressa da norma pedagógica a sua própria produção. (CHARTIER, 2001, p. 74).

Dito isso e amparado nas questões *o que é isso?* – modos de presença das produções culturais em um grupo de livros didáticos – e *como isso pôde acontecer?* o trabalho apresenta as características gerais de três grupos de livros didáticos: os livros cujos textos foram produzidos pelo próprio autor do livro didático, aqueles que foram produzidos por autores da literatura brasileira ou estrangeira e aqueles livros que mesclam as autorias de suas produções. Em cada uma das categorias, será apresentada a análise de um livro didático característico com o objetivo de ilustrar o discurso pedagógico sobre a cultura, aprofundando a análise com exemplos peculiares.

Para essas descrições, analisaram-se 21 livros didáticos de diferentes períodos que foram categorizados de acordo com as autorias das produções culturais encontradas. Os livros selecionados referem-se à aprovação do governo em alguns casos, por compreender que tal aceitação legitima a escolha das escolas; ou às editoras que predominavam o mercado de livros didáticos em seus períodos, de acordo com o estudo de Laurence Hallewell (1985) sobre a história do livro no Brasil, por entender que eles eram mais veiculados. Fez-se um trabalho de catalogação, observando as características gerais dos livros didáticos, como nome, autoria, ano e local de publicação; se há orientações didáticas ao docente ou aprovação explícita do governo; e de formatação, como tamanho, formato, número de páginas, quantidade de páginas ilustradas e estrutura geral que indicam as seções do livro. Em seguida, houve uma contagem das produções culturais, classificando-as de acordo com seus tipos: diferentes gêneros literários, imagens, ilustrações e passatempos. Com essas fichas técnicas em mãos, foi possível observar regularidades, permanências e dispersões relacionadas tanto ao conteúdo ou autoria dos textos, quanto às propostas didáticas sobre como utilizar as referências culturais.

A partir dessas observações, alguns temas se mostraram relevantes para este trabalho, recomendando estudo mais detido: questões relativas ao caráter civilizador da educação, a história dos livros didáticos no Brasil e a própria definição de cultura e suas teorizações. Sendo assim, foram feitas leituras referentes a esses temas para sustentar teoricamente as descrições e análises dos livros, além da escrita de capítulos que apresentam considerações relevantes para a compreensão da análise.

A dissertação organiza-se em três partes que se seguem a esta introdução. O capítulo *O livro didático analisado da perspectiva da cultura e do poder* está dividido em três partes. A primeira delas discute o conceito de cultura e suas relações de poder na educação, de maneira a tornar clara a concepção de cultura apresentada nos livros e adotada neste trabalho. A segunda se refere aos conteúdos culturais na educação e examina o valor da cultura no ensino e como ela foi tratada e regulada no processo civilizador ocidental, bem como no surgimento da escola de massas, onde o livro didático assume a posição que tem atualmente. A terceira trata especificamente do histórico da produção do livro didático no Brasil, apresentando informações importantes sobre a existência e permanência desse material nas escolas.

Em seguida, o capítulo *Modos de presença da cultura nos livros didáticos* apresenta a análise dos livros e também é organizada em três partes referentes ao agrupamento dos materiais. A primeira mostra as características e regularidades dos livros didáticos cujos textos foram escritos pelos próprios autores dos livros, seguida da análise mais elaborada de um deles para ilustrar as recorrências no discurso pedagógico sobre a cultura desse grupo. A segunda analisa o grupo de livros didáticos cujas produções culturais foram elaboradas por autores da literatura, seguida da análise de um livro exemplar desse grupo. Por fim, a terceira mostra os modos de presença da cultura nos livros didáticos cujas produções são ora do autor do livro didático, ora de autor literário, e também apresenta um livro para ilustrar as características desse grupo.

As considerações finais respondem às questões abordadas neste texto introdutório e apresentam os principais aspectos encontrados durante a pesquisa relacionados ao discurso pedagógico sobre a cultura nos livros didáticos. Após as fontes e referências utilizadas, o leitor pode encontrar nos apêndices do trabalho as fichas técnicas dos livros analisados e as tabelas das produções culturais dos três livros destacados como casos exemplares nas análises.

Por fim, esta pesquisa colabora com os Estudos Culturais ao analisar o discurso pedagógico sobre a cultura presente nos livros didáticos, identificando que cultura é essa, como ela se apresenta e que uso se faz dela. Além disso, contribui com os estudos sobre a educação, sobretudo aqueles referentes à cultura escolar brasileira.

2. LIVRO DIDÁTICO ANALISADO DA PERSPECTIVA DA CULTURA E DO PODER

2.1. CULTURA, EDUCAÇÃO E PODER

O estudo sobre a cultura no discurso dos livros didáticos relaciona-se com algumas áreas de investigação que participam na formação do campo da educação, dentre as quais sobressai a dos estudos sobre a cultura escolar. Neste subcapítulo, serão apresentadas algumas questões pertinentes a esses estudos que são também relevantes para sustentar as análises que serão feitas posteriormente dos livros didáticos. Não se trata de fazer uma revisão bibliográfica exaustiva dos trabalhos já realizados na área, uma vez que esse não é o objetivo central desta dissertação, mas de apresentar algumas considerações relevantes para se pensar o conceito de cultura e como ele se apresenta no discurso educacional. Para isso, no entanto, será necessário expor argumentos de diferentes autores que se aproximam e se distanciam, demonstrando a complexidade da relação entre cultura e educação. Não se pretende criar ou adotar uma definição de cultura, dentre as várias existentes, mas de refletir sobre as condições e os contextos nos quais o conceito de cultura – e suas variações – se tornou importante no campo educacional.

Sendo assim, este subcapítulo tratará de alguns significados de cultura, tanto em seu conceito mais amplo, quanto em sua relação com a educação, destacando-se aspectos referentes à erudição e ao ser culto; ao caráter orientador e ao uso que se faz da cultura; além das questões de disputa e governo que permeiam esse tema. Tais considerações acerca do conceito de cultura devem contribuir para a reflexão sobre a cultura na escola por meio da análise dos livros didáticos, os quais caracterizam, por sua vez, um material da cultura escolar. Ao longo do trabalho, elas serão recontextualizadas nas análises dos livros didáticos em questão.

Em seu livro *A ideia de cultura*, Terry Eagleton (2011, p. 49) faz uma síntese histórica desse conceito buscando suas versões desde a ideia de cultura como atividade, enunciada por Francis Bacon, até a pós-modernidade, em que cultura e vida social se unem na forma da estética da mercadoria, passando pelo desenvolvimento da Idade Moderna, em que “a cultura não mais era uma descrição do que se era, mas do que poderia ser ou costumava ser”. O autor inicia seu estudo mostrando que a etimologia do termo é tautológica, de maneira que suas ideias representam a própria mudança histórica da humanidade do rural ao urbano, do plantio às artes e à ciência.

Sua raiz latina *colere* pode significar cultivo, habitação, proteção, e deriva de *colonus*, que, por sua vez, originou o termo colonialismo. Sendo assim, Eagleton (2011, p. 10-11) sugere que *cultura* “[...] herda o manto imponente da autoridade religiosa, mas também tem afinidades desconfortáveis com ocupação e invasão; e é entre esses dois polos, positivo e negativo, que o conceito, nos dias de hoje, está localizado”. O autor afirma que o termo é valorizado por diferentes linhas políticas e sociais, demonstrando sua importância e sua confusão e ambivalência quando se estuda sua história.

A partir desse contexto, ele apresenta a ideia de que “a natureza produz cultura que transforma a natureza” (ibidem, p. 12), refletindo sobre a dicotomia entre cultura, natureza e trabalho, uma vez que esse seria a própria ação cultural por meio do cultivo agrícola, da lavoura. Nesse sentido, “se cultura originalmente significa lavoura, cultivo agrícola, ela sugere tanto regulação como crescimento espontâneo” (ibidem, p. 13), relacionando seu conceito com a ideia de seguir regras, mas também de liberdade. Se, por um lado, os indivíduos seriam produtos de seus ambientes, por outro, eles próprios produzem esses ambientes, criando uma tensão entre fazer e ser feito, racionalidade e espontaneidade, crescimento e cálculo, liberdade e necessidade.

Compreendendo-a no âmbito do sujeito, a palavra *cultura* também pode sugerir esses mesmos paradoxos, criando uma divisão entre a parte do ser humano que se cultiva e refina e aquilo que constitui as origens desse refinamento. Sendo assim, ela celebra o indivíduo, mas também o disciplina, pois o constitui como ser cultural, ao mesmo tempo em que ele é o autor da natureza onde se encontra (EAGLETON, 2001). Da mesma forma que existe essa tensão interna por meio de uma autocultura, de um autogoverno, pode haver também uma tensão entre o indivíduo e o governo externo a ele. Nesse sentido,

A cultura é uma espécie de pedagogia ética que nos torna aptos para a cidadania política ao liberar o eu ideal ou coletivo escondido dentro de cada um de nós, um eu que encontra sua representação suprema no âmbito universal do Estado. (ibidem, p. 16-17).

A partir desse governo externo, criam-se “[...] interesses políticos que, geralmente, governam os culturais, e ao fazer isso definem uma versão particular de humanidade” (ibidem, p. 18). Nessa dimensão política do conceito de cultura, insere-se a ideia de civilização a partir do século XVIII, que “[...] equipara significativamente costumes e moral: ser civilizado inclui não cuspir no tapete assim como não decapitar seus prisioneiros de guerra” (ibidem, p. 19).

Eagleton (2011) também considera que há uma dimensão social do termo, a qual cria uma diferença entre cultura e civilização, uma vez que o termo *civilização* obteve uma conotação imperialista no final do século XIX, associada ao abstrato, fragmentado, utilitário, mecanicista, criando uma necessidade de outra palavra que denotasse como a vida social deveria ser e não necessariamente como ela era: a palavra *cultura* – associada ao orgânico, sensível, recordável, holístico. Essa separação dos termos envolvia uma disputa entre tradição e modernidade ao mesmo tempo em que “[...] a civilização era no seu todo burguesa, enquanto a cultura era ao mesmo tempo aristocrática e populista” (ibidem, p. 23). Sendo assim, cultura adquire o significado de modos de vida, podendo ser ou não oposta à civilidade, mas obtendo pluralidades ao se descrever diferentes nações e períodos, ou até mesmo “[...] diferentes culturas sociais e econômicas dentro da própria nação” (ibidem, p. 25). Ela passa a ser mais tribal do que cosmopolita, fazendo parte do vocabulário da antropologia que caracteriza as culturas de diferentes povos. Os estudos antropológicos, no entanto, também fortaleciam o sentido de cultura como civilização, no instante em que eram utilizados para elevar uma cultura em relação à outra, “[...] mas à medida que os debates foram desenvolvendo-se, o sentido antropológico da palavra tornou-se mais descritivo do que avaliativo” (ibidem, p. 27).

Além das ideias de cultura como crítica anti-imperialista e como pluralidade de modos de vida, Eagleton (2011, p. 29) também refere o conceito de cultura às artes, significando-o como “[...] atividade intelectual em geral (Ciência, Filosofia, Erudição etc.), ou ser ainda mais limitada a atividades supostamente mais ‘imaginativas’, como a Música, a Pintura e a Literatura. Pessoas ‘cultas’ são pessoas que têm cultura nesse sentido”. É aqui, portanto, que se insere um significado importante de cultura para este trabalho. No instante em que se analisa como a cultura se apresenta nos livros didáticos, é da cultura como literatura que se trata. Ela também se incorpora ao sentido de cultura como produção humana e trabalho, mas, nesse caso, se refere ao trabalho artístico e intelectual, bem como aos conteúdos que aparecem nessa literatura.

O trecho citado acima ainda evidencia que pessoas cultas são aquelas que têm cultura no sentido artístico e intelectual do termo. Com relação à literatura, isso se traduziria pelos livros lidos. Em seu ensaio intitulado *Como falar dos livros que não lemos?* Pierre Bayard (2007) reflete sobre a finalidade da leitura de livros na sociedade e a relação estabelecida entre as pessoas a partir das obras lidas ou não. O autor afirma que

Ser culto não é ter lido este ou aquele livro, é saber se orientar no conjunto dos livros, portanto saber que eles formam um conjunto e estar em condições de situar cada elemento em relação aos demais. (BAYARD, 2007, p. 31) [...]. Ser culto é ser capaz de se situar rapidamente dentro de um livro, e essa ação de se situar não implica lê-lo integralmente, muito ao contrário. Seria até mesmo possível dizer que quanto maior for essa capacidade, menos será necessário ler um livro em particular. (ibidem, p. 35).

Ou seja, quanto mais exposta a pessoa estiver à cultura literária, mais conhecerá os autores consagrados, as épocas em que determinados livros foram escritos e a estética desses tempos. Com isso, ela conquista saberes culturais os quais utiliza para compreender o contexto de outros livros que passam por suas mãos, sem lê-los, necessariamente, pois saber quem os escreveu, quando, onde e do que se trata são informações suficientes para situar uma obra no universo literário. O autor ainda apresenta a ideia de uma *biblioteca coletiva*, que seria o conjunto “[...] de todos os livros determinantes sobre os quais repousa uma certa cultura em um momento dado” (BAYARD, 2007, p. 32), e de *livro interior*, que seria um “[...] conjunto de representações míticas, coletivas ou individuais, que se interpõem entre o leitor e todo o novo escrito e que interferem em sua leitura sem que ele saiba” (ibidem, p. 105).

Para se formar esses conjuntos de livros e representações, o sujeito passa por uma educação literária em que tem contato com livros relevantes para sua cultura, os quais passam a ser suas referências literárias e a formá-lo culturalmente. De certa forma é o que os currículos escolares propõem ao sugerir a leitura de determinados livros, ou de determinados textos em livros didáticos que apresentam atividades de compreensão, ampliação e análise, ensinando tanto sobre a língua quanto sobre a leitura e a cultura. Sendo assim, escolher quais obras e de que forma elas serão tratadas nas escolas é uma tarefa de seleção relevante para a formação dos indivíduos.

Assim como o currículo escolar é um meio de seleção daquilo que se apresenta nas escolas, a cultura também pode ser compreendida como tal. Raymond Williams (1969, p. 345) afirma que “qualquer cultura, em seu total processamento, é uma seleção, um especial modo de realçar isto ou aquilo, uma forma particular de cultivo”. O que será selecionado e cultivado, portanto, são questões que permeiam o campo da educação e da cultura e exigem critérios para se justificar. Um deles é o de se ler os clássicos, o cânone. Apesar de, atualmente e com as pesquisas elaboradas nos Estudos Culturais, o cânone ser contestado muitas vezes, seja por sua produção

por grupos dominantes, ou pelo anacronismo em seu conteúdo moral ou social, eles ainda possuem um espaço assegurado na literatura e sobretudo no currículo escolar.

Em seu estudo sobre o cânone ocidental, Harold Bloom (1995) descarta os padrões de medida político ou moral de uma obra literária, argumentando que a originalidade e até a estranheza pelo novo são características da literatura que compõem a estética da obra, motivo mais relevante, de acordo com o autor, para se escolher um clássico. O autor afirma que o cânone “[...] tornou-se uma escolha entre textos que lutam uns com os outros pela sobrevivência” (BLOOM, 1995, p. 27), criticando o ataque feito às obras com argumentos políticos e de anacronismo. Já Ítalo Calvino (2007), em *Por que ler os clássicos?*, justifica a leitura de clássicos pela sua riqueza, por serem inesquecíveis, pela releitura, pela influência, pelo caráter inédito, por proporcionarem críticas e por serem atuais e universais.

Instaura-se, portanto, um campo de disputa literária referente à escolha dos livros que compõem o currículo escolar. Se, por um lado, defende-se a leitura de clássicos por sua relevância estética e outros argumentos apontados acima, por outro, esses mesmos clássicos podem ser questionados devido aos valores e às posições sociais hegemônicas que representam. Em seu estudo sobre as teorias do currículo, Tomaz Tadeu da Silva (2017, p. 127) faz uma análise histórica das concepções curriculares, mostrando o argumento das teorias pós-colonialistas que criticam os currículos centrados nas grandes obras literárias: “a análise pós-colonial junta-se, assim, às análises pós-moderna e pós-estruturalista, para questionar as relações de poder e as formas de conhecimento que colocaram o sujeito imperial europeu na sua posição atual de privilégio”.

Além dessa perspectiva, os clássicos também podem ser percebidos como um conjunto de obras eruditas que constituem patrimônio da elite. Em *Os herdeiros*, Bourdieu e Passeron (2015, p. 39) afirmam que “todo ensino, e mais particularmente o ensino de cultura (mesmo científica) pressupõe implicitamente um corpo de saberes, de saber-fazer e sobretudo de saber-dizer, que constitui o patrimônio das classes cultas”. Nesse trecho, os autores chamam a atenção para o ensino da cultura – aqui, no caso, da literatura –, mas também de outros saberes culturais relacionados às práticas escolares, os quais fazem parte do ensino da cultura compreendida como vivência. A *cultura escolar*, portanto, seria a responsável por perpetuar tais práticas, aproximando os alunos do que seria a cultura da elite.

Sendo assim, o que ensinar? Que cultura(s) apresentar no currículo escolar? Os clássicos permanecem ou devem ser substituídos pela literatura contemporânea ou crítica? Quais os critérios para se escolher um livro em detrimento de outro? Jorge do Ó (2016, p. 35, itálicos do autor) afirma que “tal como nos surge, o currículo funda-se numa separação rígida entre *alta* e *baixa* cultura, o ensino para todos e a excelência para um punhado apenas”, de maneira a reconhecer uma distinção cultural e o privilégio de certas culturas em relação a outras. Já para Paulo Freire (2018), não haveria essa diferenciação qualitativa entre alta e baixa cultura, uma vez que ela deveria ser compreendida como resultado de qualquer trabalho humano, de maneira que o melhor termo, para esse autor, deveria ser sempre tratado no plural – culturas – sem comparar seus valores.

Muito se avançou nas concepções curriculares (SILVA, 2017), porém a questão do que se ensinar permanece e continuará presente, uma vez que o currículo escolar revela as demandas de ensino da sociedade, bem como aquilo que se pretende preservar como cultura. Atualmente, ainda há outras culturas em disputa, que não apenas a artística ou literária. Sem necessariamente a finalidade de fazer parte dos programas curriculares escolares, a cultura da mídia possui um espaço relevante na educação. Douglas Kellner (2001, p. 54, itálico do autor) afirma que

A expressão ‘cultura da mídia’ também tem a vantagem de dizer que a nossa é uma cultura da mídia, que a mídia colonizou a cultura, que ela constitui o principal veículo de distribuição e disseminação da cultura, que os meios de comunicação de massa suplantaram os modos anteriores de cultura como o livro ou a palavra falada, que vivemos num mundo no qual a mídia domina o lazer e a cultura. Ela é, portanto, a forma dominante e o lugar da cultura nas sociedades contemporâneas.

Nesse sentido, criam-se outros meios de ensino e produção da cultura os quais irão educar as crianças não somente na escola, mas dentro de suas casas por meio de revistas, jornais, brinquedos, cinema, televisão, internet, videogame, celular etc. (STEINBERG e KINCHELOE, 2004). Por meio desse *currículo cultural*, portanto, outras culturas se apresentam, sobretudo no cotidiano escolar, e também buscam seu espaço na educação.

Frente a essa pluralidade de culturas, vale o questionamento de Alfredo Bosi (1987a, p.174, itálicos do autor): “*educar, sim, mas para qual cultura?*”. O currículo escolar se encontra em um terreno de disputa entre as culturas erudita, popular e da mídia, cujas fronteiras nem sempre se distinguem claramente, de maneira a ora privilegiar uma delas em detrimento de outras, ora abranger todas na tentativa de

admitir seu caráter plural. Seja como for, na escola e em outros espaços sociais, essas culturas serão vivenciadas e entrarão em confronto muitas vezes.

Além da cultura apresentada pelo currículo escolar, há também aquela adquirida fora da escola pelas experiências pessoais, o que Georges Snyders (1988b) chama de *cultura primeira*. Para ele, essa cultura aprendida sem planejamentos ou teorias é adquirida fora da escola e tem o valor da satisfação, da curiosidade e do desejo. O autor também apresenta a ideia de *cultura elaborada*, que representa a cultura organizada, como os livros, as músicas, o cinema etc., a qual também oferece outro grau de satisfação. Sendo assim, caberia à escola propiciar esses conteúdos e vivências a fim de contribuir para o desenvolvimento do aluno. Snyders (1988a, p. 14) afirma que

Na escola, trata-se de conhecer alegrias diferentes que as da vida diária; coisas que sacodem, interpelam, a partir do que os alunos mudarão algo em sua vida, darão um novo sentido a ela, darão um sentido a sua vida. Se é preciso entrar na classe, é porque, no pátio, vocês não atingem o grau mais elevado de liberdade, nem de alegria.

Ou seja, há uma diferenciação da cultura vivenciada livremente daquela aprendida em aulas e livros dentro da escola, que passa a ser responsável por uma *educação cultural* orientada e planejada. Para isso, a escola utiliza seus tempos, espaços, materiais e demais recursos, como os próprios livros didáticos, para organizar os conteúdos culturais a serem ensinados e, assim, construir seu currículo. Um desses recursos que permite a organização dos saberes é a cultura escrita. Além de proporcionar a *acumulação da cultura* e uma bagagem cultural aos alunos por meio da leitura de livros, ela também produz efeitos de socialização duráveis (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001), colaborando para a composição da cultura escolar que será desenvolvida por meio de normas e práticas vividas em seu cotidiano no ensino dos mais diversos saberes. Essa vivência da cultura escolar, por sua vez, também irá estabelecer o modo através do qual o indivíduo vai se relacionar com a cultura em geral.

É nesse sentido que a educação faz parte da ideia de cultura: “todas as culturas devem incluir práticas tais como a criação de crianças, educação, assistência social, comunicação, e apoio mútuo; em caso contrário, elas seriam incapazes de se reproduzir” (EAGLETON, 2011, p. 39). Sendo assim, ela adquire um caráter político de disputa por ser responsável pela criação de uma unidade social “[...] no sentido de

ter em comum uma linguagem, herança, sistema educacional, valores compartilhados etc.” (ibidem, p. 42).

A possibilidade de criar uma unidade social a partir da cultura conduz à ideia de governo por meio da cultura (HALL, 1997) e de domínio cultural. É dessa forma que os Estudos Culturais compreendem a cultura:

[...] um campo contestado de significação. O que está centralmente envolvido nesse jogo é a definição da identidade cultural e social dos diferentes grupos. A cultura é um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas devem ser. A cultura é um jogo de poder. Os Estudos Culturais são particularmente sensíveis às relações de poder que definem o campo cultural. Numa definição sintética, poder-se-ia dizer que os Estudos Culturais estão preocupados com questões que se situam na conexão entre cultura, significação, identidade e poder (SILVA, 2017, p. 133-134).

Nesse contexto, a escola e os livros didáticos compõem o cenário da educação em que são dispostas as relações de poder através do currículo. Selecionar aquilo que deve ser conhecido e mantido como um saber cultural e social demanda regras e padrões que guiam a produção humana de conhecimentos. É por isso que Popkewitz (1994, p. 186) afirma que “o currículo, pois, pode ser visto como uma invenção da modernidade, a qual envolve formas de conhecimento cujas funções consistem em regular e disciplinar o indivíduo”. Uma vez que esse conhecimento é organizado na forma de currículo, participar da escolha do que se deve ensinar e do que deve estar presente nos materiais didáticos, seja em âmbito nacional, regional, escolar ou das próprias editoras, caracteriza-se como uma operação de poder.

Por mais diverso que seja o conceito de cultura e os usos que dela se faz, é por meio da análise do discurso e dos usos pedagógicos recomendados para os conteúdos culturais que serão identificados os modos de presença da cultura nos livros didáticos. Esse conceito abrange termos como erudição, civilização, costumes, vivências, antropologia, saberes, ciência, intelectualidade e artes. Tal complexidade de conceituação faz com que a cultura também seja compreendida como algo a ser disputado na sociedade, ora representando a elite, ora prezando pela pluralidade de diferentes culturas. Seja ela erudita, popular ou da mídia, desafia o currículo escolar a selecionar determinada(s) cultura(s) para o ensino. Mesmo que haja outros espaços de aprendizado, a escola é um espaço legitimado de formação cultural e utiliza, dentre seus recursos, o livro didático para amparar e organizar esse ensino. Nele, então, pode-se identificar que culturas se ensinam e como elas são apresentadas nas páginas desse material.

2.2. CONTEÚDOS CULTURAIS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Este subcapítulo tem o objetivo de traçar historicamente concepções relativas à presença da cultura na educação para amparar a discussão feita sobre os modos de presença dos conteúdos culturais nos livros didáticos. Inicialmente, serão apresentadas considerações sobre os conteúdos culturais no contexto do processo civilizatório do Ocidente, compreendendo que esse foi um período que gerou mudanças sociais que originaram uma nova perspectiva frente ao futuro da humanidade, proporcionando um olhar para a educação como algo poderoso que poderia formar e desenvolver habilidades para o que se esperava da civilização e urbanização durante a passagem do período do Renascimento à Modernidade. Em seguida, apresenta-se o surgimento da escola de massas, por compreender que esse é o contexto educacional onde os livros didáticos assumem o caráter que têm atualmente. Uma vez que a discussão histórica sobre esses períodos não é objeto de estudo deste trabalho, este subcapítulo apenas mostra algumas percepções teóricas relacionadas à ideia de educação para a civilidade, aos aspectos morais apresentados como conteúdo cultural e à legitimação da cultura no campo educacional, as quais serão tratadas e exemplificadas no capítulo de análise dos livros didáticos desta dissertação.

Durante o processo de civilização ocidental que enxergava a educação como algo que poderia desenvolver o ser humano e, com isso, aspirar a um futuro, as crianças passaram a ser vistas como os sujeitos capazes de transformar a sociedade ao se tornarem adultas. Sendo assim, quanto melhor fossem formadas e cuidadas, melhor seria esse futuro. Suas atividades e seu acesso à cultura passaram, então, a ser vigiados e *adequados*. De acordo com Chartier (2001, p. 156),

Ambos os perigos, tomar o fictício como real e fundir o mundo do texto com o mundo do leitor, foram percebidos nos séculos XVI e XVII pelas autoridades e, desta maneira, a figura do poder, por um lado, e a figura do leitor silencioso, por outro, são antagônicas, como dois extremos de uma relação de obediência e de imposição.

Os conteúdos culturais se tornaram, pois, suporte para o comportamento e desenvolvimento humanos no contexto civilizador, situado entre os séculos XV e XVIII, e passaram a fazer parte da vida das crianças ao longo do tempo, transformando sua posição social na história e seu modo de aprender e se relacionar com o mundo.

Considerar esse período da Renascença ao início da Modernidade para o trabalho aqui apresentado justifica-se por duas principais razões: a primeira diz respeito ao próprio advento da infância. Na Idade Média, as crianças eram tidas como pequenos adultos, homens de tamanho reduzido (ARIÈS, 1986), livres de qualquer pudor e, durante esse período, sua iconografia foi se modificando, até que, ao final dessa época, as crianças passavam a ser paparicadas, mimadas, mas, acima de tudo, seres que deveriam ser *educados* para a civilidade. A segunda se refere à expansão da escrita nesse período. Com a invenção da imprensa, a sociedade se tornou cada vez mais letrada e se organizou de tal forma a universalizar padrões culturais e selecioná-los de acordo com seu ideal. André Petitat (1994, p. 264), em seu estudo sobre a evolução escolar no ocidente, afirma que “o fenômeno de intermediação cultural se amplia com o recuo da sociedade oral. A partir da Idade Média, assistimos na sociedade ocidental a uma separação entre a produção cultural e o seu consumo”. É nesse contexto, pois, que se insere a *ideia de educação* como se conhece hoje, responsável por civilizar a sociedade e ser o caminho para seu aperfeiçoamento.

Uma vez que os livros didáticos serão, dentre outros materiais e aspectos da cultura escolar, orientadores dessa civilização, faz-se importante refletir sobre as consequências desse percurso histórico, sem enxergá-lo como reprodutor ou transgressor, mas identificando suas contribuições no que diz respeito à formação da cultura infantil e seus conteúdos culturais. Com isso, pode-se pensar sobre como é apresentada a cultura na educação contemporânea, a partir da análise do currículo, das privações e da seleção de materiais culturais do período tratado, originando a ideia de aceitação ou não de determinadas referências culturais nos padrões sociais.

A educação no processo civilizador ocidental, portanto, passa a ser tema de estudo e de ocupação entre os filósofos, pois formará o ser humano por completo. Em uma sociedade de corte, era necessário que as pessoas controlassem seus impulsos, instintos, gestos, comportamentos e afetividade, para viverem nesse ambiente que se mostrava mais complexo nas relações. Era necessário também privar as crianças das perversidades do mundo dos adultos, para que elas tivessem certa nobreza espiritual e civilizassem a sociedade por vir, oferecendo-as “[...] coisas alegres e amenas. Em qualquer hipótese, que fique longe da escola toda espécie de amargura e violência” (ERASMO, 2011b, p. 168). Isso mostra como a criança passa a ser protegida, incompleta e dependente, de maneira a ser controlada para criar uma nova sociedade e garantindo que a mesma fosse mantida e assegurada no futuro com homens

civilizados. Começava-se a selecionar os conteúdos com os quais ela teria contato. Sendo assim, não se deveria maltratá-la, mas sim educá-la, cuidando de seus ambientes e referências.

Nesse contexto, Erasmo (1466-1536) mapeia os costumes da nobreza de forma mais refinada, criando *A Civilidade Pueril* (1530), que iria indicar normas e cuidados com o corpo e modos de se portar em sociedade, tanto por serem esses modos os da nobreza, quanto porque eles seriam os plausíveis – em sua visão – de sustentar uma sociedade que já se tornava urbana. Dessa forma, era necessário, também, escolher para as crianças o que elas deveriam fazer, estudar e utilizar, privando-as de algumas referências e incentivando-as a outras.

Uma vez que “a razão faz o homem” (ERASMO, 2011b, p. 89), o misticismo passa cada vez mais a ficar de lado, dando espaço ao ensino das boas letras. André Petitat (1994, p. 68) mostra, sobre esse período, que “a cultura livresca afirma a sua dominação sobre a cultura vivenciada”, de maneira a criar referências culturais em meio a um contexto em que a imprensa se desenvolvia a todo o vapor e se criavam critérios sociais para aceitação de costumes, escolhendo-se, portanto, aquilo que se deveria veicular culturalmente e criando a ideia de que nem tudo que se escreve e se lê é igualmente importante. A oralidade e as histórias populares passam a ser vistas como futilidades e perda de tempo no percurso da educação, como defendia Erasmo (2011b, p. 169):

Quantas mentiras nessas historietas populares! Quantos delírios, quantas sentenças iníquas que nós, adultos, gravamos na memória só porque, quando ainda pequenos, ouvimos de nossos avós, das mães e das aias, enquanto éramos embalados no colo, em meio a abraços e carícias.

É interessante observar como o conteúdo das histórias populares é desvalorizado nesse período e passará a ser valorizado no século XX como pertencentes à cultura nacional, contribuindo para a formação da ideia de nação, como poderá ser visto na análise do livro didático *Meninice*, de 1937. Da mesma forma, essas histórias populares e a oralidade serão valorizadas no século XXI, tanto por pertencerem a uma cultura legitimada pelo século anterior, quanto por serem utilizadas como recurso didático para criar interesse nas crianças e trabalhar os conteúdos da língua portuguesa, como poderá ser visto na análise do livro didático *Ápis: letramento e alfabetização*, de 2012.

Passa a haver, então, uma valorização dos livros e dos métodos de ensino para que se garantisse uma boa educação por meio da responsabilidade do governo

em criar e manter escolas para ensinar crianças na expectativa de obter um futuro melhor. Sendo assim, surgia a preocupação técnica e metodológica com o conhecimento, juntamente com o currículo do que se queria ensinar, de maneira a ampliar e legitimar o espaço de educação, por meio do governo. Estava dado o contexto para o surgimento dos livros didáticos de maneira formal.

Além disso, a formação de hábitos e o controle dos mesmos se tornavam cada vez mais frequentes para que se criasse uma sociedade civilizada. A racionalização gradual que regulamentava a vergonha construía um autocontrole estável, uniforme e generalizado, criando uma teia de sistemas complexos que regulava os comportamentos, os quais se tornavam cada vez mais previsíveis e vigiados, fosse externamente, por meio de regras de condutas empreendidas pela literatura, ou internamente, por meio do controle da vida interior com a vergonha, os sentimentos, as condições psicológicas e a privação de viver nos extremos das emoções (FOUCAULT, 1985). A nobreza, então, deixava de ser de sangue e passava a ser de comportamento, aumentando o controle sobre aquilo que se vivenciava culturalmente.

A civilidade se tornava algo fundamental para a sociedade do futuro, devendo ser ensinada com obediência e submissão. Tem-se aqui uma educação todopoderosa que será responsável pela formação do ser humano. Sendo assim, fez-se necessário privar a criança do mundo perverso dos adultos, afastando-a de situações desagradáveis, para que ela pudesse carregar apenas boas referências para construir um futuro desejado.

No decorrer dos séculos XVII e XVIII, os cientistas haviam acumulado muitos saberes considerados válidos para a sociedade da época, criando a própria ciência moderna. Soma-se a esse contexto o fato de que a educação já vinha sendo norteadada pela razão, e tem-se, portanto, o surgimento do Iluminismo, que pretendia, por meio do acúmulo de saberes, refutar uma sociedade absolutista e religiosa. Nasce, assim, um material que propunha conter todos os saberes em uma única obra: a Enciclopédia, publicada entre 1751 e 1775. Pretendia-se, com ela, manter o uso dos conhecimentos práticos, a razão como instrutora da educação e a prática dos bons costumes. No entanto, não se deveria ensinar somente o que é *bom*, mas todo o conhecimento humano para prevenir os males da sociedade, de maneira ordenada e acessível à sociedade letrada.

Além da importância da memória e erudição² para a Enciclopédia, seu discurso também pressupunha a ciência como verdade absoluta, de maneira a dar valor às *obras-primas*, selecionando aquelas que fariam parte da cultura e formação humana, ou da degradação da mesma: “[...] é mais à mania do pedantismo e ao abuso da Filosofia do que à abundância dos Dicionários que se devem atribuir nossa preguiça e a decadência do bom gosto” (DIDEROT, D’ALEMBERT, 2015, p. 87). Com essa citação, percebe-se que já havia a ideia de certas obras *poderem* ser lidas e outras não, tanto com relação ao que se deveria aprender, quanto com relação ao *bom gosto*, fundamentado nas obras citadas pelos enciclopedistas. Esse termo passa a ser atrelado aos conteúdos de certa cultura veiculada nos livros escolares e valorizada na enciclopédia, delimitando aquilo que seria ensinado aos alunos e dando juízo de valor aos conteúdos culturais. Atualmente, a cultura erudita, compreendida como saberes acumulados, faz parte da cultura considerada sofisticada e adequada para ser ensinada aos alunos.

Durante o Iluminismo, foi possível encarar a razão, a inteligência e o estudo dos conhecimentos como partes principais da educação e a saída para uma sociedade mais avançada. No entanto, a razão em si não necessariamente garantia pessoas de bem. Começava-se a pensar no homem como indivíduo responsável por suas ações perante a sociedade e as leis. Por ser a única criatura que precisava ser educada, o ser humano era, portanto, um discípulo, um ser infante, o qual necessitava de alguém ou algo para guiá-lo a agir de acordo com o dever, com a moral, e não pelas leis externas a ele. Para formar esse ser livre que agiria de acordo com sua moral, as crianças não deveriam, portanto, se distrair, nem desviar sua atenção, com “a leitura de romances [...], porque elas não os utilizam depois, uma vez que os usam como divertimento [...]”. É preciso, pois, retirar das mãos das crianças todos os romances” (KANT, 2002, p. 65) para não prejudicar a memória, nem transformar tais distrações em hábitos.

Aqui, percebe-se a manutenção do valor da utilidade dos conhecimentos para a sociedade, além da própria erudição. Esse mesmo valor foi mantido no contexto brasileiro com a visão de que certas novelas romanescas não tinham conteúdo e eram lidas apenas por entretenimento, algo considerado perda de tempo no fim do regime monárquico e sobretudo no início da república em que o país incentivava a

² A palavra *erudição*, no contexto do período tratado, refere-se ao acúmulo de conhecimento adquirido com o tempo. Dessa forma, os eruditos seriam os mais sábios, pela quantidade de saber que tinham.

produtividade do trabalho, como será visto no subcapítulo seguinte. Temia-se também a degeneração da educação provocada por culturas ilegítimas que, se se tornassem hábitos e participassem na formação do ser humano, poderiam torná-lo incapaz de agir com a boa vontade, almejada pela moral e ensinada nas escolas.

Para se viver na nova sociedade moderna, era necessário aprender saberes para o momento presente e para o futuro, não mais estudar o passado, já considerado obsoleto, o qual poderia, inclusive, corromper novas ideias. Dessa forma, ler livros antigos só serviria para aqueles que não estariam interessados em estudar a Ciência, mas a História, pois eles não trariam as verdades da razão:

Procuramos com a educação fazer conhecer verdades, e estes livros estão cheios de erros.
Buscamos formar a razão, e estes livros podem desorientá-la.
Estamos tão longe dos antigos, temo-los ultrapassado tanto no caminho da verdade, que é preciso ter já o espírito inteiramente formado, para que estes preciosos despojos possam enriquecê-lo, sem o corromperem.
(CONDORCET, 1943, p. 32).

Percebe-se, aqui, uma desvalorização do passado em detrimento do estudo do presente para se formar o futuro. Algumas obras se tornariam inadequadas para o ensino por terem conteúdos culturais antigos, os quais não representavam as realidades e anseios da época. Atualmente, pode-se observar uma valorização do passado encontrada na permanência de algumas obras literárias nos livros didáticos, mas também certa valorização do presente ao se escolarizar a cultura popular com a escrita e leitura de parlendas e cantigas, ou até mesmo com a presença da cultura da mídia nos livros didáticos, como será visto nas análises do capítulo 3.

Privar as crianças de ou incentivá-las a certas situações, espaços, materiais, cultura e conhecimento, tornam-se uma constante na história da pedagogia, sobretudo no período do processo civilizador ocidental com a criação da civilidade. Sociedades ordenadas tornam-se cada vez mais complexas, de maneira a buscar diferentes tipos de controle para se manter o bem-estar. O poder sobre os conteúdos culturais é um deles. Durante as épocas aqui exploradas, percebe-se que muitos aspectos foram mantidos no currículo da educação. A utilidade do ensino e conhecimento das ciências para que os homens cumprissem suas funções sociais e agissem melhor na sociedade foi um deles. Para isso, o ensino foi organizado em conteúdos e seriações nas escolas, de maneira a educar as crianças a partir de materiais selecionados e adequados para o desenvolvimento da civilização. Responsabilizar as crianças por um futuro melhor fez com que elas fossem privadas ou incentivadas a certas

situações, objetos, experiências e conteúdos culturais, para que tivessem menos contato com as perversidades adultas e, com isso, expandissem para o mundo sua pureza. Petitat (1994, p. 261) afirma que foi concedido “[...] ao ensino um poder extraordinário, seja como força progressista ou revolucionária, seja como fator de ordem e de conservação”. Tal poder confere à educação o espaço para se julgar o que é adequado ou não ensinar e como o deve ser feito, privando ou incentivando as crianças a produzirem e vivenciarem certos conteúdos culturais, tornando-os suporte para o comportamento e desenvolvimento da humanidade.

Uma vez que a educação compreende o caráter de civilização, ela passa a ser cada vez mais organizada com relação ao currículo, aos tempos e espaços para suprir as demandas sociais. No século XX, a escola passa a se tornar a instituição central responsável por essa organização e para o desenvolvimento da sociedade capitalista, seja como modo de dominação ou normalização cultural, seja no sentido de expansão da cidadania (ANTUNES, 1995). Ela passa a ser vista como uma nova ordem para efetuar o progresso, inspirada na ideia de que a educação seria a solução para qualquer desequilíbrio da sociedade, de maneira a direcionar os interesses políticos para o desenvolvimento das escolas.

No caso do Brasil, a educação passa a ser tema central para o desenvolvimento da sociedade no século XX. Pensadores e políticos dos anos 1920 compreendiam que a escolarização poderia sanar outros problemas vitais da nação, juntamente com as atuações política, econômica, cultural e social. As escolas, instituições organizadas para educar as pessoas, atuavam na base da sociedade, formando futuros cidadãos. Com esse entusiasmo pela educação (NAGLE, 2001), novas reformas seriam feitas para ampliar o acesso das crianças à escola, organizar o currículo e formar professoras, como naquelas propostas por Sampaio Dória em São Paulo nos anos 1920 ou por Francisco Campos em Minas Gerais nos anos 1930, organizando a administração do sistema público de ensino, investindo na educação e tornando a escola obrigatória (SAVIANI, 2013; CARVALHO, 2003). Logo em seguida, as contribuições dos escolanovistas entre os anos 1930 e 1940, principalmente, viriam para reafirmar a importância da educação e da organização escolar, ampliando a discussão para a filosofia e as metodologias de ensino.

Em seu estudo sobre a educação e a sociedade brasileira na primeira república, Jorge Nagle (2001, p. 134) afirma que a escolarização ganhava prestígio por ser compreendida como responsável pelas transformações sociais:

[...] foi o aparecimento de inusitado entusiasmo pela escolarização e de marcante otimismo pedagógico: de um lado, existe a crença de que, pela multiplicação das instituições escolares, da disseminação da educação escolar, será possível incorporar grandes camadas da população na senda do progresso nacional, e colocar o Brasil no caminho das grandes nações do mundo; de outro lado, existe a crença de que determinadas formulações doutrinárias sobre a escolarização indicam o caminho para a verdadeira formação do novo homem brasileiro (escolanovismo). A partir de determinado momento, as formulações se integram: da proclamação de que o Brasil, especialmente no decênio da década de 1920, vive uma hora decisiva, que está exigindo outros padrões de relações e de convivências humanas, imediatamente decorre a crença na possibilidade de reformar a sociedade pela reforma do homem, para o que a escolarização tem um papel insubstituível, pois é interpretada como o mais decisivo instrumento de aceleração histórica.

Para essa reformulação do sujeito social, a Escola Nova visava à escolarização em massa da população, pautada no ensino das ciências, do pensamento reflexivo e da pesquisa, em contraposição ao ensino humanista e pouco prático destinado às elites do país (LAJOLO e ZILBERMAN, 2002a). Nesse contexto de inovação e progresso, o sistema público de ensino se desenvolve e junto dele livros e guias de ensino passam a ser elaborados para evidenciar tal progresso e orientar o ensino brasileiro (BITTENCOURT, 2001). Surge, portanto, a escola de massas que carregaria consigo responsabilidades perante a educação do povo, objetivando a igualdade no direito à educação por meio do acesso à escola. A partir disso, ampliam-se tanto as unidades escolares, quanto a organização do ensino como o currículo, o espaço, o tempo e os materiais, encarregando o Estado de uma responsabilização nesse processo.

A escola passa a ser vista como um espaço contraditório: por um lado, ela é o lugar de acesso à cultura, à educação, à instrução, às ciências, à informação, capaz de transformar a sociedade, ensinando valores e conhecimentos relevantes para mudar ou transgredir aspectos sociais; por outro, ela é compreendida como um lugar de reprodução das desigualdades sociais e da cultura de elite, de maneira a valorizar certos costumes e saberes organizados em seu currículo em detrimento de conteúdos populares. Tal contradição, caracteriza, portanto, a cultura escolar que se desenvolve no contexto da escola de massas. Programática e transgressora, ela organiza seus saberes, mas também é espaço de resistência que se apresenta na forma das manifestações dos alunos no cotidiano escolar (BOTO, 2003).

Na compreensão de que a escola não é apenas transgressora ou reprodutora da sociedade, mas caracteriza-se justamente pela complexidade de abranger ambas as concepções, tem-se, por um lado, o discurso pedagógico que organiza o ensino

por meio do currículo, dos espaços e dos tempos escolares e, por outro, as práticas vivenciadas pelos agentes da escola, representados por alunos, professores, coordenadores e diretores, os quais usufruem dos espaços, tempos e materiais da escola. Ambas as situações fazem parte da cultura escolar (FILHO et. al., 2004), no entanto, este trabalho se sustenta naquela referente ao discurso pedagógico representado nas páginas dos livros didáticos.

Por ser um material presente na cultura escolar, o qual adquiriu especial importância no contexto da escola de massas, como poderá ver visto no subcapítulo a seguir, ele carrega em sua superfície a cultura a ser transmitida nas escolas. Uma vez que a escola é *para todos*, ela também envolve certa adequação cultural no intuito de se formar futuros cidadãos aptos para as demandas sociais (ANTUNES, 1995). No entanto, ela pode se tornar um lugar de disputa entre as culturas apresentadas nos livros didáticos ou nos currículos e as culturas populares levadas pelos alunos no dia-a-dia, como as culturas de massa.

Apesar do caráter popular da escola de massas, Umberto Eco (2006) afirma que a escola não pretende transmitir a cultura de massa – aquela representada pela cultura da mídia e popular –, apenas tem de lidar com ela em seu cotidiano. No limite, o que a escola faz, de acordo como o autor, é massificar a cultura erudita. Além disso, ele compreende a escola como um lugar que questiona se sua função é a de alargar a cultura, de maneira a introduzir a cultura de massas em seu currículo, ou de fortalecer uma anticultura, no sentido de prevalecer a cultura erudita em detrimento da cultura popular.

Em meio a esse paradoxo de referências culturais, os alunos não deixam de consumir aquilo que o ensino produz (BOURDIEU e PASSERON, 2015) e a escola de massas, por ser a instituição legitimada pelo Estado, organiza os conteúdos culturais a serem transmitidos, dentre outras formas, por meio dos livros didáticos. O desafio da escola está em identificar “[...] quais os conhecimentos, competências e disposições que constituem o núcleo duro do ‘arbítrio cultural’ da escola e que podem ser vistos como favoráveis à promoção educativa e cultural dos estudantes” (ANTUNES, 1995, p. 200). Já o desafio deste trabalho não investiga a cultura escolar dos tempos e espaços em que os alunos transgridem ou disputam sua cultura, mas vai no sentido de compreender qual cultura é selecionada, legitimada e como ela se apresenta nos livros didáticos que compõem o contexto da escola de massas.

2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL

Este subcapítulo traça um panorama da história do livro didático no Brasil com ênfase no início de sua produção e na atualidade, períodos trabalhados nas análises realizadas no capítulo seguinte. Com isso, reflete-se sobre os contextos de inserção e importância desse material para a educação formal brasileira, de maneira a compreender o espaço que ele ocupa no discurso pedagógico referente às culturas na infância. Para isso, serão feitas considerações a respeito do mercado editorial, produção nacional, autoria, vigilância do Estado, unificação educacional, relação entre Estado e Igreja e intenções educativas editoriais. Durante essa exposição, serão feitos comentários que relacionam os aspectos da história do livro didático com os conteúdos culturais nele apresentados, objetivo principal deste trabalho.

Inicialmente, é importante considerar o contexto de produção de um livro didático, tanto com relação ao mercado editorial, quanto com as funções desse material. De acordo com Chopin (2004, p. 554),

A concepção de um livro didático inscreve-se em um ambiente pedagógico específico e em um contexto regulador que, juntamente com o desenvolvimento dos sistemas nacionais ou regionais, é, na maioria das vezes, característico das produções escolares (edições estatais, procedimentos de aprovação prévia, liberdade de produção, etc.).

Dessa forma, além de passar por uma série de interferências editoriais, como conteúdo, formato, tipografia, paginação, ilustração, entre outros aspectos formais de um livro qualquer, o livro didático possui intensa relação com os sistemas de governo, uma vez que seu conteúdo será pautado em leis e parâmetros curriculares regionais ou nacionais. Além disso, é um material a partir do qual se percebem permanências e mudanças referentes aos tipos de atividades propostas, as quais ilustram as discussões didáticas e pedagógicas sobre as metodologias de ensino. Por causa disso, ele revela os conteúdos culturais propostos em seus diferentes contextos, com relação aos gêneros e conteúdos culturais apresentados em suas páginas. Sendo assim, os livros didáticos, como outros livros, também servem como instrumento de difusão de valores produzidos (ECO, 2006) por autores e editoras que divulgam o discurso pedagógico.

De acordo com a pesquisa de Circe Bittencourt (2008) sobre a história do livro didático no processo de constituição do ensino escolar brasileiro, os livros didáticos nacionais começaram a ser publicados pois se acreditava que, principalmente para o

ensino da língua portuguesa, havia peculiaridades da linguagem que não se poderiam traduzir de outra forma, senão ensinando-as formalmente. De 1808 ao final da Monarquia brasileira, tais livros passaram por diversos processos de produção. Iniciaram com a imprensa régia, posteriormente foram editados e traduzidos por países como Portugal e França, em seguida pelo Município da Corte, já com produções nacionais, até chegar às produções regionais no final da Monarquia (TAMBARA, 2002).

A partir de então, as produções se mantiveram nacionais no período republicano até os dias de hoje. Bittencourt (2008, p. 26) afirma que

As propostas de 'nacionalização' da literatura escolar corresponderam ao período de crescimento da rede escolar, decorrente, em parte, das mudanças sociais surgidas com a urbanização, imigração, do esfacelamento do trabalho escravo e modernizações tecnológicas nos meios de comunicação [...]

As propostas de 'nacionalização' da obra didática representavam o grupo de educadores favoráveis ao domínio do Estado na escola pública, em detrimento do poder da Igreja, evidenciando conflitos de setores em luta pelo poder no nível central ou para obter o controle político nas esferas regionais.

As produções nacionais estavam vinculadas a um contexto de urbanização e modernização de regiões do país, além da criação do Estado laico. Até então, a Igreja Católica era presente na vida educacional. Com o início da república, ela deixa de ser atuante em disciplinas escolares e vigilância das instituições, mas continua “[...] a exercer seu domínio sobre a produção didática, conseguindo estender sua rede de ensino a partir do final do século XIX, com a vinda de várias ordens religiosas européias [sic]” (BITTENCOURT, 2008, p. 60). Como poderá ser visto mais adiante na análise do livro didático *Novo Manual de Lingua Portuguesa: Grammatica, Lexicologia, Analyse, Composição*, de 1912, textos de cunho moral atrelados à religião eram muito presentes no ensino primário.

No entanto, o lento afastamento da Igreja perante as escolas fez com que “[...] o Estado [passasse a] controlar a educação escolar intervindo em esferas onde o saber era produzido e nas formas como era utilizado e discriminado” (ibidem, p. 60). Sendo assim, além da organização escolar, os conteúdos culturais tratados na escola também eram regulados, de maneira a controlar a veiculação interna de quais livros seriam mais adequados aos alunos. De acordo com Stuart Hall (1997, p. 37, *itálicos do autor*), essa troca de controle da Igreja para o Estado faz com que se reflita “[...] não sobre a forma como determinada área da cultura pode ser desregulada, mas quando, como e por quê passa *de um modo de regulação a outro*”.

Mesmo com a permanência das referências religiosas na produção didática, “a tendência predominante entre os legisladores foi de aceitar a intervenção do Estado na organização de um vasto sistema de instrução elementar, garantindo-lhe organicidade e uniformidade” (BITTENCOURT, 2008, p. 34). Dessa forma, o Estado passou a se responsabilizar pela tarefa de vigiar as escolas públicas, fiscalizando as práticas escolares por meio de inspetores e diretores, embasados nas ideias progressistas e liberais do Estado Moderno. Para o desenvolvimento desse novo tempo, pretendia-se a criação e manutenção de bons sentimentos, amizade, benevolência e tolerância. Então, criou-se um sistema de vigilância do Estado para aprovação ou reprovação de materiais didáticos e obras a serem utilizadas na escola, espaço fundamental para ensinar valores morais às crianças do início da república.

Com o aumento do mercado editorial brasileiro e a veiculação dos livros didáticos às professoras, o controle se tornou mais presente. Inspetores e diretores vigiavam, dentro das escolas, o uso das obras didáticas feito pelos docentes. No entanto, aquelas que chegavam às escolas já haviam passado por outro filtro, pois eram vetadas ou proibidas pelo Conselho de Instrução ou Conselho Superior. Os professores que usassem livros proibidos eram punidos, suspensos ou multados (BITTENCOURT, 2008).

Para Hall (1997, p. 39), faz-se importante entender tal sistema de controle, pois “compreender o que há por detrás destas áreas de contestação moral e apreensão cultural é adquirir certo acesso indireto às correntes profundas e contraditórias da mudança cultural que se formam abaixo da superfície da sociedade”. Dessa forma, é relevante ressaltar que havia, como ainda há, uma intenção de governo e dos meios sociais de se transmitir certa cultura em detrimento de outras, com a ideia de que tal cultura formará melhor o ser humano do futuro. No período tratado, início do século XX, essa cultura era fundamentada nos bons costumes, nos ensinamentos morais cristãos e nas obras nacionais, como será visto nas análises dos livros didáticos.

Essa intenção, no entanto, não acontece de forma explícita e arquitetada, mas é construída por meio dos valores cultivados culturalmente em diversos setores da sociedade, principalmente o da educação. Sendo assim, esse discurso é formado por práticas, referências e usos, apesar de ser possível também analisar seus aspectos em textos legislativos, ou mesmo vivenciar falas dentro das escolas. De qualquer forma, no início da república, criavam-se valores sociais esperados para esse novo

momento de estruturação do país. O Estado passaria a ter mais controle, mas também mais recursos e interesse em formar uma população produtiva para criar segurança em uma nação que vivia transformações socioeconômicas relevantes, como os processos de imigração, o crescimento agrícola, o desenvolvimento industrial, além da nova experiência de se ter um presidente, não mais um rei (FAUSTO, 2009).

De acordo com Maria Marta Chagas de Carvalho (2003, p. 14, *itálico da autora*), em seu estudo sobre *A escola e a República*, a educação era a solução dos problemas no período republicano:

Regenerar as populações brasileiras, núcleo da nacionalidade, tornando-as saudáveis, disciplinadas e produtivas, eis o que se esperava da educação, erigida nesse imaginário em causa cívica de redenção nacional. Regenerar o brasileiro era dívida republicana a ser resgatada pelas novas gerações.

Sendo assim, proclamada a república, a escola foi o símbolo da nova ordem que aspirava a um futuro de progresso para o país. Com a ideia da emancipação intelectual para conquistar esse progresso, não bastava querer ensinar, mas saber ensinar. O interesse pelo ensino profissionalizante do corpo docente passa a se efetivar com a formação de professoras nas Escolas Normais, instituições de ensino de segundo grau responsáveis pela formação de docentes que lecionariam no ensino primário, e com a importação de materiais didáticos e métodos de ensino. Para superar o analfabetismo da população e formar cidadãos – brancos e imigrantes, pois os ex-escravos eram compreendidos como inferiores, não tendo oportunidade de educação formal – era praticada a nacionalização do ensino para abrigar os brasileiros e integrar o imigrante estrangeiro por meio da alfabetização e educação moral e cívica. A educação, então, era valorizada e compreendida como instrumento político de controle social. Dessa forma, a Associação Brasileira de Educação criou em 1924 um projeto político de reforma de costumes que ajustasse os sujeitos aos novos valores de vida, promovendo uma educação integral entre o ensino das letras e das ciências com o ensino moral de comportamentos desejados para aquela sociedade (CARVALHO, 2003).

Nesse contexto de mudança e afirmação da república,

*A literatura do corpus legislativo sobre a literatura didática nos informou que o livro era entendido como a possibilidade de unificar a educação escolar em todo o território nacional, favorecendo a inserção de determinadas categorias de jovens em uma mesma comunidade cultural, dominando uma única e determinada forma de se expressar e se comunicar (BITTENCOURT, 2008, p. 54, *itálico da autora*).*

A educação e fundamentalmente as escolas seriam responsáveis pela formação dessa nova população. Com isso, era importante que ensinassem, além dos conteúdos formais das disciplinas do ensino primário, valores morais e bons modos para se viver nessa sociedade que estaria por vir. As referências literárias, aqui, seriam de grande ajuda para esse fim. Nessa época, além dos livros didáticos que possuíam atividades e exercícios formais para ensinar conteúdos das diversas áreas do conhecimento aos alunos, havia também o *livro de leitura*, uma antologia de obras literárias que serviriam de referência cultural às crianças e promoviam o ensino da leitura. Esses livros eram compostos de diversos gêneros textuais e obras transcritas completamente, como poesias, contos e crônicas, ou em parte, como trechos de romances. Eles faziam parte do acervo literário dos alunos e possuíam diversidade de obras e gêneros. No entanto, por não terem explícitas suas propostas didáticas, não serão analisados neste trabalho.

Se no meio do século XIX tais referências eram pautadas no catecismo, em fábulas ou outras obras europeias (TAMBARA, 2002), no século XX, elas passariam a ser nacionais, para que se exaltasse a produção literária brasileira, no intuito de se formar uma nação, por meio do aprendizado da leitura e noções *úteis* à infância (BITTENCOURT, 2008), ou seja, aquelas fundamentais com relação à formação da civilidade e moralidade. Sendo assim, investidos e produzidos por autores autorizados do Estado, os livros didáticos e de leitura se tornavam materiais legitimadores da cultura por eles apresentada.

Refletindo sobre esse período, faz-se importante considerar a concepção de que a literatura escolar se encontra no cruzamento entre as literaturas religiosa, didática e de lazer (CHOPIN, 2004). Ao longo da história das produções didáticas, novas referências culturais apareceram nas páginas de seus livros, de maneira a manterem alguns autores, canonizando-os, além de criar novos formatos para o ensino da língua portuguesa, estética dos gêneros literários e propostas pedagógicas. Quais foram essas novas referências, que valores elas cultivavam e como se deu sua legitimação são aspectos que serão abordados cuidadosamente no capítulo de análise dos livros didáticos neste trabalho.

Do início da república aos dias de hoje, a regulamentação sobre o uso dos livros didáticos passou por grandes transformações. Em 1937, criou-se o Instituto Nacional do Livro, o qual servia para organizar e publicar enciclopédias e dicionários brasileiros, editar e importar livros estrangeiros, organizar e manter bibliotecas

públicas no país e “[...] editar toda sorte de obras raras ou preciosas, que sejam de grande interesse para a cultura nacional” (BRASIL, 1937). Nesse último elemento, fica clara a importância dada pelo Estado em formar uma cultura nacional, promovendo o desenvolvimento de uma nação.

Passando por momentos de ampliação da veiculação dos livros didáticos produzidos nacionalmente e por diferentes regulamentações de órgãos do governo, em 1985 nomeia-se o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) como responsável por aprovar e legitimar a produção editorial didática para as escolas públicas e referenciar exemplares também adquiridos na rede particular. As professoras passam a escolher os livros os quais poderiam ser reutilizados em anos posteriores. Em 1993/1994 “são definidos critérios para avaliação dos livros didáticos, com a publicação ‘Definição de Critérios para Avaliação dos Livros Didáticos’ MEC/FAE/UNESCO” (BRASIL, 2017), de maneira a construir o Guia de Livros Didáticos, implementado em 1996, o qual propunha avaliar livros elaborados por editoras brasileiras por meio de critérios previamente estabelecidos e indicar às escolas para que pudessem ter referências a partir da avaliação do programa do Estado, legitimando suas escolhas. De lá para cá, o programa se desenvolveu, adquirindo mais recursos e ampliando a distribuição de livros didáticos gratuitamente às escolas públicas brasileiras. Atualmente,

Os Programas do Livro compreendem as ações de dois programas: o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), por meio dos quais o governo federal provê as escolas de educação básica pública com obras didáticas, pedagógicas e literárias, bem como com outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita. (BRASIL, 2017).

Percebe-se que a regulamentação do controle da veiculação dos livros continua se referindo às obras didáticas e literárias, contribuindo para a formação de certas referências culturais, legitimadas pelo Estado. O acesso aos livros didáticos oferecido pelo PNLD ampara as escolas públicas de material de ensino que orienta o docente e instrumentaliza os alunos ao mesmo tempo em que divulga o discurso pedagógico sobre a cultura. Caracterizando os modos de presença das produções culturais nos livros didáticos, contribui-se para a análise desse discurso.

Observa-se, com esse breve histórico, o investimento do Estado no controle sobre os conteúdos tratados nos livros didáticos, desde sua implementação nas escolas, de maneira a veicular conteúdos culturais para a formação cívica e moral, além da instrução e cultivo de determinadas culturas, até os dias de hoje, com

programas e órgãos destinados à avaliação dos livros adequados a cada faixa etária e disciplina escolar. Quais são esses conteúdos e como eles são tratados nos livros didáticos, são assuntos abordados no capítulo a seguir.

3. MODOS DE PRESENÇA DA CULTURA NOS LIVROS DIDÁTICOS

3.1. O VALOR MORAL NA CULTURA LITERÁRIA

O objetivo deste subcapítulo é compreender como a cultura apresentada na forma de produções literárias aparece no discurso de um grupo de livros didáticos de língua portuguesa destinados aos anos iniciais do ensino primário, cujos conteúdos culturais foram produzidos pelos seus próprios autores³. Por meio das regularidades encontradas nos modos de presença da cultura na superfície dos livros, será descrito de que forma as produções literárias aparecem em suas páginas. Não se pretende analisar obra por obra ou até mesmo compreender o porquê de elas serem elaboradas de determinada maneira, mas caracterizar como são os textos literários e de que forma eles se apresentam nos livros didáticos.

Para isso, o subcapítulo analisa sete livros, os quais foram selecionados e categorizados a partir de suas autorias: *Gramática: a língua materna* (19--), *Leituras infantis: segundo livro* (191-), *Almas sensíveis* (1929), *A linda história do meu país* (1932), *Meninice* (1937), *Pindorama* (1940) e *Gramática funcional* (1973). As produções culturais literárias neles encontradas foram elaboradas pelos próprios autores dos livros, o que sugere, de início, uma *produção cultural didática*, ideia que será explorada ao longo deste texto. Para caracterizar os modos de presença da cultura nesses livros, serão investigadas as que características apresentadas na autoria dos textos literários; como esses textos são trabalhados didaticamente – a que eles servem; como se apresentam os conteúdos dos textos e quais os objetivos didáticos ao apresentar tais produções.

A característica fundamental desses livros didáticos, a qual justifica seu agrupamento, é a de que as produções culturais presentes nos sete livros foram elaboradas pelos seus próprios autores. Isso não significa que eles fertilmente criaram contos, poesias e atividades de suas mentes durante um dia de produção intelectual em suas escrivaninhas. Certamente, eles utilizaram referências para elaborar suas produções, de maneira que a autoria possa ser compreendida “[...] como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (FOUCAULT, 2014, p. 25). Essa própria categoria de seleção dos

³ As fichas técnicas referentes aos livros didáticos desse grupo podem ser encontradas no apêndice A deste trabalho.

livros didáticos aqui criada é um exemplo de como um mesmo discurso pode ser proferido por diferentes pessoas, mas não qualquer pessoa e sim alguma com determinadas qualidades que a possibilitam assumir a posição em que se encontra nessa discursividade. Para esclarecer, não é qualquer pessoa que poderia escrever os livros didáticos aqui apresentados, mas eles também não poderiam ser escritos por um indivíduo singular. Há determinadas qualificações para ser um autor de livro didático. Por meio das recorrências sobre como a cultura é apresentada por seus autores nesses materiais, é possível perceber as similaridades discursivas entre os livros, tornando evidente a questão da unidade do discurso nas autorias.

O primeiro livro a ser descrito se chama *Gramática: a língua materna* e foi escrito no início do século XX em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, por Alfredo Clemente Pinto. O livro é organizado em assuntos gramaticais com exercícios a partir da análise de frases ou sequências de palavras criadas pelo autor. Foi um livro aprovado pelo governo da época para o 4º ano do ensino primário. Nota-se que as produções culturais desse livro são apenas frases soltas ou palavras a serem analisadas gramaticalmente em contexto didático, como visto na citação a seguir. Nem sempre as frases apresentadas pertencem a uma mesma temática. No entanto, elas exibem valores morais que aparecem nos exemplos como situações cotidianas.

Em um exercício sobre transformar o singular em plural, é possível perceber o que se espera como normal naquela sociedade:

Um moço modesto. Uma mulher feliz. Aquêlê trabalhador hábil. O criado negligente e preguiçoso. O menino manhoso. A criança manhosa. O meu caderno novo. A minha camisa nova. O canto agradável. A fruta saborosa. O guerreiro audaz. (PINTO, 19-- , p. 40).

Apenas nesse trecho, pode-se ler a expectativa com relação ao papel do homem e da mulher na sociedade, por meio das primeiras três frases; a existência da cultura da escravidão, por meio da quarta frase; a importância dada à infância e à cultura escolar, pelas quatro frases seguintes; outras situações do cotidiano e a presença da cultura militar, por meio da última frase. Em um segundo nível de leitura, percebe-se que as produções culturais desse livro se apresentam de forma estritamente didática a partir de sequências de frases com conteúdo sobre o cotidiano e não por meio de textos literários narrativos, por exemplo.

O mesmo acontece com o livro *Gramática funcional*, escrito no ano de 1973 em Belo Horizonte, Minas Gerais, por Norma de Castro Leite e Geralda Caldeira Soares para o 3º ano do ensino primário. Ele também é composto por sequências de

exercícios com excertos para serem analisados ou completados. No entanto, mistura frases elaboradas pelas autoras do próprio livro com os conteúdos retirados de contos de fadas, lendas, fábulas e mitos gregos, pressupondo certa tradição cultural dessas referências, como pode ser visto no exemplo a seguir, em que fica evidente que se trata d'*A branca de neve e os sete anões*, mas os trechos foram elaborados pelas autoras do livro:

Marque, dentro dos quadradinhos, as interpretações de acordo com os fatos de cada período:

A) A bruxa entrou na casa dos anões,

B) Quando a noite caiu.

☐ A entrada da bruxa na casinha dos anões.

☐ A ocasião em que isto aconteceu. (LEITE; SOARES, 1973, p. 14).

Sobre essa apropriação da tradição cultural aqui representada pelos contos clássicos, ao estudar sobre o que as pessoas leem, Chartier (1999) reitera a legitimidade daquilo que é lido nas escolas e transformado em cânone. O autor afirma que "(...) se chega, ao longo dos séculos XIX e XX, à definição da leitura como acesso à cultura, a um mundo de obras que devem permear a mente e a ética" (CHARTIER, 2001, p. 77). Essas considerações evidenciam a expectativa do livro didático *Gramática funcional* de que os alunos conheçam previamente certas obras literárias, para que consigam realizar exercícios gramaticais ou mesmo produções escritas referentes às estruturas narrativas dos contos de fadas, por exemplo. Isso fica claro em outra proposta do livro a qual pede que o aluno elabore uma sentença sobre a seguinte ilustração:

Figura 1 – Ilustração referente a uma cena do conto *Chapeuzinho Vermelho*.

Fonte: LEITE; SOARES, 1973, p. 12.

Ora, é evidente que essa ilustração se refere ao conto clássico *Chapeuzinho Vermelho*. Dessa forma, é esperado que o aluno o conheça para que possa criar sentenças condizentes com a narrativa da história: o momento em que Chapeuzinho encontra o lobo.

Se no primeiro livro apresentado notou-se a presença de excertos sobre a vida cotidiana da época, neste livro também se nota a presença de excertos sobre festas populares, ciências naturais, situações cotidianas e temáticas religiosas, como no excerto do único texto de autor externo referenciado como Malba Tahan:

E reinava ali uma grande alegria! Parecia até circo! Todos procuravam alegrar o Menino Jesus. O coelho dava cambalhotas; o tatu rolava como bola; o macaco fazia caretas engraçadíssimas. E para todos Jesus tinha um sorriso de bondade. (TAHAN⁴, apud LEITE; SOARES, 1973, p. 51, itálicos das autoras).

Nesse caso, além de ler *com bastante atenção* o trecho citado, o livro propõe ao aluno: “veja novamente o trecho e continue sublinhando em cada predicado as palavras que exprimem as ações” (LEITE; SOARES, 1973, p. 51), o que mostra que a função didática do estudo gramatical permanece a mesma independentemente do conteúdo dos exemplos literários utilizados. Nas referências literárias apresentadas também aparece a apropriação didática da cultura literária infantil, de maneira a tratar a presença da cultura sob a função didática do estudo gramatical.

Tal função também é identificada no terceiro livro aqui analisado. *Meninice*, escrito no ano de 1937 em São Paulo para o 3º ano do ensino primário, por Luiz Gonzaga Fleury, apresenta uma sequência de textos narrativos com conteúdo moral, científico, histórico e geográfico, seguidos de vocabulário e exercícios gramaticais. O que o difere dos outros livros é o fato de nele aparecerem narrativas elaboradas pelo autor do material didático. As produções variam entre contos, poesias, biografias e textos informativos, as quais expressam valores morais com uma linguagem literal de ensinamentos sobre o que é esperado de uma criança naquele tempo. Em uma poesia do livro, isso fica claro no trecho: “Pois que estudou o ano inteiro / Com tôda paciência e tino / Goza as férias prazenteiro / Sem cuidados o menino” (FLEURY, 1940, p. 40).

É interessante observar como, nesse livro, a produção cultural se apresenta de forma literária, adotando a perspectiva de que a narrativa é um formato conhecido pelas crianças, portanto mais familiar a elas e de fácil acesso para aprenderem, como será defendido em outros livros posteriormente. Vê-se, aqui, como a produção didática se apropria dos gêneros literários para o fim do ensino e não necessariamente o do prazer ou o da apreciação, comumente associados à literatura. Com relação a isso, afirma-se que essa é uma prática pedagógica a qual se encontra na *cultura escolar* (JULIA, 2001; VINCENT et al., 2001; FILHO et al., 2004).

⁴ Não foi possível encontrar a fonte desse texto utilizado por Leite e Soares (1973).

Retomando a definição de Julia (2001) sobre cultura escolar como sendo um conjunto de normas e práticas com a finalidade de educar pessoas em determinados períodos, no caso desses livros didáticos, a norma se daria por meio dos conhecimentos ensinados – os próprios valores morais –, as referências literárias e as regras gramaticais, e a prática seria a própria produção do material didático, assim como seu uso em sala de aula. Em meio a esse contexto, duas questões se mostram relevantes: como aparece o valor da erudição no discurso pedagógico? E qual a função da cultura no contexto educacional?

Os livros didáticos colocam certa cultura à disposição dos alunos, pois nesse material escolar não se contemplam todos os tipos de cultura, mesmo que somente a literária, tanto por não haver espaço, quanto pela diversidade cultural de distintas regiões do país e o risco que se correria em reduzir as experiências e expressões de cada cultura em poucas páginas de um livro didático. Esse é o desafio da seleção na elaboração de um currículo que fará com que as obras exploradas didaticamente pelos livros se tornem referências culturais para os alunos, criando, a longo prazo, cânones literários autorizados e reproduzidos pela escola.

Se, por um lado, esses cânones ocupam o espaço da nova literatura, ou de outras propostas didáticas, por outro, eles também fazem parte daquilo que Snyders (1988b) enuncia como a *cultura elaborada*, que seria o conjunto de produções culturais humanas – científicas, literárias e artísticas – responsável por proporcionar valores e experiências não-encontrados na *cultura primeira*. Sendo assim, os materiais didáticos pautam-se nesses valores para manterem certas referências literárias, como no caso de *Gramática funcional*, ou mesmo apenas seu formato, como a apropriação dos gêneros literários para se produzir conteúdo didático, ou cultura literária didática, como no livro *Meninice*.

Os outros livros didáticos selecionados nesse subcapítulo compilavam gêneros literários a fim de narrar ensinamentos morais, civis, nacionais e do cotidiano, por meio do encantamento e da leitura. Em todos eles, a função didática dos textos é a da leitura e ensinamento de vocabulário. No entanto, percebe-se que o caráter desses textos é quase sempre informativo: seja sobre um assunto curricular, ou até mesmo sobre o comportamento esperado na sociedade civil.

Almas sensíveis, escrito em 1929 no estado de São Paulo por Leona H. Pereira Guilherme é um desses livros. Ele é dividido em duas coleções: uma de contos, outra de peças teatrais. Em ambas as coleções, há narrativas com

personagens e enredo, as quais exploram os conteúdos moral e científico, em sua grande parte, literalmente. De acordo com o prefácio desse livro, a variedade na leitura e na linguagem é algo importante no currículo escolar para que haja “[...] atenção e prazer na classe e, portanto, aproveitamento” (GUILHERME, 1929, p. 1). A autora justifica sua obra a partir de uma recorrência observada nos livros didáticos aqui analisados, a do desenvolvimento moral do indivíduo:

Nestes contos, diálogos e cenas, de linguagem facil, ao alcance, portanto, das mais mediocres intelligencias, chamo a atenção das crianças escolares para factos desagradaveis, muitas vezes irritantes, que se dão na vida e que podem, com paciencia, ser sanados.

Pretendi - escolhendo de preferencia taes assumptos - accordar sentimentos nobres nessas frageis e innocentes almozinhas, sentimentos esses que muitas vezes existem, mas occultos e como que adormecidos em seus coraçõezinhos por falta de haver quem os desperte. (GUILHERME, 1929, p. 2).

Um exemplo dessa recorrência do desenvolvimento moral do indivíduo é o de um conto denominado *Cartão de comportamento*, em que um garoto ganha um cartão de bom comportamento do professor da escola. A mãe desacredita e vai conferir com o professor que afirma o merecimento do menino. Ela, então, parabeniza e recompensa o filho com dinheiro, dizendo estar orgulhosa dele e, aliviada, descreve seu sofrimento anterior com o comportamento que ele tinha. O menino, por sua vez, se diz arrependido e, para provar-lhe seu compromisso com o novo comportamento, descreve tudo o que passou a fazer, como:

Deitar cedo; levantar cedo; estudar as lições, bem estudadinhas, antes de ir para a escola; vir immediatamente para a casa depois da aula; sair a passeio somente quando a mamãe me der licença; estar sempre em casa para ir á mesa, á hora do almoço e do jantar; enfim, ser daqui por diante um filho modelo e um alumno exemplar do Grupo. (GUILHERME, 1929, p. 32).

Nesse exemplo fica evidente a apropriação cultural da literatura para transmitir valores morais e de comportamentos esperados para uma criança desse contexto: por meio de um conto, com personagens fictícios e enredo, tinha-se o objetivo de explicitar o modelo de aluno e de criança esperados para a época. Percebe-se, portanto, que a função civilizadora da cultura permanece presente nos livros didáticos. Mediante exemplos sutis, como manter boas relações com os familiares, amigos e os mais velhos; o respeito ao próximo e às autoridades; a responsabilidade pelos próprios atos e pelos pertences; além do estímulo a alguns sentimentos, como piedade e caridade, desenvolve-se “[...] o processo civilizador individual a que todos os jovens, como resultado de um processo civilizador social operante durante muitos séculos, são automaticamente submetidos desde a mais tenra infância” (ELIAS,

1994b, p. 15). O livro didático, então, adquire o caráter de civilizador individual por meio dos conteúdos culturais apresentados em suas páginas, além de ser civilizador social, uma vez que é um material presente na cultura escolar.

Ainda em *Almas sensíveis*, os valores morais também são explorados nos diálogos teatrais, como em *Caridade e Miséria*, em que a personagem Miséria descreve sua pobre situação de vida desde seu nascimento e Caridade se compadece, sempre se comovendo e dizendo à Miséria:

- Levanta, vamos, minha filha. Fecho a porta do Sofrimento para que não mais penetres ahi. Acompanha-me, além está aberta a da Felicidade; penetremos por ella, que lá te esperam, para serem teus companheiros, o Riso e o Prazer. Vamos! (GUILHERME, 1929, p. 188).

Outro livro que compartilha dos mesmos objetivos de ensinar valores morais por meio de contos, poesias e cartas, é *Leituras infantis: segundo livro*, escrito na década de 1910 no Rio de Janeiro para o 2º ano do ensino primário por Francisco Vianna. Nele, o autor busca, por meio do encantamento através da leitura, seu objetivo:

[...] tentando dar a moral por factos e não por preceitos, em historias nas quaes procurei ser bem parco de conselhos formulados explicitamente, comquanto o mais abundante possivel de ensinamentos implicitos, que escrevi estes desprezenciosos livrinhos. (VIANNA, 191-, p. VI).

Observa-se nesse trecho uma regularidade com os livros anteriores: a de transmitir os valores morais por meio de conselhos e ensinamentos *implícitos*. Mais uma vez, a produção cultural literária se faz presente como um recurso didático para explicitar as expectativas de comportamento na sociedade e formar as crianças de acordo com tais valores morais. É nesse sentido que Raymond Williams (1969, p. 319) afirma que “o conteúdo da educação corresponde normalmente ao conteúdo das relações sociais vigentes e só se transforma como parte de uma transformação mais ampla”.

Além dos valores morais, outros livros também investem no ensino da história do Brasil, contribuindo “[...] para a formação moral e cívica da infância escolar, ávida de leituras que despertem emoções sadias” (MARTINEZ, 1932, p. 1). *A linda historia do meu paiz*, escrito em 1932 em São Paulo para o 4º ano do ensino primário por Cesar Martinez, narra a história de dois ingleses que visitam o Brasil e, durante suas aventuras, conhecem personagens e cenários de momentos relevantes da história brasileira. Uma vez mais, utiliza-se a narrativa como recurso didático para ensinar, nesse caso, fatos sobre a história do Brasil, explorando sentimentos patriotas para a

construção de uma identidade nacional, como também ocorre em *Meninice* e poderá ser melhor descrito no subcapítulo a seguir.

O último livro aqui explorado possui características parecidas quanto ao modo de presença dos conteúdos culturais no material didático: com a narrativa em primeira pessoa, uma criança aprende sobre a cultura e história brasileiras, por meio de histórias e experiências. *Pindorama*, escrito em 1940 em São Paulo por Ofélia Fontes e Narbal Fontes para os 4º e 5º anos do ensino primário, foi aprovado pelos estados de São Paulo e Distrito Federal para ser utilizado nas escolas. Considerado uma novela para crianças, o livro ensina sobre humanidade, justiça, trabalho, democracia e brasilidade, de acordo com o prefácio. Os assuntos predominantes são: cenas da vida brasileira em família e da vida na escola; cenas e impressões de viagem e de rua; lendas; costumes brasileiros, motivos religiosos e cenas do povo; animais e plantas brasileiras; serviço de assistência ao povo; motivos históricos; motivos geográficos brasileiros; grandes brasileiros; civismo; educação moral e sentimento de humanidade.

Além da narrativa em primeira pessoa, o livro possui algumas poesias que não são de autoria de Ofélia e Narbal Fontes, mas de Catulo Cearense, Bruno Seabra, Ademar Tavares e Ricardo Gonçalves, além de canções e lendas populares, sem autoria. É curioso como apenas a poesia apresenta autores externos aos do livro. Esse gênero pressupõe um caráter artístico da literatura, de maneira a evidenciar no material didático certa valorização da produção cultural brasileira, nomeando os poetas e selecionando suas produções. De qualquer maneira, as poesias selecionadas em *Pindorama* são de caráter descritivo da natureza e do povo brasileiro, contribuindo para um dos objetivos declarados no livro: o de ensinar assuntos *brasileiros* por meio do “interesse, isto é, identificação do leitor à personagem” (FONTES, O.; FONTES, N., 1940, p. 7). Reconhece-se também, nesse livro, a produção cultural narrativa e poética como recurso didático para ensinamento de valores morais, civis e nacionais.

Percebe-se, portanto, que as produções culturais apresentadas nos livros analisados possuem fins didáticos de ensino moral e linguístico. Além disso, viu-se que os conteúdos dos textos são apresentados de forma simples, por meio de sequências de frases; ou mais elaboradas, por meio de outros gêneros como narrativas, poesias, contos e diálogos teatrais. De uma forma ou de outra, eles tratam de valores morais, civis e nacionais.

Essas recorrências mostram a presença cultural nos livros como um recurso didático para ensinar uma moralidade de forma implícita e por vezes explícita, tomando como *verdade* o princípio segundo o qual as crianças tendem a aprender melhor por meio de histórias envolventes que trazem uma moral implícita do que por lições de moral propriamente ditas. Em seu livro sobre Foucault, Paul Veyne (2014, p. 25, *itálicos do autor*) afirma que

As falsas generalidades e os discursos variam ao longo do tempo; mas a cada época eles passam por verdadeiros. De modo que a verdade se reduz a um *dizer verdadeiro*, a falar de maneira conforme ao que se admite ser verdadeiro e que fará sorrir um século mais tarde.

Sendo assim, os livros didáticos analisados apresentam como verdadeira uma valorização da cultura literária ao fazer uso dela para seus propósitos didáticos de ensinar valores e gramática por meio da leitura. Eles propõem, portanto, certo currículo cultural, o qual nos governa, regulando nossas condutas, ações sociais e práticas e, assim, a maneira como agimos no âmbito das instituições escolares e na sociedade mais ampla (HALL, 1997). Tem-se, por fim, o livro didático como um material da cultura escolar o qual utiliza a cultura literária como um recurso para ensinar e civilizar as crianças.

Um caso exemplar: Luiz Gonzaga Fleury, *Meninice*, 1937

Tendo em vista as considerações anteriores sobre o grupo de livros didáticos analisados cujas produções culturais são escritas pelos autores desses livros, serão evidenciadas e aprofundadas a seguir as características encontradas em *Meninice* de 1937, escrito por Luiz Gonzaga Fleury, as quais exemplificam e ilustram as regularidades sobre os modos de presença da cultura nos livros didáticos apresentados anteriormente. Serão mostrados os gêneros literários produzidos pelo autor, as temáticas tratadas nos textos, as propostas didáticas sugeridas no livro e as orientações dadas ao docente para encaminhar as leituras e o ensino da gramática⁵. Para isso, será feita uma apresentação do formato e das características materiais do livro, seguida da descrição de seu conteúdo, juntamente à análise de como a cultura aparece em *Meninice*.

⁵ A tabela das produções culturais e suas respectivas propostas didáticas encontra-se no apêndice B deste trabalho.

O autor, formado como professor normalista em São Paulo em 1910, foi professor substituto efetivo em Franca, cidade do interior paulista; professor adjunto em Sorocaba, também no interior, onde foi chargista de um jornal e professor de escola particular, chegando a dar aulas de desenho, francês e inglês. Em 1914, fundou a revista *A.B.C.* na cidade de Sorocaba com seu irmão, além de ser co-fundador da *Revista de Filosofia* de São Carlos e colaborador de outras revistas e jornais da época. A partir de 1919, passou a assumir funções administrativas na educação, como diretor e inspetor distrital, sempre no interior paulista. Luiz Gonzaga Fleury foi considerado “(...) contista, escritor de livros para crianças, pedagogo, ensaísta, atuando como professor, diretor, inspetor de ensino, além de assumir funções administrativas” (GOULART, 2013, p. 80).

Seu livro aqui analisado, *Meninice*, foi escrito em 1937, publicado pela Companhia Editora Nacional com sedes em Recife, Rio de Janeiro e São Paulo, e teve um total de 121 edições, sendo sua última publicação datada de 1957. Apesar de algumas alterações de capas e ilustrações, além de modificações de algumas palavras referentes às mudanças ortográficas ocorridas durante os anos de sua publicação, os textos apresentados e suas disposições permaneceram iguais: o título, uma ilustração, o próprio texto seguido de vocabulário e, em alguns deles, outro texto explicativo sobre o conteúdo gramatical a ser ensinado e as orientações ao docente. *Meninice* é composto por 42 textos dispostos em 155 páginas de tamanho A5. No detalhado estudo de Ilsa Goulart (2013, p. 139) sobre as representações dos livros de leitura inscritas em *Meninice*, a autora analisa as diferentes edições do livro e destaca:

Assim, conservam-se os dispositivos textuais com mesma composição e configuração dos textos, do vocabulário, dos exercícios, das sugestões para professores, e, igualmente, mantém-se [sic] os dispositivos tipográficos, como as ilustrações e a tipografia interna da obra, com mesmo formato, tamanho cor e disposição interna dos escritos. O recurso se mostra como estratégia editorial de continuidade dos elementos gráficos e textuais que configuram o impresso, ainda que este se referisse à ausência de uma ilustração na composição da página.

Em 20 anos de publicação, esse livro apresentou diferentes gêneros literários: 28 contos, 4 poesias, 5 biografias e 5 textos informativos – 4 deles de caráter científico-biológico e 1 histórico. Na edição de 1937, a qual será analisada neste texto, além das informações editoriais, sua capa mostra a ilustração de uma menina com um livro na mão sentada no colo de uma mulher, possivelmente representada como sua mãe. A mulher, por sua vez, aponta o dedo para a menina ilustrando uma cena

de ensinamento de algo importante para ela, devido à sua expressão, como pode ser visto a seguir:

Figuras 2 e 3 – Capa e contracapa de *Meninice* de 1937.

Fonte: FLEURY, 1937.

Já na contracapa, são encontradas duas propagandas de livros literários: *Memórias de Emília* e *Dom Quixote das crianças*, ambos publicados em 1936 e escritos por Monteiro Lobato, autor já reconhecido em sua época e de importância para a literatura infantil por criar inúmeras histórias originais, as quais possuíam certas regularidades: predomínio do campo, sobretudo nas histórias do *Sítio do Picapau Amarelo*; personagens que transitam de um livro a outro, vivendo ou narrando histórias com outras personagens do folclore brasileiro – como a Iara e o Saci – ou clássicos europeus – como Pequeno Polegar ou Dom Quixote – e presença da história do Brasil, na narrativa de fatos e figuras relevantes para o país. Assim como Monteiro Lobato, outros autores da época também dedicaram sua produção à literatura infantil, colaborando para a criação e permanência desse gênero na época, o qual ganhou público interessado e fiel, motivando as editoras a investir no mercado da literatura direcionada às crianças. Viriato Correia, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Menotti del Picchia, Lourenço Filho, Cecília Meireles, entre outros, criavam histórias pautados

nas raízes brasileiras ou adaptando clássicos europeus (LAJOLO & ZILBERMAN, 2002a).

Essas características da produção literária da época, por sua vez, também aparecem nas produções culturais de Luiz Gonzaga Fleury. Se elas estavam presentes nas prateleiras das livrarias, contribuíam com o crescimento do mercado editorial infantil, o qual era composto também por livros didáticos. Dessa forma, o sucesso dos livros infantis fazia com que os autores de livros didáticos se aproximassem da linguagem literária, criando narrativas e outros textos que tinham a função de transmitir valores morais e nacionais, como em alguns livros infantis, mas também ensinar gramática, leitura e escrita aos alunos. É nesse contexto que são produzidos contos, poesias, biografias e textos informativos com as temáticas da história e geografia do Brasil, aspectos da história de Portugal e Espanha correlacionados à brasileira, biologia, astrologia, comportamento, civismo, nacionalismo e patriotismo.

Nas biografias, as duas últimas temáticas ficam evidentes, uma vez que as personagens históricas retratadas foram pessoas que contribuíram para o *crescimento da nação*, como fidalgos portugueses colonizadores, representados por Martim Affonso e Braz Cubas; políticos dos séculos XVII e XIX, como Amador Bueno e os irmãos Andradas (José Bonifácio de Andrada e Silva, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada e Martim Franco Ribeiro de Andrada), respectivamente, além dos padres José Anchieta e Diogo Antonio Feijó que, apesar de representarem a religião católica, tiveram uma vida política ativa. Cada biografia ocupa de 2 a 3 páginas do livro, espaço restrito para uma história completa da vida dessas pessoas. O que fica relatado são passagens da relação dessas personagens com a história política do Brasil, de uma forma a ressaltar seus feitos para a construção de uma nação brasileira.

Para a independencia do Brasil, facto dos mais culminantes da vida da nossa nacionalidade, muito contribuíram os irmãos Andradas, principalmente José Bonifacio, considerado o seu maximo fautor e por isso chamado – o Patriarcha. (FLEURY, 1937, p. 97).

Primeiramente, percebe-se, aqui, a valorização da independência do Brasil para a criação do sentimento de nação no primeiro aposto do trecho. Em seguida, mostra-se a contextualização dos irmãos Andradas no momento político descrito e a exaltação de José Bonifácio, tornando-o uma personagem histórica, a qual ganha o apelido de patriarca. A linguagem desse trecho ilustra aquilo que Jorge Nagle (2001, p. 64) retrata como a intensificação do nacionalismo na educação, na década de 1920:

A segunda década do século XX representa um período de fértil desenvolvimento e estruturação de ideais nacionalistas no Brasil, que se multiplicarão nas direções mais variadas no decorrer da década de 1920. As primeiras manifestações nacionalistas apareceram, de maneira mais sistemática e mais influenciadora, no campo da educação escolar, com a ampla divulgação de livros didáticos de conteúdo moral e cívico ou, melhor, da acentuada nota patriótica.

Nesse caso, a cultura literária se apresenta em *Meninice* sob a forma da valorização da pátria, ensinando, por meio de biografias, feitos de alguns nomes da história do Brasil que contribuíram para o desenvolvimento da nação. Assim também acontece com a biografia do padre Feijó, na qual são selecionados seus feitos políticos:

Ministro da justiça em 1831, por ocasião das regencias, desenvolveu extraordinárias qualidades de energia e severidade na repressão dos movimentos insurreccionaes dessa época de agitação, um dos quaes foi a chamada guerra dos Farrapos ou Farroupilhas, no Estado do Rio Grande do Sul.

[...]

A memória do padre Diogo Antonio Feijó é muito venerada por ter sido esse ilustre brasileiro um exemplo de probidade, energia e civismo. (FLEURY, 1937, p. 110-111).

Aqui, fica evidente a valorização do nacionalismo na descrição dos feitos de repressão a movimentos separatistas contra o governo imperial enquanto Feijó era ministro da Justiça. Portanto, contribuir com o governo para o desenvolvimento da nação, quaisquer que fossem as circunstâncias, era sinônimo de civismo e nacionalismo, algo valorizado nesse período. O que o livro didático apresenta, portanto, é uma *narrativa da nação* (HALL, 2006) criada por meio de histórias tanto sobre o Brasil, quanto sobre outros aspectos culturais, os quais também compõem o sentimento de nação.

É interessante observar que, das biografias, a de Feijó possui uma orientação didática diferente das demais que propunham apenas a leitura dos textos, vocabulário e estudos gramaticais. No caso da biografia do padre, há uma sugestão de atividade para os alunos: “ler na bibliotheca escolar alguma coisa a respeito de Feijó e do tempo das regencias. Procurar reproduzir a lapis o retrato de Feijó ou de outro brasileiro notavel” (FLEURY, 1937, p. 111). Dessa forma, além da biografia aparecer no livro didático como um texto que apresenta feitos de algumas personagens nacionalistas e patriotas da história do Brasil, ela também serve como uma atividade inicial para ampliar o conhecimento sobre determinada pessoa ou período histórico. O mesmo acontece com um texto informativo que só não é biográfico porque não trata de uma só pessoa, mas de um grupo: o dos bandeirantes. No entanto, o texto mostra quem

foram e o que faziam essas pessoas, dando exemplos de alguns nomes e relatando seus feitos. Em seguida, o livro didático também sugere ampliar o conhecimento sobre os bandeirantes, orientando os alunos a lerem alguma coisa sobre eles.

Por ter um caráter biográfico, ao citar alguns bandeirantes, é evidente que esse texto também os apresenta como pessoas importantes para o crescimento territorial do Brasil, portanto para o desenvolvimento do país, considerando-os

[...] brasileiros heroicos, assim chamados porque saíam com seus companheiros - a sua bandeira - em demanda do seio dos sertões distantes, transpondo montanhas e florestas, percorrendo ou atravessando rios, descobrindo riquezas, fundando villas e cidades, alargando o territorio do Brasil (FLEURY, 1937, p. 88).

É fato que os bandeirantes descobriram grande parte do interior do território brasileiro que já era habitado. Mas é fato também que o fizeram às custas da exploração dos indígenas que encontravam no caminho, capturando-os e escravizando-os (SCHWARCZ e STARLING, 2015), como o próprio texto afirma:

Como os indios goyazes, cujas mulheres se enfeitavam com pulseiras e collares em que rutilavam fragmentos de ouro, se negavam a indicar o ponto onde encontravam o precioso metal, Bartholomeu Bueno poz fogo num pouco de aguardente, convencendo os indios de que tinha poder sobrenatural para queimar a agua de todos os rios como fazia áquella, se lhe não revelassem o seu segredo.

Amedrontados, os goyazes se decidiram a conduzir o bandeirante ao logar das minas. Desde então passaram a chamal-o de *Anhanguera*, nome que na sua lingua significava *Diabo Velho* (FLEURY, 1937, p. 89-90).

Fica evidente, nesse trecho, a abordagem exploratória dos bandeirantes ao descobrir a existência do ouro na região observando os adereços das mulheres e forçando os indígenas a dizer onde estava o metal. Explicita uma prática de ameaça como sendo um ato de heroísmo por *descobrir* novas regiões a serem exploradas, deixando claro o descontentamento – para não dizer ódio ou rancor – dos indígenas ao apelidarem o bandeirante como *Diabo Velho*. O que prevalece aqui, no entanto, é a valorização das ações dos bandeirantes e não a questão exploratória do ponto de vista dos indígenas. Portanto, esse valor pertence à criação de determinada cultura nacional, a qual representava a cultura dominante.

Tomaz Tadeu da Silva (2017, p. 89), em seu estudo sobre as teorias do currículo, afirma que

Aquilo que unifica não é o resultado das diversas culturas que constituem uma nação, mas de uma luta em que regras precisas de inclusão e exclusão acabaram por selecionar e nomear uma cultura específica, particular, como a “cultura nacional comum”.

No exemplo acima, fica evidente que a perspectiva do texto sobre os bandeirantes não é a dos indígenas, de maneira a propagar os valores culturais do ponto de vista de quem conta a história, ou seja, dos dominantes, criando, assim, uma *cultura nacional*. Essa cultura, por sua vez, constrói seus valores não apenas na perspectiva da história do Brasil, mas também com relação aos saberes científicos, higienistas e morais, como é mostrado em outros textos informativos.

Em “O aparelho digestivo”, por exemplo, o autor descreve as partes e as funções dos órgãos do sistema digestório e, ao final, dá uma recomendação: “Para que a digestão se faça perfeitamente é necessario mastigar bem os alimentos e não comer nem beber em excesso. Os alimentos devem ser variados e sadios.” (FLEURY, 1937, p. 129). Nesse sentido, o hábito alimentar é tratado nesse texto como se fosse uma moral da história depois de toda a explicação científica do funcionamento do sistema digestório: já que agora os alunos conhecem as funções de seu corpo, devem cuidar dele. De certa forma, esse texto recomenda que a criança crie o hábito de mastigar bem os alimentos para não ter indigestão, demonstrando uma preocupação com a saúde infantil e sugerindo um modo de vida normativo para ela (COSTA, 1979).

Outro texto informativo refere-se ao ser humano. Em “O homem”, são descritas as características *do homem* desde os sistemas do corpo humano, como o digestório, respiratório, circulatório, endócrino, linfático, nervoso e muscular, até as qualidades que o diferenciam dos animais, como o pensamento e a fala. Nesse sentido, o texto ainda explora a inteligência humana por ela dominar “[...] não só todos os animaes, como tambem as forças da natureza” (FLEURY, 1937, p. 118). Além disso, divide os humanos em cinco raças: “[...] branca ou caucasica, a amarella ou mongolica, a negra ou africana, a azeitonada ou malaia e a vermelha ou americana. Dessas raças é a branca a mais bella e de mais poderosa intelligencia.” (ibidem, p. 118-119). Tal naturalidade dessa afirmação racista – além da representação do branco como benfeitor que daria oportunidades aos negros excluídos da sociedade, como no último conto do livro “O bom filho” em que um menino negro busca emprego para conseguir dinheiro para cuidar de sua mãe doente, consegue com uma mulher branca que acaba contratando também sua mãe, fazendo com que ele pudesse estudar à noite “[...] graças á bondade de sua excellente patroa e proctetora” (ibidem, p. 155) –, soma a conjuntura histórica do Brasil que havia vivido apenas 49 anos *sem escravidão* com as pesquisas poligenistas que utilizavam argumentos científicos para categorizar o ser humano em raças e prevalecer uma – a branca – às outras (GOULD,

1991). Dessa forma, os textos informativos aparecem amparados no discurso científico, qualificando-os como verdade a ser ensinada aos alunos.

Já os contos, que ocupam a maior parte do livro, são considerados textos literários, porém com uma utilidade pedagógica (PALO; OLIVEIRA, 2001). Por meio de narrativas com personagens infantis e situações vividas pelas crianças em seu cotidiano, pretende-se ensinar valores morais, biologia, astrologia, geografia, história do Brasil e cuidados que se deveria ter nas ruas, além de mostrar histórias de aventura, encantamento, sentimento e entretenimento.

Com relação aos valores morais, é possível ler histórias com diversas temáticas: (mau) comportamento infantil em casa, inveja, vingança, trabalho, estudo, remorso, rotina, respeito, deboche, esperteza e inocência. Em “Uma coisa puxa a outra”, por exemplo, um menino tenta tirar vantagem do irmão mais novo falando para ele plantar uma moeda, pois daria árvore de dinheiro. O irmão mais novo, que é esperto, escapa da situação dizendo que não faria isso. “Com esta resposta do irmãozinho, Manoel ficou muito desapontado, pois supunha, o ingenuo, que Celso fosse ainda bobinho por ter apenas seis annos.” (FLEURY, 1937, p. 32-33). O irmão mais novo conta tudo ao seu pai, que diz que a maior riqueza que alguém pode ter é o estudo e o trabalho. Sendo assim, o filho mais novo passa a estudar mais, tirando boas notas na escola e podendo passar de ano, com a possibilidade de alcançar o irmão mais velho. Esse se sente envergonhado e acaba estudando mais também para que passasse de ano e seu irmão mais novo não ficasse na mesma sala que ele. “Em casa, porém, fizeram-lhe sentir que elle está seguindo o exemplo do irmãozinho mais novo, quando devia, pelo contrario, ter sido o primeiro a lh-o dar” (ibidem, p. 33).

Além do texto revelar aspectos históricos da cultura escolar da época, como o fato de um aluno poder passar de ano no meio do período letivo, ele caracteriza o desejo que se tinha com relação ao comportamento infantil da época: de crianças estudiosas, espertas e respeitosas. Por um lado, há um deboche do irmão mais velho ter sido desmascarado pelo mais novo – que é caracterizado como *bobinho* pela sua idade –, demonstrando certa ingenuidade, como o próprio texto explicita, por ele acreditar que o mais novo *ainda* seria ludibriado pela ideia de plantar uma moeda. Por outro lado, o texto vangloria a esperteza do irmão mais novo ao não acreditar em árvores de dinheiro e se esforçar assim que seu pai fala da importância de estudar e trabalhar. Tem-se, portanto, uma visão da criança obediente e atenta que, ao escutar uma só vez um grande conselho de seu pai, rapidamente o leva em consideração e

procura aplicá-lo na prática, obtendo bons resultados de maneira instantânea. Nesse sentido, esse tipo de conto ilustra a literatura infantil da época que prezava pelo caráter educativo dos textos, como aponta Lajolo e Zilberman (2002b, p. 34):

A presença de um protagonista criança é um dos procedimentos mais comuns da literatura infantil. Via de regra, a imagem de criança presente em textos dessa época é estereotipada, quer como virtuosa e de comportamento exemplar, quer como negligente e cruel. [...] Além disso, é comum também que esses textos infantis envolvam a criança que os protagoniza em situações igualmente modelares de aprendizagem: lendo livro, ouvindo histórias edificantes, tendo conversas educativas com os pais e professores, trocando cartas de bons conselhos com parentes distantes.

O mesmo acontece em “O magico e o boneco encantado”, em que uma menina conta à mãe que vê um mágico na rua comandando um boneco que se mexia. A mãe, por sua vez, desmistifica a história da filha contando a ela que o mágico era um camelô que enganava pessoas na rua por meio de truques, os quais explica à menina, que conclui: “Ah! Agora sim! Agora entendo como é que o ‘camelot’ consegue ser ‘magico’ e o bonequinho ‘encantado’! Como ha gente tola e gente esperta nesse mundo!” (FLEURY, 1937, p. 132). Nessa história há mais um exemplo de um diálogo da criança protagonista com algum adulto – no caso, sua mãe – que alerta a filha para não ser enganada, demonstrando haver ingenuidade e pureza na criança.

Em outro conto, “O cãozinho de José”, a criança é vista como maldosa e, por isso, recebe uma punição pelos seus atos. José ganha um cachorro que gera inveja em seus colegas. Eles tentam comprá-lo, mas José não quer vender e, por isso, um dos meninos cria uma vingança para ele. José a descobre e se antecipa: faz seu cãozinho correr atrás das pombas do garoto, mas não percebe que, no caminho, havia um poço no qual o cachorro cai e morre afogado. “José ficou desesperado. Chorou muito a perda de seu bello cãozinho e compreendeu, afinal, que seu desejo de vingança só lhe resultara um grande dissabor e o sacrificio de um pobre animalzinho” (ibidem, p. 22). Como uma moral da história, a narrativa apresenta as consequências de uma atitude *negligente e cruel* da criança que também pode ser vista como ruim e maldosa.

Por causa disso, a cultura literária apresentada na forma de contos nesse livro didático mostra uma tentativa de construção do sujeito infantil, fortalecendo a imagem daquilo que seriam os bons e maus comportamentos para uma criança. Uma vez que os textos didáticos são lidos pelas próprias crianças em sala de aula, é por meio de sua autorregulação que ela se constitui na sociedade que dela espera certo comportamento. É o que Stuart Hall (1997) chama de regulação através da cultura,

ou governo da cultura, em que ela própria produz determinado tipo de sujeito. Em seu texto *A centralidade da cultura*, ele argumenta seu ponto a partir do exemplo de uma empresa que, em busca de ser mais empreendedora ao invés de burocrática, ela

[...] tentará regular a cultura da organização e influir na conduta dos empregados trabalhando diretamente sobre a *subjetividade* dos mesmos — produzindo ou construindo novos tipos de *sujeitos* empreendedores, *sujeitando* cada empregado a um novo *regime de significados e práticas*.

O interessante neste tipo de regulação, se puder ser efetuado — e não é necessário dizer que ele é quase sempre acompanhado de conflitos e resistência — é que, ao invés de constranger as condutas, comportamentos e atitudes dos empregados pela imposição de um regime externo de controle social, busca levar os empregados subjetivamente a *regularem-se a si mesmos*. (HALL, 1997, p. 43, *itálicos do autor*).

Trazendo essa reflexão para o campo da educação, é justamente a cultura escolar que ocupa esse espaço de regulação do sujeito por meio de práticas, hábitos, tempos, espaços e materiais (JULIA, 2001). No caso aqui apresentado, o livro didático pode ser compreendido como um desses materiais por apresentar em seus textos literários condutas e referências de como se comportar na sociedade. Ele o faz por meio de narrativas nas quais a criança é protagonista, criando personagens exemplares tanto em sua bondade quanto em sua maldade para que seus leitores possam se espelhar nesses comportamentos e, assim, (re)formar o seu próprio.

Além disso, é importante lembrar que, apesar do conteúdo moral ser presente, as propostas didáticas se referem ao ensino da língua portuguesa, como a gramática, leitura e escrita. Por meio do encantamento, da aventura e do entretenimento, as produções culturais criam narrativas para envolver e ensinar as crianças sobre os aspectos da língua. Apesar dos contos serem parecidos em sua forma, os exercícios propostos não sugerem um trabalho referente ao gênero literário, mas a algumas passagens ou frases encontradas nos textos.

De uma maneira geral, as propostas didáticas sugerem as seguintes atividades a partir dos textos: leitura, cópia, formação de novas sentenças com o vocabulário, procura e classificação de aspectos gramaticais, leituras extras na biblioteca para ampliar o conhecimento sobre o assunto tratado, busca de palavras no dicionário, criação de final de história, desenhos de personagens da história do Brasil ou de mapas, plantação e experimentos mágicos ou científicos. Além disso, nos 12 primeiros textos e em outros 7 espalhados pelo livro, há textos explicativos sobre o conteúdo gramatical tratado em determinada produção cultural. Também há espaço para que a professora faça uma exposição oral sobre determinados assuntos tratados nos textos, com o intuito de aprofundar os conhecimentos do aluno. São eles:

alimentação, respiração, plantação de árvores ou plantas, astros, universo, tempo das regências na história do Brasil, anatomia do corpo humano, personagens das biografias, além de dar exemplos ou buscar outras referências na biblioteca da escola sobre conteúdos que são apenas brevemente tratados nos textos.

Percebe-se que as propostas variam entre atividades que envolvem análise da língua portuguesa e outras de caráter mais prático, como as experiências, desenhos e plantações. Essas últimas, no entanto, aparecem em 5 textos do livro: “Como se fazem mágicas”, com a proposta de reproduzir a mágica explicada no texto; “Meu professor”, para copiar o mapa do Brasil; “Arnaldo ia mudar-se”, sugerindo a plantação de árvores e plantas, uma vez que a história trata de um menino que destruiu os vasos de sua casa, pois não queria deixá-los para os novos moradores; “O padre Feijó”, para copiar um retrato do padre e “O aparelho respiratorio”, sugerindo o experimento de soprar um tubo com água e cal para que se comprovasse a presença de gás carbônico no ar expirado do corpo humano por meio da mudança de coloração da água.

Já as propostas didáticas relativas ao ensino da língua portuguesa sugerem a análise gramatical por meio da leitura dos textos e sua prática por meio da escrita, mas também demonstram situações de oralidade, tanto por meio das inúmeras falas de personagens dos contos, representando adultos e crianças, quanto por uma lição após uma poesia que apresenta expressões errôneas e os modos corretos de dizê-las:

E' errado dizer:

- 1 - Para mim ler.
- 2 - Dei pr'a elle.
- 3 - Vi elle.
- 4 - Não deixe ella fazer isso.
- 5 - Aluga-se salas.
- 6 - Não encontrei elle em casa.
- 7- Me diga uma coisa...
- 8 - Foi elle que disse-me.
- 9 - De modos (ou maneiras) que...
- 10 - O pessoal sahiram.

O certo é:

- 1 - Para eu ler.
- 2 - Disse-lhe.
- 3 - Vi-o.
- 4 - Não a deixe fazer isso.
- 5 - Alugam-se salas.
- 6 - Não o encontrei em casa.
- 7 - Diga-me uma coisa.
- 8 - Foi elle que me disse.
- 9 - De modo que... De maneira que...
- 10 - O pessoal sahiu. (FLEURY, 1937, p. 136).

Essa proposta, a qual sugere uma correção da linguagem (LAJOLO e ZILBERMAN, 2002b), aspecto importante para a aprendizagem da língua portuguesa e dos modos de falar da época, aparece depois da poesia “O sonho de Elvira”, que, por meio de rimas, descreve uma menina que cuida de flores e seu irmão sonha que ela é um anjo. Junto dessa proposta, há a sugestão de cópia da poesia e leitura em voz alta. Já na poesia “Que é o ceo”, a qual descreve o que é visto no céu, a proposta didática é a de escrever um texto em prosa com as informações apresentadas na poesia depois de sua leitura em voz alta, além de uma sugestão ao professor para que fale sobre os astros e o universo. Em “Mente sã em corpo são”, são descritas as atividades de férias de um menino estudioso e determinado em seus exercícios físicos. Por ser estudioso, a poesia mostra o merecimento do garoto no proveito de suas férias, além da importância de exercitar o corpo. A proposta, então, é a de escrever um texto contando sobre as vantagens de se ter o corpo e a mente em exercício. Por fim, em “As flores”, o irmão zomba da irmã por ela cuidar de flores. Após essa poesia, apesar de haver um texto explicativo sobre aspectos gramaticais que aparecem na produção e uma lista de palavras do vocabulário, como em todos os textos, não há uma proposta didática apresentada. Isso acontece em outras dez produções culturais do livro, tanto em contos, como biografias e textos informativos, de maneira a evidenciar apenas a leitura do texto com sua lista de vocabulário como propostas didáticas.

Os conteúdos culturais criados pelo autor do livro didático *Meninice*, portanto, ilustram algumas regularidades com relação aos modos de presença da cultura elaborada por autores de livros didáticos. Por meio de diferentes gêneros literários, temáticas, propostas didáticas e orientações ao docente, *Meninice* explora assuntos relevantes e comportamentos infantis desejados para a época. Ele aproveita o início fértil da literatura infantil brasileira e utiliza sua linguagem narrativa e poética para construir o sujeito infantil através do protagonismo da criança como personagem das narrativas. Boa ou má, ela seria referência para o comportamento infantil desejado (ELIAS, 1994a). Além disso, os alunos aprenderiam, por meio dos textos informativos, conteúdos sobre o corpo humano e hábitos higiênicos para colocar em prática. Já nas biografias, a criança aprenderia os feitos de pessoas relevantes da história do Brasil para a construção de sua identidade nacional (HALL, 2006), por meio da valorização da pátria narrada nos textos biográficos e aprofundada nas propostas didáticas de ampliação do conhecimento sobre o tema.

Essas produções culturais, portanto, são criadas por Luiz Gonzaga Fleury para fazerem parte de um livro didático utilizado em escolas e educar crianças durante os 20 anos de sua publicação. O autor une os conteúdos relevantes de seu tempo e desejados para a formação de um sujeito para aquela sociedade com a linguagem literária em ascensão na época para criar *Meninice*. De acordo com Alfredo Bosi (1987a, p. 174), “a expressão pessoal e a comunicação pública são duas necessidades que acabam regulando a linguagem do criador individual e acabam situando o seu trabalho na interseção do corpo e da linguagem institucional”. Sendo assim, *Meninice* produz cultura didática através de textos literários, estabelecendo uma linguagem própria da cultura escolar.

3.2. O VALOR DA CULTURA INFANTIL

Dando continuidade à análise dos materiais didáticos, esse item caracteriza mais um grupo de livros didáticos: aquele cujas produções culturais são de autores da cultura literária e não dos autores dos próprios livros⁶. A principal característica desse grupo, portanto, se dá na identificação de que as produções culturais apresentadas são referenciadas, explicitando quem escreveu os textos literários nele presentes. Por meio das regularidades encontradas entre os materiais observados, eles serão categorizados enquanto um grupo. Ao longo do texto, serão examinadas as recorrências entre os livros e explorados temas e questões que saltaram aos olhos quando os materiais foram investigados.

Foram analisados sete livros didáticos: *Português Moderno* (197-), *Pelos caminhos da comunicação* (1984), *Português: oficina de gramática* (1990), *Construindo a escrita: leitura e interpretação* (1997), *Viver e aprender Português* (1998), *Aprender juntos: letramento e alfabetização* (2011) e *Ápis: letramento e alfabetização* (2012). Neles, aparece uma variedade de produções culturais: textos narrativos, como contos, fábulas, lendas e trechos de histórias; textos informativos, como reportagens e textos científicos; textos descritivos; textos instrucionais, como receitas e manuais; anedotas; poesias; histórias em quadrinhos; biografias; adivinhas; cartas e bilhetes; glossário e verbetes de dicionário. A partir da década de 1990 também aparecem palavras-cruzadas; curiosidades; anúncios; indicações literárias,

⁶ As fichas técnicas referentes aos livros didáticos desse grupo podem ser encontradas no apêndice C deste trabalho.

de álbuns de música, filmes e websites; cantigas e parlendas; expressões idiomáticas; trava-línguas; sumários; fichas técnicas; resenhas; cartazes; pinturas; cronologias; convites; cardápios; relatos pessoais; textos legislativos e textos teatrais. Em uma primeira leitura, algumas regularidades se mostraram evidentes, como o tamanho A4 dos livros, a presença de orientações didáticas, de ilustrações e, como mostrado acima, a variedade de produções culturais.

Essa última regularidade se destaca, uma vez que há desde contos, poesias, textos informativos e descritivos – também encontrados nos outros grupos de livros analisados neste trabalho –, até cartazes, anúncios e indicações culturais. Os livros revelam o quanto aquilo que se encontra no mundo letrado pode ser compreendido como uma situação didática, sobretudo na etapa da escolaridade empenhada no ensino da leitura e da escrita. Uma criança pode se deparar em seu cotidiano com um cardápio, ver um anúncio na rua ou ser convidada para uma festa de aniversário. Por estarem presentes nos livros didáticos, essas produções buscam se aproximar das vivências infantis, relacionando-as com os conteúdos linguísticos ensinados nas escolas, de maneira a dar importância às situações ordinárias e valorizar a experiência dos alunos, “[...] buscando novas maneiras de aplicação dos conceitos gramaticais de modo mais prático e menos decorativo” (GIANINI; AVILEZ; SILVA, 1990, p. 5), mostrando, portanto, o uso da cultura escrita no cotidiano.

Essa perspectiva de valorizar o cotidiano das crianças busca, de certa forma, aproximá-las dos saberes envolvidos nas propostas do livro didático, tornando-os atrativos para o aprendizado, e se associa à ideia de inovação no ensino, como pode ser observado na citação acima. Em seu estudo sobre os termos *novo* e *tradicional* no discurso pedagógico, Jaime Cordeiro (2002, p. 199) analisa textos de revistas pedagógicas e conclui que “[...] o campo educacional brasileiro esteve fortemente marcado, nos anos 70 e 80, pela perspectiva da instauração do novo, da mudança”. Nos livros didáticos aqui em questão é possível observar essa busca pela inovação por meio da relação dos saberes da língua portuguesa com a cultura letrada do cotidiano infantil.

No livro *Aprender juntos: letramento e alfabetização*, essa busca está associada com “[...] prazer, criatividade e confiança” (VASCONCELOS, 2011, p. 3) do aluno em sala de aula. Nele, aparecem referências da cultura escrita do cotidiano como bilhetes, anúncios e cartazes, além de passatempos, como caça-palavras e palavras cruzadas. Tais passatempos também encontrados em outros livros, são de

produção de seus próprios autores e aparecem como momentos de brincadeira letrada, associando-a aos conteúdos tratados anteriormente, como pode ser observado a seguir:

Figura 4 – Imagem de caça-palavras e palavras cruzadas.

Fonte: NEVES, 197-, p. 45.

Vê-se, aqui, que esse produto cultural é apresentado em um contexto de diversão e síntese ao mesmo tempo em que o aluno poderia relembrar o que aprendeu *enquanto* brinca. Aqui, duas observações se fazem necessárias: em primeiro lugar, há a evidência de se considerar o passatempo como um recurso didático. Os caça-palavras são produções culturais que aparecem em contextos de diversão no cotidiano. Compram-se nas bancas de jornal para passar o tempo e se divertir sozinho ou acompanhado no dia-a-dia ou nas férias. No livro didático, essa produção adquire outra função: a de ensinar a ler e escrever por meio da observação das palavras escritas em meio a outras letras. No entanto, pela função social pré-existente, esse passatempo no material didático busca a relação entre o aprendizado e a diversão. Tal relação pode ser bem-sucedida em muitas ocasiões, para aqueles alunos que se sentem relaxados em fazer um caça-palavras depois de uma aula formal de língua portuguesa. Porém, esse passatempo também pode ser um desafio para aqueles que têm dificuldades com a matéria, ou mesmo não se envolvem com o conteúdo e com a *diversão*.

Aqui, constata-se algo curioso e inesperado. A existência de atividades divertidas da cultura infantil, como os passatempos, ilustrações, revistas em

quadrinhos, cantigas, parlendas, anedotas, filmes e websites mostra certa diluição das fronteiras entre o escolar e o educativo extra-escolar. De um lado há a escolarização das brincadeiras tradicionais e, de outro, uma tentativa de transformar ou enxergar as brincadeiras espontâneas das crianças em casa, nas festas de aniversário e em diversas recreações em algo relacionado à educação formal. Apesar de as brincadeiras infantis e o modo pelo qual as crianças brincam não serem objetos de estudo deste trabalho, os livros didáticos desse grupo apontam para a escolarização da cultura infantil ao mostrarem referências de brincadeiras tradicionais e da cultura da mídia em suas páginas para envolver as crianças nos estudos da língua, como visto em um exemplo a seguir:

Figura 5 – Ilustrações das personagens Homem-Aranha, Hulk e Mulher-Maravilha.

Leia um trecho da música *Super-heróis* e conheça alguns desses segredos:

Os super-heróis

Toquinho e Mutinho

[...]
 Eu sou o Homem-Aranha
 E vou lhes contar um pequeno segredo:
 Se esqueço da rede subindo num prédio,
 Eu fico morrendo de medo.
 [...]

Eu sou o conhecido Hulk
 E vou revelar um segredo contido:
 No carnaval na avenida vou me fantasiar
 De abacate batido.

Professora: A unidade foi iniciada pela letra de uma música porque esse é um gênero que tem forte proximidade com o poema. Entretanto, é importante salientar que a letra de música vincula-se à música na construção do gênero; pressupõe autor, compositor, intérprete, ouvinte, foi concebida para ser ouvida. Dessa forma, sugerimos que, se possível, seja feita a audição da música como motivação.

Eu sou a Mulher-Maravilha
 E supermulher que se preza não mente:
 Eu fui dar um beijo no meu namorado
 E quebrei seus dentinhos da frente.

Toquinho et alii. CD *Casa de brinquedos*. Polygram, 1983. Faixa 7.

E você? Já se sentiu um super-herói? Um gigante com superpoderes?
 A seguir, você vai ler um poema sobre um menino que às vezes se sente poderoso — um gigante — e outras vezes perde os superpoderes.
 Faça uma superleitura!

trinta e três 33

Fonte: BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 33.

Nesse ponto, encontra-se a outra observação tratada aqui como uma possível conjectura, uma vez que o objetivo deste trabalho não foi o de observar crianças, mas livros didáticos: mesmo sendo proposta como uma brincadeira, imagina-se que as crianças saibam que aquele momento não é o de brincar — ao menos como gostariam —, mas o de estudar, pois estão na escola em sala de aula com a professora e um livro em mãos. A tentativa didática de *aprender brincando* torna-se ingênua aos olhos das crianças, na medida em que o caça-palavras faz parte da aula e da proposta

pedagógica do livro didático. Por mais divertido que seja, elas possivelmente sabem que aquilo está relacionado com os conteúdos da aula que acabaram de participar e que há uma expectativa de aprendizado por trás dessa brincadeira, simplesmente por estar presente no material didático. Como enunciou Gilles Brougère (2010, p. 103) em seu estudo sobre brinquedo, brincadeira e cultura,

Uma atividade de aprendizagem controlada pelo educador, toma o aspecto de brincadeira para seduzir a criança. Porém, a criança não toma a iniciativa da brincadeira, nem tem o domínio de seu conteúdo e de seu desenvolvimento. O domínio pertence ao adulto, que pode certificar-se do valor do conteúdo didático transmitido dessa forma. Trata-se de utilizar o interesse da criança pela brincadeira a fim de desviá-la, de utilizá-la para uma boa causa.

Se essa utilização é ou não imprópria não cabe a este trabalho analisar, mas evidenciar a presença da cultura infantil utilizada como recurso didático nos livros observados. Ainda de acordo com o autor, ele atenta para outro aspecto da brincadeira: o de que ela “[...] pressupõe uma aprendizagem social. Aprende-se a brincar. A brincadeira não é inata, pelo menos nas formas que ela adquire junto ao homem” (ibidem, p. 104). Sendo assim, a evidência dos passatempos nos livros didáticos mostra mais uma função: a de ensinar a brincar de caça-palavras ou palavras cruzadas, escolarizando também as práticas culturais infantis. Tais produções culturais são atividades com regras e estratégias que devem ser aprendidas por aquele que quiser realizá-las. O livro didático, portanto, ensina a brincar, além dos demais conteúdos linguísticos nos casos aqui analisados. Esse ensino, por ser encaminhado pela professora com apoio do livro didático, torna-se diferente daquele aprendizado de uma brincadeira entre uma criança e outra – o que não é objeto de análise deste trabalho.

Além dos passatempos, as ilustrações também aparecem nos livros para deixá-los mais atraentes às crianças, aproximando-as dos saberes propostos. Neste trabalho não se analisa cada ilustração das páginas dos livros, embora se tenha feito uma contagem do número de páginas que contêm ilustrações para criar uma dimensão da estrutura e estética dos livros. Apenas dois tipos de imagens serão aqui destacados por demonstrarem relevância para o tema desta dissertação: as pinturas e as figuras que remetem à cultura da mídia.

Ambas têm em comum o fato de serem reconhecidas enquanto cultura pelos livros didáticos por estarem neles presentes, portanto, produções as quais são introduzidas no currículo cultural dos alunos. As pinturas aparecem no contexto

didático de interpretação de imagem, identificação de suas partes e de personagens do folclore brasileiro. Elas possuem seus autores referenciados, de maneira a repertoriar os alunos sobre as artes plásticas e relacioná-las com a literatura, ambas tratadas como arte, uma vez que é comum encontrar ilustrações em livros infantis.

Figura 6 – Imagens de diferentes ilustrações da personagem Emília de Monteiro Lobato.

Fonte: BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 12.

Já as referências da cultura da mídia aparecem de modo diferente. Há situações em que são mostradas ilustrações referentes a filmes que foram produzidos a partir de contos de fadas, outras em que histórias em quadrinhos são apresentadas para que se reflita sobre a oralidade ou, então, ilustrações de personagens de desenhos animados para que as crianças os identifiquem, de forma a introduzi-las no conteúdo de determinado trecho do livro, pressupondo seu conhecimento prévio de determinadas personagens. Seja como for, os materiais didáticos consideram a cultura da mídia tanto para seduzir a criança, quanto para criar situações de aprendizagem da língua, como pode ser visto nos dois exemplos a seguir:

Figura 7 – Tirinha da personagem Magali para introduzir o gênero receita como texto instrucional.

Na hora de dormir, Magali não quer ouvir histórias. O que ela quer ouvir? Leia a tirinha a seguir para descobrir.

Disponível em: <www.monica.com.br/comics/tirinhas/tira56.htm>. Acesso em 7 jan. 2011.

Você sabe o que é um livro de receitas? É um livro que traz instruções para que o leitor seja capaz de preparar alguns pratos. Receitas são **textos instrucionais**. Leia a receita na página ao lado.

Professor/a: Se possível, peça ou solicite a algum aluno que traga para a classe um livro ou um caderno de receitas para que todos observem como as receitas estão organizadas, que tipo de ilustração trazem, a forma dos textos de receita, e comparem com a receita dada aqui.

Fonte: BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 170.

Figura 8 – Atividade de interpretação textual relacionada a uma tirinha.

1 Leia a tirinha e responda: você acha que D. Pata sabe guardar segredo?

Lancast, Anabel. Revista Recreio. São Paulo, ano 10, n. 473, 2 abr. 2009, p. 42.
Professor/a: Os alunos devem observar que talvez a personagem não consiga guardar segredo, pois as outras patas parecem sempre compartilhar o que ela sabe.

2 As patas escolhem dois objetos para representar a habilidade de guardar segredos: um túmulo e um cadeado sem chave.

a) Com lápis azul, ligue cada objeto ao seu sentido real.

túmulo

Túmulo: local onde se enterram os mortos (sentido real); pessoa que guarda segredo e ninguém consegue fazer falar (sentido atribuído). **Cadeado:** objeto que tranca, que fecha coisas (sentido real); pessoa que guarda segredo e ninguém consegue fazer falar (sentido atribuído).

- local onde se enterram os mortos.

cadeado

- pessoa que guarda segredo e ninguém consegue fazer falar.

- objeto que tranca, que fecha coisas.

b) Com lápis vermelho, ligue os objetos ao sentido que as patas dão a eles.

Professor/a: Comente que "cadeado sem chave" é ainda mais difícil de abrir.

Unidade 10

cento e oitenta e nove 189

Fonte: BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 189.

De uma forma ou de outra, a presença da cultura da mídia nos livros didáticos revela aquilo que Steinberg e Kincheloe (2001, p. 14) chamam de *pedagogia cultural*

[...] que enquadra a educação numa variedade de áreas sociais, incluindo, mas não se limitando à escolar. Áreas pedagógicas são aqueles lugares onde o poder é organizado e difundido, incluindo-se bibliotecas, TV, cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes etc.

Seja para ilustrar uma atividade, criar uma situação didática ou promover a referência cultural de uma determinada personagem da cultura da mídia, ela aparece nos livros didáticos de maneira a ser reconhecida por esse material que está presente no cotidiano escolar, portanto, é compreendida como referência legitimada, uma vez que há instituição, legislação e parâmetros curriculares dando suporte àquilo que é transmitido nos livros didáticos. O que esses materiais fazem é tentar unir as referências infantis externas à escola com aquelas que são apresentadas por ela. Fora desse ambiente institucional, as crianças têm acesso a outras referências culturais apresentadas por outros agentes sociais, ou pela própria mídia, a qual é considerada como tal (SETTON, 2011). Ao encontrar suas referências nos livros didáticos utilizados nas escolas e em casa, elas podem reconhecê-las e se aproximar desse material escolar.

No entanto, não é qualquer conteúdo da cultura infantil que está presente nos livros didáticos. Com relação à cultura da mídia, por exemplo, são encontradas referências a adaptações da Disney de contos de fadas e animações de super-heróis (figuras 9 e 10), ficando de fora, por exemplo, outras referências a desenhos animados, programas de televisão ou filmes menos populares do cinema. Certamente, essa escolha perpassa por razões de popularidade dos desenhos animados conquistada não apenas pelo roteiro e originalidade das produções, mas também por sua capacidade financeira de produção e divulgação dos filmes, de maneira que uns serão mais assistidos pelas crianças do que outros que nem sempre chegam em suas televisões. Percebe-se, por conta disso, a presença de referências estrangeiras a filmes e desenhos animados, diferente das produções literárias que são majoritariamente brasileiras. As histórias em quadrinhos são principalmente da Turma da Mônica, mas também de outras personagens como Níquel Náusea, Peanuts e O Menino Maluquinho, ou criadas pelo autor do livro com fim didático (figura 11). Aqui, não entram histórias de super-heróis ou tirinhas de jornal de caráter político, por exemplo. Outras ilustrações muitas vezes são copiadas de livros infantis (figura 12), ou criadas pela edição dos livros didáticos (figura 13). Nesses casos, as personagens

criadas geralmente são crianças ou animais e não adultos, ou qualquer outro objeto, por exemplo. Sendo assim, percebe-se que há critérios para se fazer a escolha da cultura infantil que estará presente nos livros. Tais critérios podem ser modificados com o tempo ou mesmo com a edição, transformando-se em objetos de disputa não necessariamente pelo verdadeiro, mas pelo belo, pelo moral, ou pelo mais atrativo.

Figura 9 – Imagem da cena do filme produzido pela Disney adaptado do conto Os Três Porquinhos.

Fonte: BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 10.

Figura 10 – Ilustrações que representam as personagens Sra. Incrível, Homem-Aranha, Flash e Mulher-Maravilha.

Fonte: BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 32.

Figura 11 – História em quadrinhos da autora do livro didático para evidenciar pronomes demonstrativos em situação de oralidade.

Fonte: NEVES, 197-, p. 91.

Figura 12 – Ilustração da personagem Felpo Filva, criada por Eva Furnari. Nota-se a referência à esquerda da imagem.

Fonte: BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 153.

Figura 13 – Ilustração de personagem criança brincando com borboletas.

Fonte: NEVES, 197-, p. 9.

Quando as personagens de filmes ou histórias em quadrinhos aparecem nos livros como mera ilustração, cria-se uma interface amigável com o leitor, que pode se interessar mais sobre aquela página do livro. A cultura da mídia, então, pode ser considerada sedutora das crianças nos materiais didáticos analisados, assim como as ilustrações sem fim didático, as quais apresentam uma estética variada, permitindo que não haja apenas letras no livro.

A tentativa de tornar um material didático interessante pode produzir um conflito entre o currículo escolar e o *currículo cultural* (STEINBERG; KINCHELOE, 2011). De um lado, há o currículo escolar, empenhado em selecionar saberes relevantes para a sociedade e, de outro, há o currículo cultural, o qual funciona pelo viés da indústria cultural em “[...] um espaço público disputado, onde diferentes interesses sociais, econômicos e políticos competem pelo controle” (STEINBERG; KINCHELOE, 2011, p. 19), além de produzir cultura incentivada pela pedagogia do prazer⁷ (ibidem).

Esse campo de disputa entre o currículo escolar e o cultural tem uma consequência para os educadores: “[...] a necessidade de rediscutir as pedagogias escolares, constituídas historicamente na era moderna para dar conta do acesso à

⁷ Esse termo se refere ao caráter sedutor, verdadeiro e repetitivo dos programas televisivos norte-americanos. Steinberg e Kincheloe (2004, p. 16-17) assim o definem: “usando fantasia e desejo, os funcionários corporativos têm criado uma perspectiva na cultura do fim do século XX que se mescla com ideologias de negócio e valores de livre mercado. A visão do mundo produzida pelo propagandista corporativo, em qualquer proporção, sempre leva as crianças a pensarem que as coisas mais excitantes que a vida pode proporcionar são produzidas pelos seus amigos da América corporativa. A lição de economia é poderosa quando repetida centenas de milhares de vezes”.

tradição e aos saberes socialmente relevantes” (CORDEIRO, 2018, p. 19). O que se vê nos materiais didáticos aqui analisados é justamente esse desnível nos modos de presença dos conteúdos nos livros, pois em uma página personagens de desenhos animados, filmes e histórias em quadrinhos ilustram atividades para obter o interesse das crianças, ou até mesmo para ensiná-las algo sobre a linguagem; em outra, contos clássicos, fábulas e poesias aparecem para repertoriar os alunos, além de ensinar a estrutura linguística dos gêneros literários.

Aqui, faz-se uma importante distinção da função didática de cada referência cultural: enquanto as imagens da cultura da mídia associada a filmes e animações são utilizadas como um recurso didático para gerar interesse, criatividade e identidade, a cultura literária é utilizada enquanto recurso didático para o ensino da linguagem e da estrutura linguística, de maneira a ensinar os alunos *como* escrever um conto, uma poesia, uma fábula, mas não *como* produzir um filme, um desenho animado, ou uma história em quadrinhos. No limite, os livros mostram ilustrações prontas para os alunos legendarem ou criarem histórias com base nas imagens oferecidas, as quais, obviamente, já demonstram uma situação predeterminada. Pode-se ver um exemplo a seguir:

Figura 14 – História em quadrinhos para ser completada pelo aluno.

f) **Expresse suas idéias**

Complete, de acordo com o texto:

Fonte: NEVES, 197-, p. 95.

É interessante observar como a produção infantil é tratada nos livros aqui analisados. Algumas propostas didáticas se destacam: as respostas a perguntas diretas sobre o conteúdo estudado, a produção de textos por meio da análise de gêneros literários e a referência do livro a produções culturais de outras crianças. Essa última merece maior atenção. Além de referenciar autores literários, o livro didático também apresenta produções infantis como cultura literária em formato de exemplo de poesia, em *Viver e aprender Português* (1998); história infantil publicada, em *Português: oficina de gramática* (1990) e relatos pessoais, em *Ápis: letramento e alfabetização* (2012), como pode ser observado abaixo:

Sou criança e não gosto, não
de sujeira e poluição.
Quero o mato bem verdinho,
pra milhões de passarinhos,
todos vivendo em paz.
No rio tem peixe e areião
quando não há poluição.
Eles ficam só nadando

e brincando todo dia
se a água está limpinha.
A gente não pode nadar
nem pode mais pescar.
Quando a água fica suja
os bichinhos sentem sede
e a gente fica triste só de olhar.
Sou criança e não gosto, não
de sujeira e poluição.
Quero o mato bem verdinho,
pra milhões de passarinhos,
todos vivendo em paz.

(Produção coletiva dos alunos do 1º grau do Centro Educacional Brandão⁸,
apud MARTOS, 1998, p. 76-77).

Picolé, picolé, água pura ninguém quer...

As crianças da Rocinha trabalham muito. Elas carregam tijolo, areia, pedra, trabalham na feira, no jôquei, de boleiro, no Peg-Pag, nas Sendas carregando bolsa e carrinho. Botam bolsa no carro, botam bolsa na cabeça e levam até na casa da madame.

As crianças também carregam água, lavam roupa, varrem a casa, dobram a roupa, lavam a louça, fogão, arrumam a casa.

Mas a gente também brinca de bola, de brinquedo, brinca de bicicleta, de casinha, de boneca, de polícia e ladrão, de bang-bang e de pique. (PICOLÉ...⁹, apud GIANINI; AVILEZ; SILVA, 1990, p. 45).

Figura 15 – Relatos pessoais de autoria infantil.

Fonte: BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 134 e 135.

⁸ ESPIANDO da janela. São Paulo: Max Limonad, 1988.

⁹ PICOLÉ, picolé, água pura ninguém quer... Estórias da Rocinha. Rio de Janeiro: Salamandra, s/d.

Tem-se aqui, primeiramente, um reconhecimento da produção autoral infantil. Nas escolas é comum as crianças produzirem textos dos mais variados gêneros. No entanto, esses textos costumam ser arquivados em seus próprios fichários e pastas que, eventualmente, serão descartados em algum momento posterior. Os livros didáticos, por sua vez, utilizam algumas dessas produções para dar exemplos de como escrever determinado gênero literário, ou até mesmo para indicar histórias produzidas por crianças e publicadas por editoras, legitimando a produção cultural infantil em um material didático. Se, por um lado, há uma valorização das crianças, reconhecendo-as como produtoras de cultura, por outro elas são colocadas lado a lado com outros autores canonizados pertencentes ao currículo escolar. Obviamente, os livros não os apresentam em posição de igualdade na qualidade da produção, no entanto, utilizam as mesmas funções didáticas para os textos exemplificados: análise de gênero literário, produção de texto e estudo gramatical.

As propostas de produção textual são bastante presentes nesses livros didáticos, sendo consideradas um meio em que as crianças possam *sonhar* e “[...] investigando o modo como outros autores produziram emoção, possa[m] também produzir emoções ao escrever suas histórias” (CARVALHO et al., 1997, p. 3). Essa ideia de que a literatura ajuda a imaginar, “[...] sonhar, amar as pessoas e também refletir” (NASSAR; ALBERGARIA, 1984, p. 3) é evidente nos materiais didáticos, incentivando os alunos a produzirem seus próprios textos e neles expressarem suas opiniões, angústias e felicidades, como pode ser visto nos exemplos a seguir:

Expresse suas idéias

Você leu um texto sobre um rapaz muito preguiçoso.

Vamos modificar o texto?

1. **Expressão oral:** invente uma estória sobre um **rapaz trabalhador**. Conte para a classe e **ouça** com atenção a estória de outros colegas.
2. **Expressão escrita:** **escreva** sua estória no caderno. (NEVES, 197-, p. 17, grifos da autora).

CONVERSANDO E ESCRREVENDO

- O que vocês fizeram nas férias? Vocês passearam ou ficaram em casa? Vocês conheceram algum amigo? Brincaram bastante?
- Escrevam como foram as férias de vocês. (NASSAR; ALBERGARIA, 1984, p. 8).

Qual ensinamento você aprendeu com a atitude e o esforço de Marina para aprender a ler, mesmo sem ir à escola? Conte para os colegas. (VASCONCELOS, 2011, p. 19).

Apesar de o último exemplo não propor uma escrita propriamente, ele recomenda o compartilhamento das reflexões feitas pela criança aos outros colegas.

De qualquer maneira, as três propostas sugerem alguma produção, atividade e reflexão por parte das crianças sobre suas opiniões e vivências. Esse conteúdo cultural, de estimular “[...] os relacionamentos sociais, o desenvolvimento da autonomia e a capacidade de refletir e tomar decisões adequadas para superar conflitos” (VASCONCELOS, 2011, p. 3), é presente nas propostas didáticas dos livros. De certa forma, ele esteve presente também nos livros dos outros grupos analisados por este trabalho, porém aparecendo de outras maneiras, como no conteúdo de narrativas. Elias (1994b), inclusive, afirma que o crescimento da psicologia nas sociedades ocidentais está relacionado com o processo civilizador individual dos jovens e crianças, em que se desenvolvem as habilidades comportamentais de se viver em sociedade.

Joe Kincheloe (2011) reflete sobre esse assunto no âmbito da classificação indicativa de filmes, porém com uma observação perspicaz sobre a infância na pós-modernidade que combina com as propostas didáticas dos livros aqui analisados. Ele afirma: “a questão agora gira em torno de como prover as crianças do tipo de auxílio emocional e intelectual que as ajudará a equilibrar a interação entre a sua energia visceral e sua perspicácia recentemente descoberta.” (KINCHELOE, 2011, p. 83). Ora, as propostas didáticas de leitura, interpretação e produção de textos que têm como conteúdo questões do âmbito moral, ético e emocional – como vistas nos exemplos anteriores –, possuem uma função educativa que não apenas o aprendizado dos conteúdos da língua portuguesa.

Tal recorrência evidencia que esse conteúdo passa a fazer parte do currículo escolar. Além da “[...] boa formação [intelectual] dos estudantes” (VASCONCELOS, 2011, p. 3) e da formação de “[...] gente crítica e forte o bastante para saber-se capaz de ser agente transformador de sua própria vida e da realidade que a cerca” (CARVALHO et al., 1997, p. II), busca-se também uma formação moral e cultural dos alunos. É nesse sentido que

Ser civilizado ou culto é ser abençoado com sentimentos refinados, paixões temperadas, maneiras agradáveis e uma mentalidade aberta. É portar-se razoável e moderadamente, com uma sensibilidade inata para os interesses dos outros, exercitar a autodisciplina e estar preparado para sacrificar os próprios interesses egoístas pelo bem do todo. (EAGLETON, 2011, p. 32).

Ou seja, os livros didáticos não atuam apenas no âmbito intelectual da aprendizagem, ocupando-se somente dos estudos gramaticais, caracterização de gêneros literários ou interpretação de texto, mas seus conteúdos também ensinam

valores comportamentais para as crianças. Dessa forma, a cultura por eles apresentada também as *disciplina* (EAGLETON, 2011) e cria uma expectativa sobre seu comportamento social. Por meio da expressividade das crianças, assuntos sobre como se portar socialmente ou lidar com suas sensações também são explorados nos livros didáticos desse grupo.

Neles fica evidente, portanto, o aparecimento de diferentes áreas pedagógicas, tanto da cultura da mídia, quanto do próprio currículo escolar. Foi visto que há grande variedade de produções culturais, como textos, passatempos e ilustrações; aproximação dos conteúdos curriculares com a cultura infantil, numa busca por inovação; o ensino da brincadeira, por meio dos passatempos; a exploração da cultura da mídia no contexto escolar; um desnível entre os currículos escolar e cultural; o reconhecimento das crianças como produtoras de cultura e o ensino de valores morais. Por meio da categorização desse grupo de livros, tem-se em mente suas recorrências para poder relacioná-las com os outros grupos de livros analisados. Além disso, em seguida haverá a análise de um livro do grupo aqui investigado, para que se observe com mais minúcia algumas características dos modos de presença da cultura nos livros didáticos.

Um caso exemplar: Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi, *Ápis: letramento e alfabetização*, 2012

O livro analisado neste subcapítulo faz parte de uma coleção da Editora Ática, é intitulado *Ápis: letramento e alfabetização*, publicado em 2012, escrito por Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi e destinado ao 3º ano do ensino primário. A partir da observação das referências culturais presentes nesse livro, das funções didáticas atribuídas a elas e das orientações dadas às professoras sobre sua utilização, caracterizam-se os modos de presença das produções culturais nos livros didáticos. A análise desse livro¹⁰ ilustrará alguns aspectos observados no subcapítulo anterior com relação aos livros didáticos cujos conteúdos culturais não são dos próprios autores dos livros.

Ápis: letramento e alfabetização é organizado em unidades que se referem a gêneros textuais. Em cada uma delas, há seções de análise dos gêneros literários,

¹⁰ A tabela das produções culturais e suas respectivas propostas didáticas encontra-se no apêndice D deste trabalho.

leituras, estudos gramaticais, interpretação de textos, produção de textos e indicações literárias ou de outros conteúdos culturais como CDs, DVDs ou sites. Também há no final de cada unidade uma página denominada “Hora da diversão”, com propostas de passatempos, como caça-palavras, palavras cruzadas ou atividades com imagens, além de leituras curtas e engraçadas. Dentre os gêneros textuais abordados nos livros, estão os contos de fadas, histórias em quadrinhos, poesias, histórias infantis variadas, fábulas, verbetes de dicionário, textos informativos, reportagens e textos teatrais.

Figuras 16 e 17 – Capa com título, autoria e indicação de uso pelo PNLD e contracapa com o hino nacional.

Fonte: BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012.

Por ser um material da área da língua portuguesa, os próprios gêneros textuais podem ser considerados conteúdos culturais, uma vez que fazem parte da literatura, tornando esse material rico para investigação. Além deles, o livro também se refere a outros conteúdos, como desenhos animados, filmes, letras de músicas – em que se sugere ouvi-las –, CDs, DVDs, revistas, sites e jornais, o que ilustra a recorrência da *pedagogia cultural* (STEINBERG; KINCHELOE, 2001) mencionada no capítulo anterior.

É importante observar que alguns desses conteúdos são explorados em determinado contexto. No caso dos gêneros textuais que nomeiam as unidades do livro, eles são explorados tanto no contexto da leitura e ampliação de repertório, quanto no de produção e interpretação de texto, análise ou estudos gramaticais. Já os sites, revistas, DVDs, CDs, letras de música, filmes e desenhos animados aparecem como indicações, análises de imagens, passatempo, ilustrações de atividades e leitura para ampliação do repertório cultural, mas não são objetos de estudo mais detidos.

Percebe-se que os conteúdos apresentados para o ensino de algum aspecto da língua portuguesa são obras literárias reconhecidas. Eles são compreendidos pelas autoras como *domínios sociais de comunicação e capacidades de linguagem* a serem conteúdos aprendidos pelos alunos (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012). Tal agrupamento de gêneros literários a partir de seus aspectos tipológicos sugere que a cultura literária é priorizada, uma vez que corresponde ao núcleo dos estudos em cada capítulo. Há uma organização de seus conteúdos ao longo do livro e intenções claras do que se deve aprender com cada texto e direcionamento para o seu estudo.

Os outros conteúdos culturais que aparecem no âmbito da indicação ou diversão, anteriormente citados, são aqueles mais recentes, como os da cultura da mídia, e não necessariamente legitimados pela escola. Sua recorrência é menor ao longo do livro e não há sempre uma proposta estruturada com relação a eles, estando ali para ilustrar e se aproximar das referências infantis, reconhecendo-as como parte do repertório infantil. De qualquer forma, tais referências são de animações existentes há algum tempo como Super-Homem, Homem-Aranha, Mulher Maravilha, Hulk e Popeye, ou de filmes adaptados de histórias clássicas, como Os Três Porquinhos, Chapeuzinho Vermelho, Pinóquio, Alice no País das Maravilhas, A Bela e a Fera, entre outros, como pode ser visto nas imagens a seguir:

Figura 18 - Ilustrações de contos clássicos.

Figura 19 - Imagens de desenhos animados, representando a cultura da mídia como parte da proposta pedagógica.

Não há, por exemplo, referência a desenhos animados contemporâneos. Uma hipótese para esse dado seria a de que não se saberia a repercussão causada com a apresentação de tais referências. Por um lado, são conteúdos recentes, ainda sem validade pedagógica pelo curto tempo de existência e conhecimento. Por outro, caberia aos autores e editoras encontrar possíveis relações entre essas referências e aquelas já consagradas da literatura brasileira. Conjecturas a parte, fato é que as animações contemporâneas não aparecem, sendo a referência mais recente ao filme *Shrek*, de 2001, onze anos antes do lançamento do livro.

Partindo do conjunto de referências culturais relacionadas à literatura, observa-se certo destaque a dois gêneros específicos, pela quantidade de vezes que aparecem no livro: a poesia e as histórias em quadrinhos. Pela poesia ser um gênero literário com características artísticas que tratam de diversos conteúdos e apresentam extensões variadas, ela é sugerida como leitura para ampliar repertório, produzir texto, interpretá-lo, mas também para trabalhar aspectos da língua e da alfabetização nesse livro didático. Assim como a maior parte dos outros gêneros tratados, as poesias presentes no material são de autores e obras brasileiras, em sua maioria.

Nesse gênero, observa-se que os autores referidos são contemporâneos ou recém-falecidos. Alguns deles são consagrados desse gênero e destinaram parte de

sua produção ao público infantil, como Ferreira Gullar, Sérgio Capparelli, José Paulo Paes e Roseana Murray, de maneira a serem apresentados com maior destaque e recorrência no livro analisado. Além desses autores brasileiros, há poesias de Tatiana Belinky, também reconhecida, russa radicada aos 10 anos de idade no Brasil, onde construiu sua carreira de escritora. Autores menos consagrados também estão presentes no livro e suas poesias possuem as mesmas funções didáticas do que aqueles mais reconhecidos. No entanto, sua obra não possui o mesmo destaque por não aparecer nas indicações literárias, por exemplo. Curiosamente, aparecem autores como José de Nicola e Fernando Paixão – autor e editor de livros didáticos, respectivamente. O último, inclusive, havia sido até 2007 diretor editorial da própria Ática, editora de *Ápis: letramento e alfabetização*. Isso sugere certo reconhecimento interno da editora, a qual oferece espaço privilegiado a esses autores. Independentemente da qualidade de sua obra, o livro didático apresenta autores que transitam no meio editorial.

As produções brasileiras contidas no livro didático aqui analisado mostram uma valorização dessa cultura para que ela permaneça enquanto referência, crie identidades, mas, acima de tudo, não esmoreça frente à publicidade e ao consumo de cultura internacional. Nesse sentido, são poucas as referências e indicações a obras estrangeiras. Essas se referem a contos de fadas, fábulas e a livros literários infantis ou curiosidades, além das referências ilustrativas a filmes ou desenhos animados. Tais referências nacionais valorizam a cultura brasileira legitimando-a, de modo a colaborar para a formação de uma identidade nacional. De acordo com Hall (2006, p. 48), “[...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*”, de maneira que há uma *narrativa da nação* para que se construa a ideia do *ser brasileiro*, no caso, e que ele possa se identificar com sua nação. Para esse autor, a globalização poderia suspender essa ideia, uma vez que as trocas entre nações se tornam cada vez mais possíveis em um mundo informatizado, buscando apagar ou deslocar as identidades nacionais, porém ao mesmo tempo ela cria um contexto para outro tipo de nacionalismo, o de afirmar e não perder identidades frente à diversidade cultural contemporânea.

Seja como for, a exposição a referências culturais brasileiras por si só não garantiria a criação de uma identidade nacional, uma vez que

[...] não existe *uma* cultura brasileira homogênea, matriz dos nossos comportamentos e dos nossos discursos. Ao contrário: a admissão do seu caráter plural é um passo decisivo para compreendê-la como um 'efeito de sentido', resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço. (BOSI, 1987b, p. 7, *itálico do autor*).

Outro gênero explorado no livro é a história em quadrinhos. Ela também é apresentada com o propósito didático da leitura, indicação literária, interpretação e produção de texto, mas majoritariamente para estudo gramatical. Por um lado, as histórias em quadrinhos possuem características de sátira, informalidade e humor. Em meados de 1940, foram consideradas, pelos estudos pedagógicos, literatura ruim, de má qualidade gráfica, sem programa definido, prejudicial à formação do caráter e da mente e pouco sadia às crianças e jovens, por apresentarem conteúdo violento ou sexual. Os alunos eram orientados a não ler esse material, o qual deveria ser retirado de escolas e bibliotecas para serem reformulados e corrigidos¹¹. No entanto, por essas próprias características informais, satíricas e mundanas, as histórias em quadrinhos se tornaram material de estudo da língua portuguesa, por apresentarem aspectos da oralidade no livro didático, conquistando espaço importante nesse material escolar. Além disso, por possuir imagens, textos em caixa alta e de caráter divertido, passou a ser considerado um gênero favorável ao processo de alfabetização.

As referências às histórias em quadrinhos apresentadas no livro didático analisado são: Turma da Mônica, Níquel Náusea, Peanuts, Calvin e Haroldo, Fala Menino e quadrinhos de Lêda Aristides e Anabel Lancast. Em sua maioria são de autores consagrados do gênero, os quais começaram sua carreira publicando tirinhas em jornais. Pelo renome dos autores e reconhecimento das histórias em quadrinhos como gênero literário, elas passam a ser legitimadas e permitidas para o público infantil. Se antes eram consideradas vulgares, de cultura popular e sem prestígio social, passaram a ser “[...] um componente central da cultura contemporânea, com uma bibliografia tão extensa, que seria trivial insistir no que todos sabemos de sua aliança inovadora, desde o final do século XIX, entre a cultura icônica e a literária” (CANCLINI, 2015, p. 339).

Ao apresentar variedade de referências culturais, o livro didático adquire um valor de formador do repertório cultural infantil, selecionando e legitimando certa

¹¹ Tais considerações foram retiradas de um estudo feito pela Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP) de 1945 que investigou as características de revistas em quadrinhos, em sua forma e conteúdo, avaliando tal material como prejudicial às crianças e aos jovens da época, por apresentar vulgaridade e sexualidade por meio de imagens de mulheres sensuais e a violência por meio de imagens que representavam socos, lutas e sangue.

Essa ideia da ludicidade, a qual ganha um item especial no *Manual do Professor*, é defendida e embasada em um material editado pelo Ministério da Educação, o qual apresenta orientações para a inclusão da criança de 6 anos de idade no ensino fundamental de nove anos que passou a ser implementado no Brasil em 2006. Dentre outros aspectos, o material apresenta a ideia do brincar como sendo “[...] da natureza de ser criança [...] brincar como um modo de ser e estar no mundo [...], como uma expressão legítima e única da infância” (BRASIL, 2007, p. 9-10). A partir desse documento e das contribuições de outras áreas, como a psicologia – intencionada em identificar fases da vida humana, sobretudo da criança –, a pedagogia passa a usufruir dessas ideias para propor um ensino mais lúdico e divertido às crianças, na expectativa de que ele fosse mais significativo e efetivo no aprendizado. Sendo assim, as autoras utilizam esse princípio para pautar a ideia de ludicidade apresentada no livro “sob a forma de diversão e entretenimento (veja a seção *Hora da diversão* a partir do volume do 2º ano)” (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 36 do *Manual do Professor*). A partir dessa concepção, as propostas didáticas assumem um caráter lúdico uma vez que não se deveria privar as crianças da brincadeira, a qual é entendida como parte de sua natureza, mas ajustar as intenções pedagógicas às vontades infantis e, sempre que possível, ensinar por meio de atividades lúdicas. O livro apresenta atividades divertidas às crianças, na expectativa de se obter um aprendizado mais significativo e efetivo, além de serem “[...] oportunidades para o desenvolvimento de habilidades de atenção, observação e interação” (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 37 do *Manual do Professor*).

No final desse livro, há um *Manual do Professor*, o qual justifica teoricamente as abordagens pedagógicas do material e oferece orientações gerais para sua utilização. Nesse manual, há ênfase para a formação do leitor e importância da leitura na escola, tanto no sentido da alfabetização, quanto do letramento, que envolve um conhecimento mais amplo da escrita enquanto bem cultural e não somente a decodificação das letras. Sendo assim, o livro propõe que se adquira o repertório cultural apresentado na sociedade, de maneira que a criança conviva no mundo, decodificando seus signos e formas de expressão.

De acordo com as autoras, “o objetivo de um projeto didático de leitura é criar necessidades no leitor: querer conhecer, apoderar-se de bens culturais ainda guardados pela escrita, descobrir outros mundos, perceber e buscar outras leituras que ‘conversem’ com sua leitura” (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 50 do

Manual do Professor). Aqui, percebe-se que dentre outras funções da leitura está a de conhecer a cultura escrita. Tal necessidade está posta na sociedade desde o advento da imprensa e a publicação de livros e periódicos, como visto no capítulo 2.2 deste trabalho.

É interessante observar nesse trecho o verbo utilizado para que se conheça a cultura: *apoderar-se*, ter poder, conquistar para si. Tal palavra sugere um poder dado à cultura de maneira que seja preciso conquistá-la para ter sucesso no mundo contemporâneo. De certa forma, é isso que o livro propõe ao apresentar grande variedade de gêneros e autores da literatura, sobretudo brasileiros, ao mesmo tempo em que mostra imagens e referências da cultura da mídia, tão presente nos dias de hoje. O que sugere que a criança do século XXI necessita tanto dos saberes clássicos e formais da língua portuguesa, apresentados no livro didático pelas obras dos autores consagrados e atividades relacionadas à interpretação de texto e aos aspectos gramaticais, quanto dos saberes contemporâneos relacionados à cultura da mídia, tanto por sua referência a filmes e histórias em quadrinhos – como visto anteriormente – ou seu conteúdo de indicação de um CD, por exemplo, quanto pela própria estética da página do livro – como pode ser visto na imagem mais adiante – que mostra uma interface parecida com a apresentação de sites, por exemplo, os quais se organizam sob a forma de janelas temáticas.

Com relação aos saberes da língua portuguesa, as orientações didáticas propõem o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita “[...] a fim de desenvolver competências comunicativas essenciais ao exercício da cidadania na sociedade da informação e do conhecimento” (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 52 do *Manual do Professor*), de modo que é função da escola alfabetizar e ensinar tais habilidades de leitura e escrita. O livro propõe esse ensinamento pautado majoritariamente na literatura brasileira, a qual se torna referência principal e fundamental nos conteúdos culturais desse material. O *Manual do professor* legitima explicitamente certos autores, como Monteiro Lobato, a quem o livro se refere como “[...] o primeiro a se preocupar em tornar significativo para a criança brasileira o livro de história infantil” (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 44 do *Manual do Professor*).

Além disso, esse manual também destaca a formação da sensibilidade humana por meio da literatura, mostrando que algumas obras que possuem sensibilidade estética, diferentes linguagens e jogo de palavras, colaboram para a

afetividade e o autoconhecimento do indivíduo. A concepção de formar crianças mais *humanas* se apresenta como uma demanda contemporânea e está presente no livro didático, o qual sugere certos conteúdos literais para ensinamentos morais, como as fábulas, ou de caráter interpretativo da linguagem, como poesias e outras histórias, exemplificado a seguir:

Conversa em jogo: Eu e os outros

Releia estes versos:
Quando estou gigante,
Ando com cuidado
Pra não machucar
Quem está ao meu lado.¹²

- a) Muitas pessoas se acham gigantes o tempo todo. O que acontece com elas? É possível se achar gigante em todas as ocasiões?
- b) Por que será que é preciso ter cuidado para não machucar nem magoar os outros quando nos sentimos gigantes?
- c) Dê sua opinião e ouça a opinião dos colegas. (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p.37).

Aqui é sugerido que se faça uma interpretação do conteúdo do texto, relacionando-a com as situações vividas pelas crianças em seu cotidiano. Percebe-se, nesse caso, uma indicação de comportamento sobre como tratar as outras pessoas, além de um compartilhamento de ideias, sugerindo certa pluralidade de opiniões.

É sugerido também nesse manual que haja um incentivo para que os alunos frequentem a biblioteca da escola, criem o hábito da leitura e encontrem o gosto por ela, de maneira a valorizar tal costume considerado importante para a formação do indivíduo contemporâneo. Sendo assim, torna-se necessário ensinar não somente conteúdos de comunicação e linguagem, mas também hábitos relevantes para se viver na contemporaneidade, o que se pretende com a seção “Leia e ouça mais” retratada abaixo:

¹² Esse trecho foi retirado da poesia “Anão e gigante” de Nilson José Macedo, apresentada integralmente no livro didático na página anterior à proposta, juntamente com uma indicação literária do livro homônimo do autor referido.

Figura 21 – Indicações literárias presentes em todo final de unidade didática.

Fonte: BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 73.

Os conteúdos culturais apresentados como indicações literárias no livro didático revelam a seleção de certa cultura para formar o repertório dos alunos. É importante refletir sobre que alunos seriam esses, assim como a quem se dirigem tais indicações. O acesso aos livros, CDs e DVDs indicados certamente não é para todas as crianças. Deve haver certo poder aquisitivo para que se consuma esses produtos culturais, restringindo-os aos alunos com mais dinheiro ou àqueles que frequentam a biblioteca da escola. Mesmo assim, esses dependeriam de um acervo privilegiado desse espaço valorizado pela cultura escolar. As indicações também se destinam aos familiares, de certa forma, pois, para aqueles que podem comprar livros, CDs e DVDs, essa ação é realizada pelos adultos da família das crianças e não por elas próprias, necessariamente. Com isso, os familiares podem controlar aquilo que a criança consome culturalmente, incentivando ou não o contato com as referências culturais indicadas no livro didático.

Em seus estudos sobre a relação entre capital cultural e sucesso escolar, Bourdieu e Passeron (2015, p. 62) afirmam que “[...] para saber o que o estudante (e

a *fortiori* o liceal) consome, basta (ou quase) saber o que o ensino produz”. Por um lado, fora da escola, as crianças têm acesso a outras culturas. Imagina-se que algumas assistem à televisão, vídeos e séries na internet, ouvem música e brincam de diversas brincadeiras, com seus brinquedos; outras possuem uma realidade em que não têm a possibilidade de brincar. De uma forma ou de outra, produzem e vivenciam outras culturas não oferecidas pela escola. Porém, tais práticas tendem a ser vigiadas por seus familiares, os quais incentivam as crianças a vivenciarem certas culturas que acreditam ser as mais adequadas aos seus filhos. Aquelas oferecidas pela escola são previamente legitimadas no campo da educação, portanto *consideradas* mais apropriadas para as crianças.

No entanto, cada conjunto simbólico-cultural apresentado pela escola pode se opor a outros conjuntos não validados por ela, criando um campo de tensão cultural entre as partes, como argumenta Bourdieu (2007, p. 212, *itálicos do autor*). De acordo com o autor,

[...] seria ingênuo suspender nesse ponto a busca da explicação, como se a Escola fosse um império dentro de um império e como se a cultura encontrasse nela seu começo absoluto. Contudo, também parece ingênuo querer ignorar que a escola, pela própria lógica de seu funcionamento, modifica o conteúdo e o espírito da cultura que transmite e, sobretudo, cumpre a função expressa de transformar o legado coletivo em um inconsciente *individual e comum*. Assim, referir as obras de uma época às práticas da Escola é o mesmo que obter um meio de explicar não somente o que essas obras *proclamam*, mas também o que elas deixam escapar na medida em que participam da simbologia de uma época ou de uma sociedade.

Dessa forma, ao mesmo tempo em que a escola é o espaço que valoriza certa cultura por meio de sua apresentação nos livros didáticos, ela também é o lugar em que ocorrem as trocas simbólicas, possibilitando a produção cultural infantil, nem sempre referenciada nesses materiais. Se o livro didático apresenta e legitima certas referências culturais, o uso que dele será feito e as outras referências levadas de fora pelos alunos podem reproduzir ou transformar essa cultura.

Como isso acontece, no entanto, não é objetivo deste trabalho, mas apresenta-se como um possível desdobramento ao se tangenciar as questões relativas à presença da cultura na escola. No que confere aos modos de presença das produções culturais no livro didático que utiliza autores literários como sua principal referência cultural, foi possível observar que há uma variedade de gêneros literários, uma busca pelo aprendizado efetivo e significativo por meio da ludicidade, indicações diretas sobre que cultura consumir, referências da cultura da mídia e atividades

relacionadas tanto ao ensino dos aspectos formais da língua portuguesa, quanto às questões interpretativas dos textos literários de caráter humano e comportamental.

3.3. O VALOR DA CULTURA PARA A FORMAÇÃO DA CIVILIDADE

O objetivo deste subcapítulo é caracterizar o grupo de livros didáticos¹³ selecionados cujas produções culturais são tanto de autoria dos próprios escritores dos livros, quanto de autores da literatura. Identifica-se como a cultura aparece nesses materiais de maneira a justificar o agrupamento aqui escolhido com base nas regularidades encontradas entre os modos de presença da cultura nos livros didáticos. Além disso, esses modos de presença foram caracterizados para se compreender como os conteúdos culturais que aparecem são empregados para o ensino por meio das orientações didáticas às professoras.

De início, observa-se que os livros pertencentes a esse grupo possuem produções referenciadas de autores da literatura, produções não-referenciadas que foram elaboradas pelos autores dos livros e produções que foram escritas por autores da literatura, porém não possuem referência explícita no livro didático. O objetivo desse texto é analisar quais as funções didáticas dessas produções e como elas aparecem nas páginas dos livros, buscando regularidades entre esses modos de presença da cultura nas propostas didáticas.

Sete livros foram analisados: *Novo Manual de Língua Portuguesa: Grammatica, Lexicologia, Analyse, Composição* (1912), *O pequeno escolar* (1936), *Terra brasileira* (1965), *Alvorada* (1967), *Exercícios de Leitura Silenciosa e Linguagem* (1968), *Leituras maravilhosas* (1968) e *Comunicação e expressão* (1978). Neles aparecem certa variedade de gêneros literários, como narrativas; textos descritivos, informativos, instrucionais e biográficos; sequências de frases; cartas; fábulas; adivinhas; contos de fadas; ditos populares; diálogos teatrais; lendas; quadrinhas populares; parlendas e poesias.

Antes de se descrever os aspectos peculiares das produções e suas propostas didáticas, é importante fazer algumas considerações referentes à seleção dos conteúdos culturais feita pelo sistema escolar, que se expressa nos currículos, bem como nos livros didáticos. Bourdieu (2007, p. 218) afirma que

¹³ As fichas técnicas referentes aos livros didáticos desse grupo podem ser encontradas no apêndice E deste trabalho.

Todo ato de transmissão cultural implica necessariamente na afirmação do valor da cultura transmitida (e paralelamente, a desvalorização implícita ou explícita das outras culturas possíveis). Em outros termos, isto significa que todo ensino deve produzir, em grande parte, a necessidade de seu próprio produto e, assim, constituir enquanto valor ou como valor dos valores a própria cultura cuja transmissão lhe cabe.

Tendo isso em vista, será importante observar quais produções culturais são apresentadas nesses livros e de que maneira são tratados os seus conteúdos, uma vez que ora as produções literárias são dos próprios autores dos livros didáticos, ora são de autores já reconhecidos da literatura. Dessa forma, faz-se relevante ter em mente possíveis diferenciações com relação ao conteúdo e ao modo de presença das produções culturais nos livros analisados para observar quais as diferenças e regularidades apresentadas entre os dois tipos de autoria e se o valor dado a elas é o mesmo. Por fim, observar que tipo de necessidade o ensino produz e qual cultura é por ele valorizada.

Nos livros didáticos observados, a poesia é o único gênero que possui autoria externa. Autores portugueses e brasileiros estão referenciados em suas páginas, mostrando que tais produções não foram escritas pelo autor do livro didático, mas por escritores conhecidos por sua produção literária. Além disso, em alguns livros como *Novo Manual de Língua Portuguesa: Gramática, Lexicologia, Análise, Composição; Exercícios de Leitura Silenciosa e Linguagem* e *Leituras maravilhosas* há poesias de autores da literatura que não possuem a referência explícita de quem as escreveu, sugerindo certo conhecimento prévio do aluno e do professor além da verificação desse conhecimento, como é o caso em *Exercícios de Leitura Silenciosa e Linguagem*, em que as propostas didáticas referentes às poesias presentes no livro são de perguntas sobre os títulos e autorias dos poemas, como pode ser visto a seguir:

Olavo Bilac, o genial poeta brasileiro, dedicou inúmeras poesias às crianças de sua Pátria. Tenho certeza de que você conhece e aprecia essas poesias e por isso vai fazer certo o exercício abaixo:

- Escreva à frente de cada período, o nome da poesia de Olavo Bilac que nos dá estes conselhos:

- a. O trabalho e a economia são a base da riqueza.
 - b. Envelhecer agasalhando, dando sombra e consolo aos que padecem.
 - c. Ao teu prazer, prefere o estudo e o prêmio alcançará sem custo.
- (LEITE, 1968, p. 17).

Nesse exemplo, a função didática da poesia é verificar o próprio conhecimento literário do aluno, questionando se ele sabe identificar as obras desse autor. Diferentemente dos outros livros desse grupo que abordam a poesia como recurso para ensinar a ler, interpretar, compreender, estudar gramática, recitar, ampliar o vocabulário, decorar, pintar com inspiração em suas palavras, mas também ensinar

religiosidade, *Exercícios de Leitura Silenciosa e Linguagem* também espera que os alunos conheçam certos autores da literatura brasileira. No outro exemplo abaixo, desse mesmo livro, há outra proposta didática referente à poesia que ilustra os diferentes recursos mencionados acima.

Figuras 22 e 23 – Propostas didáticas de reconhecimento, interpretação e estudo gramatical de poesia.

Fonte: LEITE, 1968, p. 34 – 37.

Nessas páginas, ficam evidentes as diferentes funções didáticas do gênero poético como recurso para o estudo da língua, tanto em seu aspecto interpretativo,

quanto em seu aspecto gramatical. Além disso, o último exercício proposto sugere que se faça uma ilustração de alguns versos da poesia, utilizando-a, também, como fonte de inspiração para uma produção artística ou de diversão.

Assim como o poema anterior de Olavo Bilac, essa última poesia pertence a outro autor conhecido do tempo desse livro: Fagundes Varela (1841-1875). Sua obra é permeada de sofrimento e angústia, mas também de pátria, abolicionismo, amorosidade, religiosidade e misticismo. Anterior a Olavo Bilac, seus poemas estão presentes em dois dos livros aqui analisados (*Novo Manual de Lingua Portuguesa: Grammatica, Lexicologia, Analyse, Composição e Exercícios de Leitura Silenciosa e Linguagem*), ao lado de outros autores de seu tempo e de similar – ou maior – reconhecimento, como Gonçalves Dias (1823-1864), João Köpke (1852-1926) e João de Deus (1830-1896).

Essa seleção dos poetas e outros escritores presentes nos livros didáticos demonstra a cultura que é transmitida nesses livros: a da poesia como um gênero literário reconhecido e valorizado, por meio do qual se conhece e se aprecia a cultura brasileira, além de utilizá-la como um recurso didático para o ensino da gramática. Ao explicitar os autores, os livros didáticos constroem as referências literárias infantis, demarcando quais escritores são dignos de conhecimento, portanto de leitura e exploração didática. É nesse sentido que esses livros transmitem *valores culturais* (ECO, 2006), seja por meio das referências explícitas aos autores mencionados, ou por meio do conteúdo das produções culturais.

Em seu estudo sobre a cultura de massa, Umberto Eco (2006, p. 50) reflete em dado momento sobre a indústria editorial, afirmando que

[...] nela se acham inseridos homens de cultura, para os quais o fim primeiro (nos melhores casos) não é a produção de um livro para vender, mas sim a produção de valores para cuja difusão o livro surge como o instrumento mais cômodo.

Apesar dessa pesquisa não envolver o âmbito das intenções dos autores de livros didáticos, justamente por se fundamentar na análise da superfície discursiva compreendida na observação dos conteúdos culturais presentes nos livros didáticos, nota-se que esses materiais são instrumentos de difusão de valores, como bem ressalta Eco (2006), por terem textos com diversos conteúdos os quais são transmitidos aos alunos, além de serem livros muito consumidos no ambiente escolar.

Os autores dos livros didáticos desse grupo, portanto, selecionam poesias de autores reconhecidos e produzem textos próprios para ensinar valores morais, padrões de saúde e comportamento, gramática, história do Brasil, geografia, ciências naturais, leitura e escrita. A poesia, então, é destacada como sendo o gênero que apresenta autores brasileiros ou portugueses prestigiados cujas obras constituem referências literárias que devem ser objeto de estudo e apreciação nas escolas.

Assim como há autores referenciados, há também poesias que são de autores reconhecidos de seus tempos, mas não têm seus nomes registrados ao final de seus textos. Em *Exercícios de Leitura Silenciosa e Linguagem*, Vinicius Meier é o único autor referenciado. No entanto, o livro traz poesias de Fagundes Varella, Julio Diniz, Tomás António Gonzaga, Gonçalves Dias, Humberto de Campos e Ricardo Gonçalves, além de excertos de textos de Monteiro Lobato. Da mesma forma, *Novo Manual de Lingua Portuguesa: Grammatica, Lexicologia, Analyse, Composição* também apresenta produções de João de Deus, Luiz Guimarães, Gonçalves Dias, Antonio Feliciano de Castilho e Pedro Diniz, sem explicitar que tais produções são desses autores. Compreende-se a omissão do nome do autor quando o objetivo da atividade é justamente desafiar o aluno a identificar a autoria do texto, mas há outras propostas de atividade – como leitura, recitação, estudo gramatical ou compreensão de texto – em que o objetivo não é esse e mesmo assim não se menciona o nome do escritor.

Além das poesias, há outras produções que não são referenciadas, embora não tenham sido produzidas pelos autores dos livros didáticos: são ditados populares, parlendas, quadrinhas populares, lendas, mitos ou fábulas. No caso desses textos compreende-se a falta de referência por serem produções populares sem autoria definida. Em *O pequeno escolar*, uma fábula é referenciada como sendo de Leão Tolstoi, assim como em *Alvorada*, há uma referência à adaptação de lenda japonesa. Mesmo sendo referenciadas, as duas produções possuem caráter popular por serem gêneros de tradição oral – fábulas e lendas. Observa-se, portanto, a relevância desse conteúdo estar presente nos livros didáticos. Uma vez que, com o advento da imprensa, a cultura letrada se torna tão ou mais importante quanto a cultura vivenciada (PETITAT, 1994), a tradição oral foi se perdendo ao longo do processo de civilização e os livros didáticos passaram a ser um material de preservação dessa cultura, possibilitando sua permanência no currículo escolar, sendo, portanto, selecionada.

As demais produções culturais presentes nesses livros didáticos são de seus próprios autores: narrativas; textos descritivos, informativos, instrucionais e biográficos; sequências de frases; cartas; adivinhas; contos e diálogos teatrais. O que se nota de início é que os gêneros literários das produções dos autores de livros didáticos não são os mesmos das produções de autoria externa. No entanto, as funções didáticas de ambas as produções são similares. De uma maneira geral, os livros propõem ensino gramatical, ampliação de vocabulário, compreensão e produção de texto, leitura, escrita, recitação, cópia, mas também ensino de outros conteúdos como história do Brasil, civilidade, higiene, religiosidade e moralidade. É o caso, por exemplo, de *Terra brasileira*, em um texto sobre os bens públicos:

Defenda os bens públicos

Sabe o que são bens públicos? São as coisas que pertencem ao povo e que prestam benefício a toda a gente. São bens públicos as praças, as ruas, os jardins, os monumentos, os prédios escolares e as repartições do govêrno.

Os meninos educados devem zelar pelos bens públicos. São coisas valiosas para a vida do povo. Devemos, portanto evitar que elas fiquem sujas ou sejam danificadas.

Bens públicos são.....
Devemos evitar que fiquem.....ou sejam.....
(SANTOS, 1965, p. 23).

Nesse exemplo, a proposta didática é de leitura do texto e respostas às questões referentes à sua compreensão. No livro, a produção aparece como complemento às atividades relacionadas à poesia *Pindorama* de D. Aquino Correia, de caráter ufanista:

Minha terra é Pindorama
de palmares sempre em flor:
quem os viu e não os ama,
não tem alma nem amor.

Santa Cruz é minha terra,
terra santa cá do sul:
seu pendão a cruz encerra,
tem a cruz no céu azul.

Deus num último batismo
meu país Brasil chamou;
se me abrasa o patriotismo,
brasileiro então eu sou.

Eis os nomes que assinalam
minha terra sempre em flor:
são três nomes que me falam
de beleza, fé e amor.

Pindorama! és meu encanto!
Santa Cruz! és minha fé!

O' Brasil! Eu te amo tanto,
que por ti morrerá até. (SANTOS, 1965, p. 21-22).

Sendo assim, o texto anterior complementa a ideia de zelo para com a sociedade, criando valores civis, no caso do cuidado com os bens públicos, ou até mesmo valores morais “[...] para a formação da personalidade da criança e seu ajustamento ao meio social” (SANTOS, 1965, p. 7). Nesse sentido, os livros didáticos assumem o caráter educativo do processo civilizador, assim como os manuais educativos para meninos o faziam durante o Renascimento, como aponta Norbert Elias (1994a, p. 83), ao registrarem “[...] os modelos de comportamento para os quais estavam maduros os tempos e que a sociedade – ou mais exatamente a classe alta, em primeiro lugar – exigia”. O autor explora o caráter processual da civilização, argumentando que ela é construída pelos sujeitos que a idealizam e não algo pronto e finalizado que é apresentado aos novos indivíduos da sociedade. Dessa forma, pode-se caracterizar o livro didático como um material que transmite valores culturais, civis, morais e nacionais, fazendo parte do processo civilizador.

Essa transmissão, por sua vez, é feita por meio de uma seleção dos conteúdos valorizados no meio educacional e esperados pela sociedade, tanto pelas escolas, uma vez que elas são compreendidas como autoridade ao se pensar o currículo das crianças, quanto pela sociedade, que espera que as crianças adquiram *bons hábitos e costumes* na escola. O modo pelo qual esses valores serão construídos é tarefa do contexto educacional compreendido – no mundo moderno – pela família e escola, principalmente. Dessa forma, há certa cultura a ser ensinada nas escolas, tanto com relação ao comportamento que se deve ter na sociedade, quanto com relação aos saberes científicos e literários que se deve conhecer, como tem sido observado neste trabalho.

Os livros didáticos podem ser vistos como materiais que afirmam o valor da cultura transmitida em suas páginas, uma vez que selecionam seu conteúdo e o divulgam por meio de sua materialidade e presença nas escolas. Nos livros aqui tratados, esses valores se apresentam de forma literal nas produções narrativas e informativas dos autores dos livros didáticos. Em *O pequeno escolar*, por exemplo, há diversos textos nesse sentido, como “A pátria”, que caracteriza tal valor, ao mesmo tempo em que descreve o Brasil de forma a ensinar que o país é a pátria que se deve honrar:

O Brasil é a nossa Pátria. A elle devemos o nosso amor e o nosso culto - amor e culto eguaes em todos os corações. Amai-o e servil-o com solícitude,

sem indignos interesses pessoais, propugnar pelo seu progresso moral e material, defendê-lo dos seus inimigos e sagrar a sua glória todo o nosso esforço e a nossa fé, na certeza de vê-lo sempre aumentado no conceito das grandes nações do globo - é uma obrigação de sangue. (O PEQUENO..., 1936, p. 10-11).

Nesse trecho, nota-se a clareza do conteúdo nacionalista nessa produção cultural descritiva. No livro, esse texto é utilizado para ensinar vocabulário e gramática, mas também escotismo e a biografia de Robert Baden-Powell, quem fundou o movimento escoteiro, reforçando que o texto tem tanto a função didática do ensino da língua portuguesa, quanto a função de ensinar determinados valores culturais e morais.

Da mesma forma, em *Terra brasileira*, há, dentre outros textos, narrativas que demonstram o que se esperava do comportamento infantil na época, retratando também como deveria ser o cotidiano familiar. No texto “O brasileiro”, descreve-se de maneira idealizada a rotina de uma criança brasileira:

Senta-se à mesa. Totó fica a seu lado. Toma, então, uma xícara de café com leite. Come um pedaço de pão com manteiga. Em seguida, apanha os livros e vai estudar.

Sua mãe começa, então a arrumar a casa. Seu pai já saiu, muito cedo, para o trabalho (SANTOS, 1965, p. 9).

Nesse trecho estão representadas as funções da criança, da mulher e do homem na sociedade. A narrativa mostra como deveria ser uma manhã em uma típica família brasileira. Ilustra tanto o comportamento estudioso da criança, quanto sua cultura alimentar, além das atividades de uma mãe e um pai. Obviamente, aqui não interessa retratar a diversidade familiar e de funções sociais de um pai, uma mãe e um filho, mas de se criar uma alegoria da família brasileira. É por meio da narrativa, portanto, que “[...] o Estado, através de instituições e agentes legitimadores [...] pôs em ação toda uma série de dispositivos com a finalidade de se apropriar dos saberes, de discipliná-los e de pô-los a seu serviço.” (VARELA, 1994, p. 90). Isso não significa que o Estado elaborou um grande plano duradouro moralizador, mas que esses valores eram relevantes para a sociedade da época e também para o próprio Estado, uma vez que ter um *bom comportamento* era importante para uma nação próspera e uma sociedade civilizada. Dessa forma, pode-se dizer que o livro didático também funciona como um dispositivo de controle dos comportamentos sociais e das referências culturais valorizadas em determinada sociedade.

Sendo assim, ele contribui para transformar o aluno em um “[...] ator social capaz de responder aos padrões de eficiência – de produção e comportamento –

exigidos pela sociedade de seu tempo” (Ó, 2016, p. 40). No excerto acima, é esperado que a criança brasileira seja estudiosa, por exemplo. Percebe-se, portanto, que esse era um comportamento desejado na sociedade da época e transmitido nas páginas dos livros didáticos por meio de histórias cuja personagem era Juninho, no caso dessa produção, o qual representava a própria criança brasileira. Dessa forma, os valores morais explorados nesses livros eram as referências de comportamento que as crianças teriam e sobre os quais aprenderiam, tornando-as *vigilantes de si* (Ó, 2016) com a expectativa de que agissem conforme as descrições dos livros.

Além dos valores morais, outras formas de comportamento são ensinadas nos textos. Em *O pequeno escolar* (1936), há textos sobre “Como andar na rua” (p. 30-32), como se comportar e o que explorar “Na Roça” (p. 29-57), assim como descrições dos cuidados que se deveria ter referentes à saúde e higiene. Em “Os dentes de Marieta” (p. 15-17), o texto narra o sofrimento do tratamento de dor de dente pelo qual Marieta teve de passar por não tê-los escovado direito por causa de sua preguiça e ter fingido que escovava. Além do texto explicitar os cuidados que se deveria ter e a importância de se escovar os dentes regularmente para a saúde bucal, também julga Marieta, mostrando as consequências fisiológicas de sua atitude – a dor de dente –, além da consequência comportamental – não ganhar presente do pai, por ele ter tido de pagar o dentista. A conclusão, portanto, é:

Agora, sem que ninguém lhe determine, de manhã escova muito bem os dentes e lava a bôca. Faz a mesma coisa depois do almoço e do jantar. De noite, quando se esquece e se deita sem ter lavado a bôca, logo que se lembra, salta da cama e vai cuidar do asseio da bôca e dos dentes.

É assim que Marieta conserva os dentes. Vai crescer, vai envelhecer com seus belos dentes. (O PEQUENO..., 1936, p. 16-17).

A produção cultural, nesse caso, está em função de uma profilaxia. O livro didático se apresenta como um material de divulgação de *bons* hábitos e costumes para se ter uma vida saudável, nesse caso, e cívica, como visto anteriormente, com base nos preceitos morais apresentados em suas páginas, os quais construiriam a prosperidade e civilidade da nação. Apresenta-se, portanto, uma produção cultural didática para ensinar os modelos de comportamento esperados para a sociedade de cada época, uma vez que

esta maneira polida, extremamente gentil e relativamente atenciosa de corrigir alguém, sobretudo quando exercida por um superior, é um meio muito mais forte de controle social, muito mais eficaz para inculcar hábitos duradouros do que o insulto, a zombaria ou ameaça de violência física. (ELIAS, 1994a, p. 93).

Essas produções culturais, por sua vez, são elaboradas pelos autores dos livros didáticos para suprir as demandas sociais da época por meio dos conteúdos tratados nos textos, além de serem utilizadas para ensinar os aspectos normativos da língua portuguesa. Tais produções criam um formato específico que utiliza a narrativa ou a linguagem informal da oralidade para ensinar conteúdos morais, civis, históricos e da língua materna às crianças. De certa forma, esse novo formato didático-literário próprio das produções culturais dos autores dos livros didáticos e recorrente no escolanovismo que parece se aproximar das vivências das crianças buscando seu interesse (DEWEY, 1967) torna-se mais uma estratégia para o ensino dos *bons* hábitos e costumes, os quais fazem parte do processo civilizador (ELIAS, 1994a, 1994b).

Além das produções narrativas com conteúdos de higiene, saúde e comportamento, em que há uma personagem infantil que passa por situações nas quais aprenderá algo sobre como se alimentar bem, por onde andar na rua, não falar com estranhos e honrar sua pátria, outros conteúdos também são elaborados pelos autores dos livros didáticos: assuntos relacionados às ciências naturais – botânica, animais e corpo humano –; à geografia brasileira e à história do Brasil, por meio da biografia de alguma personagem ou descrições de períodos e marcos. Em ambos os temas, a abordagem se dá pelo ensino de conteúdo relacionado às experiências infantis. Por vezes, um texto sobre um período da história do Brasil é narrado como se uma personagem fictícia estivesse vivendo tal momento, ou visitando um lugar que a marcou e relatando essa visita. É o que acontece em “Marcha para o Oeste”, em *Leituras maravilhosas*:

- Percorri, de avião, tôda a região Centro-Oeste do Brasil. Não conhecia, de perto, Mato Grosso e Goiás. Fiquei impressionado com as dimensões gigantescas dêsses Estados. Não tenho palavras para descrever sua grandiosidade. Infelizmente, seus territórios são pouco habitados e quase desconhecidos. E suas imensas riquezas permanecem, em grande parte, inexploradas.
- Qual a razão disso, titio?
- Situados no centro do Brasil, estão a enorme distância das zonas mais civilizadas do país. Além disso, dispõem de poucas vias de comunicação com os outros Estados. Acresce ainda que somente dois séculos após o descobrimento do Brasil chegaram a essas regiões os primeiros bandeirantes. Entre eles se encontrava o famoso Bartolomeu Bueno da Silva, a quem os índios goianos chamavam de Anhangüera ou “Diabo Velho”. (SANTOS, 1968, p. 150).

O que se pretende evidenciar com esse trecho não é necessariamente como se dá o discurso do ensino de história, ou que conteúdos ele valoriza – no caso, a

exploração do território brasileiro feita pelos bandeirantes –, mas de mostrar que tal ensino, assim como o de geografia, por explorar o tamanho do terreno brasileiro e dos estados mencionados, é proposto por meio de uma narrativa, como se fosse uma história infantil para entreter e encantar as crianças. Essa evidência é uma regularidade encontrada nos outros livros, como visto anteriormente, e explorada com outros artifícios no livro *Comunicação e expressão* de 1978.

Nele, são encontradas mais ilustrações do que nos livros anteriores e uma linguagem ainda mais convidativa às crianças para responder às questões propostas pelo livro e incentivar a produção de textos. Pelo fato de o livro ser mais recente que os demais desse grupo, as condições editoriais favoreciam a maior quantidade de ilustrações e o espaço em A4 das páginas para as produções infantis. Se antes as narrativas buscavam se aproximar das vivências das crianças, em *Comunicação e expressão* as produções culturais são elaboradas com temáticas e linguagens mais próximas delas, buscando o divertimento por meio de imagens. É o caso de uma proposta de produção de texto a partir de uma história em quadrinhos e a sugestão de diversão após a produção:

Figura 24 – Propostas didáticas com imagens.

Fonte: AROEIRA, 1978, p. 14.

Se, por um lado, as imagens ocupam grande espaço da página e convidam a criança a observá-las e interagir com elas, por outro a proposta didática que está explícita é a de escrita e produção de narrativa. Percebe-se, portanto, o modo como a cultura é apresentada nesse caso: um recurso didático para produção infantil. Em outros textos, porém, utilizam-se as produções culturais para verificar a compreensão das crianças, além de outras funções também exploradas nos outros livros, como a leitura, a escrita e o ensino das normas da língua portuguesa.

As funções didáticas das produções culturais demonstram o quanto a cultura literária é valorizada e utilizada como recurso para o ensino da língua e dos valores sociais nos livros didáticos. A seleção de poesias de autores externos mostra a afirmação desse gênero literário e da produção artística nacional e portuguesa, construindo e preservando referências culturais. Foi visto que algumas produções externas não foram referenciadas, mas eram de autoria de nomes importantes da literatura. As produções de autoria externa valorizam o gênero poético e apresentam a cultura brasileira que deveria ser valorizada por meio da poesia. No entanto, as funções didáticas dos conteúdos culturais apresentados – leitura, interpretação, compreensão, verificação de autoria, estudo gramatical, recitação, ampliação do vocabulário, memorização, produção de ilustração e ensino religioso – independem da autoria. Os conteúdos podem ser diferentes, mas o que se propõe didaticamente com as produções não se altera, sugerindo certa igualdade no valor cultural dos diferentes textos para as funções didáticas.

Com relação às produções dos autores dos livros didáticos, analisou-se o caráter de transmissão de valores civis, nacionais, morais e de comportamento, além do ensino dos aspectos normativos da língua portuguesa por meio de narrativas, textos informativos ou biográficos com uma linguagem próxima à da criança, além da exploração de imagens. A transmissão de valores e o ensino da língua colaboram para o processo civilizador, ao divulgar conteúdos que se tornam referências de *bons hábitos e costumes* e da literatura. O livro didático, portanto, pode ser considerado como um material pertencente à cultura escolar o qual transmite valores culturais e sociais relevantes para determinada sociedade.

Um caso exemplar: *Novo Manual de Língua Portuguesa: Grammatica, Lexicologia, Analyse, Composição*, 1912

Este item tem a finalidade de analisar um livro didático de Língua Portuguesa de 1912, intitulado *Novo Manual de Lingua Portuguesa: Grammatica, Lexicologia, Analyse, Composição*¹⁴, destinado ao curso preparatório do ensino primário que correspondia à preparação para o curso elementar (7 a 9 anos) do primeiro grau (ZOTTI, 2006). O livro, editado pela Livraria Francisco Alves, com sedes no Rio de Janeiro e São Paulo e sem autor definido, possuiu outras edições posteriores que utilizaram as mesmas atividades para compor o curso elementar. Em uma edição de 1927, já elaborada pela Livraria Paulo de Azevedo & Cia. – então gerida pelo antigo empregado da Livraria Francisco Alves, Paulo Ernesto Azevedo, sucessor da antiga editora (HALLEWELL, 1985) –, há a informação de que esse mesmo livro de 1912 passou a ser destinado ao curso elementar, havendo outro livro para o curso preparatório com mais atividades. O que sugere que o primeiro livro foi editado sob uma troca recente de nomenclatura, de maneira que na época de seu uso ele também era destinado às crianças de 7 a 9 anos, ou que ele passou a ser dessa faixa etária posteriormente e nessa época era destinado a crianças menores.

O livro analisado é o *livro do professor*, o qual contém orientações ao docente sobre como encaminhar as atividades propostas. Tal escolha foi feita para que se compreendam as recomendações aos professores, de maneira a contribuir para o entendimento do discurso do livro didático sobre os conteúdos culturais na infância. O objetivo deste item é ilustrar os aspectos tratados no subcapítulo anterior, mostrando mais exemplos sobre os modos de presença das produções culturais de autorias didática e literária nos livros didáticos. Para essa análise, foram feitas observações referentes à estrutura de organização do livro, como que tipos de propostas didáticas aparecem, como elas estão dispostas, a estética do material e orientações dadas ao professor; além da análise das referências culturais que nele aparecem, como os gêneros literários, os assuntos, as áreas de conhecimento, o contexto didático e os autores.

¹⁴ A tabela das produções culturais e suas respectivas propostas didáticas encontra-se no apêndice F deste trabalho.

Figuras 25 e 26 - Índice do livro.

ÍNDICE DAS MATERIAS	
I. Grammatica e Composição (Preceitos)	
Nome: Definição, varias especies, genero, numero, gráu.	Paginas 6
Artigo.	49
Adjectivo { qualificativo: formação do feminino, do plural, gráu.	52
{ determinativo: possessivo, demonstr., numeral, indef.	82
Pronome: pessoal, possessivo, demonstrativo, relativo, indefinito.	94
{ Sujeito, pessoa, modo, tempo.	112
{ Auxiliares, <i>ser, ter, haer, estar</i>	129
Verbo.	147
{ Modelos das tres conjugações.	174
{ Complementos do verbo.	183
{ Verbos irregulares.	213
Participio.	215
Palavras invariaveis: adverbio, preposição, conjunção, interjeição.	221
Analyse grammatical.	234
Proposição.	243
Phrase.	251
Composição.	256
Narração.	261
Descrição.	265
Carta.	
II. Exercícios de intelligencia	
Achar o lugar da reunião de varios objectos.	13
Achar o nome daquelle que faz uma acção determinada.	24
Achar o nome do qual se dá a definição.	33
Achar o nome daquelle que é privado de certas facultades.	47
Achar o nome da materia com que se fabricam certos objectos.	48
Achar o nome do lugar onde se fabricam certos objectos.	51
Achar a qualidade essencial de certos objectos.	57
Dizer o contrario de certos nomes.	72
Dizer o que deveriam ser objectos cujo defeito se conhece.	85
Achar quantos são certos objectos.	96
Dizer o instrumento de certas acções.	99
Dizer o instrumento de defeito de certos seres.	107
Dizer o nome daquelle que fabrica certos objectos.	112
Expressar por um verbo certas acções determinadas.	120
Expressar por um verbo a acção propria de certas pessoas.	123
Expressar por um verbo um movimento conhecido.	131
Dizer porque vamos em certos lugares.	134
— 272 —	
III. Leitura e recitação	
É Deus que fez todas as cousas.	12
Oração de um menino.	14
O anjo e a criança.	23
A bandeira.	26
Mysterio eterno.	33
Jesus é Deus.	37
Minha mãe.	40
Uma familia modelo.	50
O gato.	53
Jesus e os meninos.	56
Ditosa creança.	65
O esquilho.	60
O met e o teu.	79
O gallo.	83
O formigueiro.	87
Hymno.	91
A um rico que passa.	95
O menino e o gato.	98
Deus.	106
O protector.	113
O cão.	118
Minha terra.	127
Quando eu era pequenino.	130
Grandeza e bondade de Deus.	133
Vozes dos animaes.	142, 145
O sacrificio de Abrahão.	148
Deus o sabe.	151
A gallinha e os pintainhos.	158
A procissão do Corpo de Deus.	166
O sabiá e a pega.	175
O rouxinol do Calvario.	183
Ave Maria.	198
Artigos de fé.	202
As violetas.	205
O boi.	212
IV. Exercícios de composição	
As fructas.	16
O pão.	27
O bom e o mau alumno.	41
O tempo.	54
O alumno applicado.	70
Minha cama nova.	81
O corpo humano.	84
A meia posta.	93
A mão.	96
Os sentidos.	119
O leite.	128
O nosso vestuario.	143
Quem sou eu.	146
Redacções.	252
Narrações.	257
Descrições.	262
Cartas.	266
V. Exercícios de recapitulação	
Sobre o nome.	41
Sobre o nome e o adjectivo.	71
Sobre o adjectivo e o pronome.	103
Sobre o verbo.	176
Sobre os verbos.	228
Sobre a proposição e a phrase.	247
Impresso na «Typographia Siqueira» — SIQUEIRA, NAGEL & C. Rua Alves Pereira, 7 — S. Paulo	

Fonte: NOVO..., 1912.

O livro em questão é formado por uma sequência de atividades com diferentes objetivos didáticos: há exercícios de inteligência, os quais pressupõem a habilidade do aluno em conectar conteúdos estudados na escola, por meio de perguntas do professor; análise, em que o aluno deve analisar gramaticalmente uma frase; gramática, em que o aluno deve reconhecer palavras e suas funções gramaticais em textos; elocução, em que se deve ler um texto, compreendê-lo e verificar seus conhecimentos a partir dele; leitura e recitação, em que se lê textos e a partir deles o aluno responde às perguntas formuladas tanto sobre a língua, quanto sobre o conteúdo do texto; composição, que envolve produção de texto a partir de um gênero proposto e exercícios de recapitulação, os quais aparecem algumas vezes no livro, depois de grande sequência de atividades, para recapitular o que já foi ensinado até então. Esses tipos de atividades aparecem intercalados ao longo do livro, que contém ao todo 632 atividades. Nasquelas atividades que possuem textos para se analisar ou ler, observou-se que seus gêneros eram: historietas, textos descritivos, sequências de frases, perguntas e respostas, textos informativos, prosas poéticas, fábulas, poesias, narrativas e cartas.

Figura 27 – Capa e contracapa.

Fonte: NOVO..., 1912.

Na contracapa do livro, aparecem outros títulos didáticos da mesma editora. Já na capa há o título, indicação do curso e uma citação do Eclesiástico VI, 18 e 19: “Meu filho, recebe a instrução desde a tua infância e irás adquirindo uma sabedoria que ha de durar até o teu ultimo dia. Precisarás de esforço, como o que lavra e semeia um campo; mas logo gosarás dos fructos do teu saber” (NOVO..., 1912, capa). De início, percebe-se a presença de conteúdo religioso no livro. Ao longo de suas páginas, há textos poéticos ou descritivos, os quais possuem ensinamentos morais orientados para a formação cristã, de maneira a confirmar as características da educação nesse período, como foi retratado nesse subcapítulo. A propósito, em seus estudos sobre a cultura escolar, Dominique Julia (2001, p. 22) faz referência ao colégio jesuíta ao dizer que ele

[...] não é somente um lugar de aprendizagem de saberes, mas é, ao mesmo tempo, um lugar de inculcação de comportamentos e de *habitus* que exige uma *ciência de governo* transcendendo e dirigindo, segundo sua própria finalidade, tanto a formação cristã como as aprendizagens disciplinares.

Apesar do autor se referir a uma determinada instituição, pode-se observar sua relação com as escolas públicas primárias do início do século XX no contexto brasileiro. Muitas das frases propostas para se analisar gramaticalmente possuem ensinamentos comportamentais, morais e de aparência, no intuito de formar crianças e jovens *bem-educados* e respeitosos com as autoridades, família e professores, como pode ser visto no exemplo a seguir que orientava os alunos a grifar os nomes do texto:

O BOM MENINO – O bom menino escuta os *conselhos* de seu *pae* e de sua *mãe*; obedece sempre e nunca vai causar *pena* a seus *paes*. Nas *aulas*, mostra-se estudioso e applicado; o *mestre* está contente com elle.

Tem muito *cuidado* de sua *pessoa* e sua *roupa*. O *rosto* e as *mãos* delle são limpos, o *cabelo* sempre penteado. É respeitoso para com todas as *pessoas* e toda a *gente* gosta delle. (NOVO..., 1912, p. 8, itálicos do autor).

Além da análise gramatical, o livro orienta o docente a fazer perguntas relacionadas à compreensão do texto, que traz elementos comportamentais desejados para a sociedade da época:

1. *De quem se fala neste exercício?*
2. *Que escuta o bom menino?*
3. *Obedece?*
4. *Que faz na aula?*
5. *Que cuidado tem de sua pessoa?*
6. *De sua roupa?*
7. *É bem polido?* (NOVO..., 1912, p. 8, itálicos do autor).

Em outro texto, também aparece a intenção de ensinar a como se portar em diversas situações do cotidiano, construindo referências para os papéis sociais de cada pessoa para se viver na nova sociedade republicana, algo similar ao ensinamento dos nobres costumes mapeados por Erasmo (2011a) em *A Civilidade Pueril* (1530), porém sem ser explicitamente em formato de listas e orientações, mas por meio de propostas didáticas de análises da língua portuguesa, como pode ser visto a seguir:

O MENINO POLIDO – O pequeno *André* voltava da *escola*, feliz porque ia dizer a seu *pae* e a sua *mãe* que ganhára uma *bôa nota* na *aula*. Viu passar um *velho* de *barbas* brancas, montado sobre um *cavalle*. *André* tirou o *chapéu* com *respeito* e disse: <Bôa *tarde*, *senhor*!> O *viajante* virando-se um pouco, lhe respondeu: <Meu *menino*, não o conheço, mas sua *cortesia* me prova que é um *alumno* bem educado; estou certo que mais tarde virá a ser um *homem* honesto.> (NOVO..., 1912, p. 9, itálicos do autor).

Em cada época, há valores sociais os quais conduzem as ações dos indivíduos e provocam mudanças ou garantem a manutenção nos currículos escolares. Que ser humano se pretende formar, o que e como fazer para que se atinja esse objetivo são questões que percorrem a área da educação e, por consequência,

a escola. Com a perspectiva da criança como um ser em desenvolvimento, essa instituição se vê responsável por oferecer situações, materiais, espaços, tempos e ensinamentos que combinem com seu ideal de ser humano. Do início da república aos dias de hoje, o Estado se ocupa com os saberes que seriam veiculados nas escolas, apesar de não organizar praticamente um currículo nacional. Como afirma Bittencourt (2008, p. 38-39),

A escola pública idealizada pelo liberalismo deveria servir à formação dos cidadãos. O saber sistematizado pelas disciplinas escolares deveria submeter-se aos interesses da constituição de um cidadão modelado para viver a política do Estado. A instrução escolar asseguraria às crianças sua entrada na vida cívica da nação.

Sendo assim, as produções editoriais elaboraram livros didáticos condizentes com tais expectativas de formação do ser humano, selecionando os conteúdos ensinados nas escolas, responsáveis por transmiti-los, reforçando aqueles *adequados* à sociedade e ao ideal de ser humano que quer formar. Por meio dos conteúdos dos textos até agora analisados, percebe-se que eles tratavam da moralidade, civilidade, *bons* modos e costumes. Os exercícios e atividades, por sua vez, ensinavam as normas da língua portuguesa, objetivando que os alunos tivessem seu domínio escrito e falado. Dessa forma, os alunos aprenderiam o comportamento desejado para a sociedade da época, além de saber ler, escrever e falar de acordo com as normas da língua por meio dos *bons* exemplos textuais utilizados como recurso didático nos livros para o estudo e análise gramatical (TRAVAGLIA, 2012).

Com relação a esse aprendizado, Stuart Hall (1997, p. 42) afirma que

Outra forma de “regular culturalmente” nossas condutas está nos sistemas classificatórios que pertencem e delimitam cada cultura, que definem os limites entre a semelhança e a diferença, entre o sagrado e o profano, o que é “aceitável” e o que é “inaceitável” em relação a nosso comportamento, nossas roupas, o que falamos, nossos hábitos, que costumes e práticas são considerados “normais” e “anormais”, quem é “limpo” ou “sujo”.

Dessa forma, a escola se torna um lugar que legitima a cultura que transmite. Essa cultura, por sua vez, “[...] *nos* governa — ‘regula’ nossas condutas, ações sociais e práticas e, assim, a maneira como agimos no âmbito das instituições e na sociedade mais ampla” (HALL, 1997, p. 39, *itálico do autor*). Apesar de esse governo da cultura não ser explicitado, ele permeia os objetivos da área da educação, a qual seleciona aquilo que veicula culturalmente, para que os alunos adquiram certa cultura responsável por sua formação e não sejam influenciados por outra cultura indesejada.

Essa, por sua vez, não é apresentada nos livros, os quais se ocupam daquela cultura que valoriza os aspectos desejados para a sociedade da época. Sendo assim, ela não será aqui exposta, mas ao se analisar os conteúdos culturais presentes no livro, pode-se conjecturar o que não está presente, avaliando qual seria tal cultura indesejada. Nele não aparece, por exemplo, produções populares, como cantigas, parlendas e brincadeiras, as quais seriam de grande valor futuramente. Além disso, não apresenta uma linguagem coloquial, possivelmente usada nas ruas, valorizando o aspecto formal da língua portuguesa. Também não apresenta textos literários de autoria, que não sejam poesias, conferindo à editora a elaboração da forma e do conteúdo das produções culturais e valorizando a forma e o conteúdo de algumas poesias de autores reconhecidos na época. Além disso, no livro não há imagens ou ilustrações, restringindo o aspecto gráfico do material às letras. Uma vez que essas características não aparecem no livro didático, pode-se presumir que elas não eram valorizadas, desejadas, ou possíveis, no caso das questões gráficas. De qualquer forma, evidencia-se o fato de que havia – como ainda há – uma seleção da cultura apresentada nos livros didáticos.

No século XIX, essa seleção era algo explicitado e de grande importância para as instituições sociais. Em seu estudo sobre a relação entre a ordem médica e as famílias na passagem do século XIX para o XX, Jurandir Freire Costa (1979) mostra como havia recomendações dos costumes e da cultura para a vida das famílias. Em uma tese de medicina de 1841, o autor expõe como aparecem os bons modos e costumes esperados para aquela época em relação à higiene feminina:

‘é de grande utilidade a cultura das belas artes, a música, desenho e poesia, a leitura de romances e folhetins, de certas obras de imaginação, a frequentação de assembléias [sic] numerosas, bailes, espetáculos, onde as paixões são exprimidas com arte, graciosidade e bom gosto’ (MELLO¹⁵, José Tavares de, 1841, apud COSTA, 1979, p. 134).

Nesse trecho fica claro como havia recomendações para a vivência de certa cultura em detrimento de outras para se ter bons modos e *bom gosto*. Essa questão do gosto sempre permeou as discussões sobre cultura. Que músicas ouvir, que livros ler, que obras de arte conhecer não são escolhas unicamente individuais, pautadas apenas pelo gosto particular, mas incidem sobre o governo pela cultura (HALL, 1997). Uma vez que instituições como a escola legitimam a cultura que transmitem, as

¹⁵ MELLO, José Tavares de. **Considerações sobre a higiene da mulher durante a puberdade e aparecimento do fluxo catamenial**. Tese, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1841.

referências apresentadas nos livros didáticos ou em outros espaços regulados por essa instituição passam a ter maior valor na sociedade, sendo validadas para se vivenciar. Sendo assim, há uma regulação nas escolhas das referências culturais que pauta aquilo que se chama de *bom gosto*, de maneira que essas escolhas que constroem o gosto individual são governadas pela cultura legitimada.

Em cada época e lugar, pode-se ter certos critérios para tal legitimidade. A análise do livro didático em questão mostrou que, no início do século XX, obras de caráter nacionalista e religioso eram as referências para se formar seres humanos com civilidade e moral cristã. Em um exercício de leitura e recitação, a poesia “É Deus que fez todas as cousas” é apresentada e seguida de orientações didáticas para a professora fazer questões aos alunos sobre sua compreensão e análise:

É Deus que fez todas as cousas

Sabes, *mamãe*, quem poz no lindo *firmamento*
 Estes áureos globos que brilham no céu puro?
 Sabes quem creou o *cravo*, o *lírio* alvacentos,
 E todos revestiu de *purpura* e de *ouro*?
 Sabes quem fez ainda os *jasmims* e as *rosas*,
 O lindo *colibri* que da *flôr* sorve o *néctar*?
 - É *Deus*, meu querido, quem fez todas as cousas:
 O *pássaro*, e a *flôr*, e as *estrellas* de *nácar*...
 Também fez o *sabiá* cuja voz melancolica,
 Em nossas *florestas*, resôa tão suavemente;
 O *sol*, o azul do *céu*, o *arrebol* de côr magica,
 E dos *pequeninos* o *coração* innocente.

Elocução

1. *Que perguntas faz o menino?* – **R.** O menino pergunta quem pôz no lindo firmamento os áureos globos que brilham no céu.
2. *Como se chamam os áureos globos que brilham no céu puro?* – **R.** Chamam-se sol, lua e estrellas.
3. *Que nome se dá ao mimoso passaro que sorve o néctar das flôres?* – **R.** Chama-se colibri.
4. *Que responde a mãe?* – **R.** <É Deus, meu querido, que fez todas as cousas.>
5. *Deus fez só as estrellas, as flôres e os passaros?* – **R.** Deus é o creador de tudo. (NOVO..., 1912, p. 12, itálicos do autor).

Nesse exemplo, além da apresentação da poesia e proposta didática, há também o gabarito das respostas às questões sugeridas para serem encaminhadas pelo docente em sala de aula. Percebe-se que as questões são de compreensão e interpretação do texto de caráter cristão. Além disso, a proposta didática se ampara na crença religiosa por apresentar como unicamente correta e verdadeira a concepção criacionista da natureza. Outras poesias presentes no livro intituladas “Oração de um menino” (p. 14-15), “O anjo e a criança” (p. 23-24), “Mysterio eterno” (p. 33), “Jesus é Deus” (p. 37), “Jesus e os meninos” (p. 57), “Grandeza e bondade de Deus” (p. 133),

entre outras¹⁶, além de sentenças criadas para dar exemplos em atividades gramaticais, também ilustram o caráter cristão presente no livro didático. Como nessa sentença, em que se deveria sublinhar os artigos do texto: “Deus criou o céu, a terra, o sol, a lua, as estrellas, os anjos e os homens, assim como os passaros que vôam nos ares, os peixes que nadam nas aguas e todos os animaes que vivem sobre a terra” (NOVO..., p. 50, itálicos do autor).

Já o caráter nacionalista aparece timidamente em comparação com a maior quantidade de textos sobre o comportamento moral e aqueles relacionados ao caráter cristão. Sua temática é sobre as características geográficas do Brasil, militarismo e o sentimento de pátria, como pode ser visto no exemplo a seguir:

A bandeira

Pela grande rua da cidade, ao som do tambor e do clarim, soberbo, desfila o regimento com imponente majestade. Neste momento acaba a aula; com livros e cadernos saem os alumnos... Olhai bem, meninos: **é a bandeira brasileira que passa.**

Elocução

1. *Que é que desfila?* – **R.** O regimento.
2. *Que é um regimento?* – **R.** Uma reunião de soldados.
3. *Como desfila?* – **R.** Com imponente majestade.
4. *Ao som de que instrumentos?* – **R.** Do tambor e do clarim.
5. *Em que momento?* – **R.** No momento em que acaba a aula.
6. *Que conselho é dado aos meninos?* – **R.** O conselho de olhar bem.
7. *Porque?* – **R.** Porque o espectáculo é bonito e interessante.
8. *A bandeira é a imagem de que cousa?* – **R.** A imagem da patria. (NOVO..., 1912, p. 26-27, itálicos do autor).

Aqui, percebe-se que o texto descreve um desfile militar nas ruas da cidade e a proposta didática de interpretação e compreensão do texto na forma de elocução reforçam o valor da pátria por meio do gabarito que espera que os alunos respondam que o espetáculo é bonito e interessante e a bandeira significa o símbolo da pátria.

Das obras literárias apresentadas no livro, nem todas possuem a referência autoral de quem as escreveu. Inicialmente, observa-se que aquelas que possuem autores referenciados eram conhecidos da época, alguns brasileiros, outros não. São eles: Fagundes Varella, poeta romântico brasileiro consagrado na época; Alberto Bramão, jornalista português e poeta; Amaya Celeste, colaboradora de produções literárias de jornais da época; Luiz Ratisbonne, autor francês de contos, com produção destinada às crianças; Gomes Leal, autor português que fazia produções literárias para revistas e jornais; Olavo Bilac, jornalista, poeta, inspetor de ensino e um dos criadores da Academia Brasileira de Letras, expoente escritor em seu tempo, e João

¹⁶ A relação completa das poesias pode ser encontrada no apêndice F deste trabalho.

Köpke, educador e escritor brasileiro considerado um dos precursores de Monteiro Lobato. Todos os autores dos séculos XIX e XX.

Curiosamente, no livro há trechos de obras literárias – nem todas completas –, principalmente poesia, em que não se referencia o autor. Em pesquisa a partir desses trechos, descobriu-se que parte das obras não-referenciadas eram de Pedro Diniz, autor português que escreveu *Das ordens religiosas em Portugal* em 1854; Gonçalves Dias, poeta, professor, crítico de história e etnólogo brasileiro; uma tradução de poema dinamarquês feita pelo autor Antonio Feliciano de Castilho, expoente poeta do Romantismo português, criador e divulgador de método de ensino de leitura e escrita; Luiz Guimarães, diplomata, poeta, romancista e teatrólogo brasileiro, e João de Deus, poeta e pedagogo português.

Além disso, há diversas obras as quais não possuem autoria e não foram encontradas evidências de autores, o que sugere que não havia materiais suficientes para encontrar essa informação, ou as obras eram tão conhecidas popularmente que não necessitavam de referência. De qualquer forma, no exemplo abaixo encontra-se uma poesia que foi traduzida do dinamarquês Jens Baggesen para o português por Antonio Feliciano de Castilho, dentre todas as outras nacionais, o que revela a importância dada à edição de se ter obras brasileiras como referência cultural na escola. No entanto, o fato de Antonio Feliciano de Castilho ser um importante autor português no século XIX e ter traduzido a obra dinamarquesa que foi posteriormente selecionada para o livro didático significa que ainda havia laços entre Brasil e Portugal no início do século XX.

Os autores que foram referenciados no livro já eram reconhecidos em sua época como representantes da cultura nacional. Suas obras são todas poéticas e de cunho religioso cristão, em sua maioria com citações a personagens bíblicos. Aquelas que não são, possuem como temática as relações familiares, também transmitindo certa moralidade cristã, como nos exemplos a seguir:

Quando eu era pequenino¹⁷

Quando eu era pequenino
Era da casa o regalo;
A mãe me trazia ao collo,
O pae ao hombro a cavallo.
Com devoção de criança

¹⁷ Trecho de poesia traduzida por Antonio Feliciano de Castilho do dinamarquês, de Jens Baggesen. A informação sobre a tradução foi encontrada em um livro do autor português intitulado *Excavações Poéticas*.

Punha as mãos e ajoelhava.
 E as orações repetia
 Que a bôa mãe me ensinava!
 Tempos de paz e de gozo!
 De vós que resta?... A saudade.
 Esta, ao menos, Deus piedoso,
 Me conserva em toda a idade. (NOVO..., 1912, p. 130, grifos do autor)

O menino que deseja praticar a virtude, deve fugir das más ocasiões, ouvir os bons conselhos que lhe são dados e executá-los com amor. Deve fazer suas acções todas no único fim de agradar a Deus; deve evitar a companhia dos máus, orar fervorosamente, cumprir todos os seus deveres e vencer as suas más inclinações. Quão penoso é conhecer as dôres alheias sem poder aliviar-as! Serás logo um menino polido e bem educado (NOVO..., 1912, p. 152).

Esses exemplos mostram referências culturais de cunho cristão e moral, as quais eram legitimadas na escola por meio dos livros didáticos. De acordo com Bittencourt (2008, p. 46, *itálicos da autora*), esse foi um período de passagem, pois

A partir dos anos 80 [1880], as propostas dos intelectuais republicanos visavam à produção de *catecismos cívicos* para a imposição de uma moral laica em substituição à moral religiosa. Dentro da concepção de secularização, o *catecismo cívico* deveria assumir 'a nobre' missão de desenvolver o patriotismo, de expor os 'direitos do homem' e os princípios da liberdade, conforme os preceitos dos liberais do final do século XVIII.

O livro didático ilustra bem esse período com textos relacionando a moralidade aos princípios cristãos, mas compreendendo-a também como valores que deveriam ser cultivados socialmente, ensinando as crianças a se comportar, a ter respeito com os outros, a conhecer *boas* práticas sociais nas situações cotidianas, além de adquirir conhecimentos formais a respeito de higiene, biologia, ou até mesmo sobre características gerais de animais e outros elementos da natureza. Por vezes eles eram tratados de forma misturada em parágrafos que traziam sentenças diversificadas, como no exemplo a seguir:

O *pobre* pede esmola. O *cão* vigia a casa de noite. Comprei uma *espingarda* para ir caçar. Papae me deu *canivete* para fazer ponta no lapis. Titio me deu *dinheiro* para tomar o bond. Quero beber *leite* bem quente. Os gatos gostam muito de comer os *passarinhos*. Paulo rasgou o seu *livro* afim de não estudar a lição. O sapateiro fabrica as *botinas*. O *alfaiate* corta o panno e em seguida faz a roupa. O *pedreiro* edifica as paredes. O bom alumno *estuda* suas lições. O *bispo* dá o sacramento de confirmação. *Deus* creou o universo. O *leão* ruge nos desertos da Africa. O *orphão* perdeu seus paes. (NOVO..., 1912, p. 115, *itálicos do autor*).

Nesse exemplo, as palavras grifadas não eram mostradas aos alunos, de maneira que eles tinham de completar as sentenças com elas para que fizessem sentido. Isso mostra como tais frases revelam certa familiaridade dos alunos com os temas cotidianos, religiosos e morais tratados nesse parágrafo. Apesar de serem

simples exemplos de frases para que os alunos exercitem a coerência na língua portuguesa, elas revelam aquilo que seria comum em seu cotidiano. Em outros casos, os textos informativos e descritivos do livro tratavam sobre alimentação, cuidados com a saúde, a casa, os animais e materiais escolares, como pode ser visto nos exemplos a seguir:

Figura 28 – Propostas de produção de texto referentes ao cotidiano.

Fonte: NOVO..., 1912, p. 262-263.

Aqui, vê-se a descrição de materiais utilizados nas escolas: o quadro preto, o livro e o caderno. Os alunos deveriam escrever textos descrevendo tais materiais e a descrição acima explícita se refere àquilo que o professor poderia esperar de seus alunos. Isso mostra o reconhecimento, a valorização e certo surgimento da cultura escolar. Uma vez que é pedido que se descrevam materiais corriqueiros da escola, não se tem apenas um pretexto para a produção escrita dos alunos, mas a elaboração do espaço escolar como lugar de aprendizado e disciplina, “[...] constituindo-se em referência básica para a organização seriada das classes, para a utilização

racionalizada do tempo e dos espaços e para o controle sistemático do trabalho das professoras, dentre outros aspectos” (FARIA FILHO; VIDAL, 2000, p. 27).

A questão do valor da cultura nesse contexto também merece atenção. O tempo escolar era precioso para o ensino dos valores cívicos e morais desejados. Sendo assim, atividades do cotidiano escolar, como brincadeiras, materiais, tempos e comportamentos, também eram tratados de forma escolarizada. De acordo com Costa (1979, p. 183-184), “a recreação deveria ser formativa. (...) O lazer perdia seu caráter de gratuidade e progressivamente definia-se como higiene física e mental. O ócio se inseria no circuito da obrigação. Também ele tinha que ser disciplinado”. Aqui o autor trata da educação física nas escolas, mas pode-se refletir sobre as obras culturais nesse contexto: elas deveriam ser *adequadas* para que as mentes dos alunos não fossem desvirtuadas, sendo inseridas no contexto escolar com alguma finalidade.

Em sua obra, ele também mostra como as teses de medicina do meio do século XIX determinavam certos ambientes e conteúdos culturais, em detrimento de outros, para que se tivesse um bom comportamento e bons modos esperados para o início da república, formando cidadãos *educados*. Havia perigo nas

‘[...] saídas dos alunos freqüentes [sic] e indispensáveis no sentir dos pais, facilitando-lhes os entretenimentos perigosos do exterior; conversas indiscretas, leitura de romances e outras obras quejandas, quantos tropeços não acarretam à educação [...]’ (MAFRA¹⁸, 1855, apud COSTA, 1979, p. 172).

‘[...] as obras imorais e entretenimentos secretos são causas que poderosamente contribuem para a perda dos costumes’ (CUNHA¹⁹, 1854, apud COSTA, 1979, p. 172).

A partir disso, percebe-se que a difusão da escola pública brasileira entre os séculos XIX e XX fez com que a cultura fosse utilizada para a formação dos valores morais e civis esperados para aquela sociedade. Pode-se fazer uma relação direta entre esse período e o processo de civilização ocidental abordado no capítulo 2.2, em que se identificavam e valorizavam certos costumes e culturas para a formação do ser civilizado. Com isso, as crianças “[...] vão se tornando adultas, individualmente, por meio de um processo social civilizador que varia segundo o estado de

¹⁸ MAFRA, Joaquim José de Oliveira. **Esboço de uma higiene de colégio aplicada aos nossos:** regras principais, tendentes à conservação da saúde, e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais, segundo as quais se devem reger os nossos colégios. Tese, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1855.

¹⁹ CUNHA, Balbino Cândido da. **Esboço de uma higiene dos colégios aplicável aos nossos:** regras principais tendentes a conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais segundo os quais se devem regular os nossos colégios. Tese, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1854.

desenvolvimento dos respectivos modelos sociais de civilização” (ELIAS, 2012, p. 469), no caso brasileiro, de normas e condutas pautadas em uma moralidade cristã.

Com a análise desse livro, percebe-se que por meio de diversos gêneros textuais e propostas didáticas para seu uso, os conteúdos culturais se referiam a assuntos relacionados à moralidade, civilidade, natureza e cotidiano. Por meio desses conteúdos, pretendia-se formar cidadãos preparados para viver em uma sociedade de direitos e deveres organizados em uma república. Muitos dos conteúdos elaborados por autores brasileiros ou pelo próprio livro didático apresentaram caráter moral cristão, além da expectativa de ensinamento de *bons* comportamentos para a sociedade da época. Uma vez mencionados nesse livro e em outras edições didáticas, os autores e suas produções se tornaram também referência cultural para a literatura brasileira.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas considerações finais, serão retomados os pontos mais relevantes abordados ao longo da dissertação e ensaiar respostas às questões formuladas na introdução do texto sobre qual é a cultura apresentada nos livros, de que forma ela é considerada válida, a quem se apresenta e como é proposta para o ensino. Tendo isso em vista, o trabalho aqui apresentado terá contribuído para refletir sobre os principais aspectos do discurso pedagógico sobre a cultura nos livros didáticos destinados aos anos iniciais do ensino primário, colaborando com as pesquisas sobre a cultura escolar e os Estudos Culturais.

O capítulo sobre *O livro didático analisado da perspectiva da cultura e do poder* mostrou a complexidade de se pensar sobre o conceito de cultura na educação. Compreendida principalmente como produção humana artística, sobretudo literária, foi abordada nesse trabalho sob o aspecto curricular dos livros didáticos. A cultura apresentada às crianças por esse material é aquela dos diversos gêneros literários como poesias, narrativas, contos de fadas, fábulas, lendas, mitos, textos informativos, biografias, cartas, relatos e receitas; mas também a cultura infantil representada por palavras cruzadas, caça-palavras, canções e anedotas; e a cultura da mídia caracterizada pelas imagens referentes a personagens de animação, história em quadrinhos, revistas, jornais e, mais recentemente, indicações de CDs, DVDs e sites.

As referências aos textos apresentados criam uma biblioteca coletiva (BAYARD, 2007) cujo acervo foi selecionado. Essa seleção, por sua vez, se pauta nos sistemas reguladores de governo, nos parâmetros curriculares e leis educacionais, mas também nos valores desejados para a sociedade, partilhados pelos professores. Nas produções literárias há conteúdos culturais que indicam valores morais, de maneira a compreendê-los como suporte para o comportamento e desenvolvimento humanos desde o contexto do processo civilizador até os dias de hoje, em que o livro didático é considerado um objeto de disputa, instrumento político de controle social sobre aquilo que as crianças devem aprender.

Seja como for, por estar presente na escola, instituição que organiza o ensino, ele é legitimador do que se deve ler, saber e conhecer. Além disso, ele divulga certa cultura pelo amplo acesso oferecido aos alunos na escola, mediante políticas públicas, e também às professoras que planejam suas aulas, fazendo uso dele. Sua materialidade permite que haja um governo à distância com relação ao ensino e

aprendizagem na escola, uma vez que o discurso pedagógico nele presente disciplina a criança a adquirir certos comportamentos, assim como as professoras a se apropriarem dos métodos e conteúdos de ensino apresentados em seus manuais. Dessa forma, o livro didático se insere no sistema de educação que “[...] é uma maneira política de se manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que trazem consigo” (FOUCAULT, 2014, p. 41).

Ao mesmo tempo, ele pode produzir uma sensação de liberdade da professora, pois seu uso com os alunos pode ser diário, selecionado, eventual ou enviado como lição de casa. No entanto, essa utilização pode ser compreendida como uma liberdade regulada uma vez que o livro didático, assim como o currículo, recomenda um percurso e, além disso, propõe atividades e indicações sobre como conduzi-las, as quais não é fácil simplesmente ignorar. Mesmo quando recusado, funciona como referência.

O livro didático, aqui compreendido como material da cultura escolar que transmite valores culturais, morais, civis e nacionais, apresenta conteúdos culturais formativos em suas produções, assumindo o caráter educativo do processo civilizador. Seus conteúdos podem aparecer de forma direta, como nos textos escritos por seus próprios autores analisados no capítulo *O valor moral na cultura literária*, em que se observou a recorrência do desenvolvimento moral pela narrativa. A unidade do discurso dos diferentes autores de livro didático que elaboravam suas produções culturais demonstrou uma apropriação da tradição cultural literária utilizada como recurso didático para o ensino da língua portuguesa, mas também a criação de uma nova literatura didática que utilizava a forma dos gêneros literários para proferir seus ensinamentos. Tem-se aqui uma produção própria da cultura escolar.

Em *Meninice* foi visto como as narrativas apresentavam o desejo de construção do sujeito infantil obediente e atento, já que era considerado puro e ingênuo. Utilizando a forma da literatura infantil brasileira que surgia na época, o livro demonstrava seu caráter civilizador do indivíduo para a sociedade (ELIAS, 1994a, 1994b) e tinha em vista a formação do cidadão que valorizava a pátria, criando a identidade nacional também mediante textos informativos e biográficos. Valendo-se da cultura como um recurso didático, a superfície discursiva do livro mostra o valor da literatura como difusora de aspectos linguísticos e morais.

Apresentar os valores desejados para uma sociedade, assim como as características normativas da língua para saber ler, escrever e falar, revela o valor

dado à cultura “[...] como uma condição constitutiva da vida social, ao invés de uma variável dependente” (HALL, 1997, p. 27). Dessa forma, aquilo que é apresentado como cultura nos livros didáticos é selecionado para transgredir ou manter os valores sociais. Foi vista a preservação de determinados autores e gêneros literários, como os contos de fadas, lendas e poesias, mas também a renovação ou inclusão de outros como os jornais, revistas e cultura da mídia, nos livros mais recentes.

No subcapítulo *O valor da cultura infantil*, em que se analisaram livros cujas produções culturais eram de autoria literária, percebeu-se grande variedade de gêneros literários. Uns eram aqueles denominados clássicos que aparecem em todos os livros didáticos aqui analisados, como os contos e poesias, acompanhados de suas referências autorais ou esperando do aluno um conhecimento prévio de suas obras. Outros, demonstravam certa aproximação do mundo infantil, apresentando referências lúdicas como palavras cruzadas, caça-palavras ou histórias em quadrinhos, as quais, muitas vezes, eram elaboradas pelos próprios autores, reforçando o caráter da produção cultural didática. Apesar de apresentarem certo apelo pelo interesse da criança, partindo da ideia de que o lúdico faz parte de sua natureza, tais produções também possuíam a finalidade didática de ensinar a língua portuguesa, escolarizando a cultura infantil.

O mesmo acontece com as referências à cultura da mídia apresentadas no livro *Ápis: letramento e alfabetização*. As variadas ilustrações de personagens de filmes, animações e histórias em quadrinhos ora envolvem a criança em um novo assunto a ser tratado por meio de uma linguagem convidativa e atraente, buscando sua identificação, ora são utilizadas como recurso didático para o ensino da língua, como nas histórias em quadrinhos utilizadas pelo livro para ensinar a oralidade. Seja como for, ele reconhece tais culturas, legitimando-as em sua materialidade, mas também as seleciona, de modo que não é qualquer referência que aparece em suas páginas.

O acúmulo de referências culturais – dos gêneros e autores consagrados, da cultura infantil e da mídia – nesses livros didáticos suscita a questão de qual cultura conservar e qual transformar. Afinal, a escola alarga a cultura envolvendo a popular, ou massifica a cultura erudita? (ECO, 2006). No caso dos livros mais recentes, percebeu-se que há uma tentativa de alargamento cultural, abrangendo as culturas infantis e da mídia, além de uma conservação do erudito mediante os gêneros e as indicações literárias, ensinando não só os aspectos da língua portuguesa, da estética

literária e das características linguísticas desses gêneros, mas também incentivando a prática de ir à biblioteca da escola e ler livros para se apoderar da cultura erudita. De qualquer forma, o livro apresenta aquela cultura que considera mais apropriada às crianças, seja pela linguagem, seja pelo conteúdo revelador das práticas e dos comportamentos desejados na infância.

Se nos livros caracterizados no subcapítulo *O valor da cultura infantil* espera-se afetividade e sensibilidade das crianças, naqueles caracterizados no subcapítulo *O valor da cultura para a formação da civilidade*, busca-se ensinar os comportamentos e a moralidade envolvidos na formação de um sujeito civilizado. O livro didático é considerado um instrumento de difusão de valores para se ter uma sociedade *educada*, mas também de conhecimentos práticos relevantes para o avanço social no que se refere às condições para uma vida saudável. Textos informativos, ou mesmo narrativos ensinavam as crianças a como respeitar os mais velhos, os colegas e as autoridades, mas também apresentavam conteúdos científicos referentes à profilaxia, como saber cuidar dos dentes ou compreender o funcionamento do corpo humano para aderir a modos saudáveis de vida. Tudo isso ao mesmo tempo em que se ensinavam os aspectos normativos da língua portuguesa. Assumindo o caráter educativo no processo civilizador, tais livros didáticos podem ser considerados como um dispositivo de controle dos comportamentos (FOUCAULT, 1985) afirmando o valor da cultura transmitida, tanto aquela produzida pelos autores de livros didáticos mediante gêneros literários, quanto aquela representada pelos autores das poesias presentes nos livros.

O gênero poético mereceu destaque nessa análise, uma vez que ele apareceu em todos livros que apresentaram produções cujo caráter estético era valorizado, assim como seu conteúdo. Nesses casos, o sentimento de nacionalidade e a valorização das riquezas naturais do Brasil eram ressaltados, tal como a leveza ou o caráter comportamental das situações cotidianas infantis. Além disso, o extenso vocabulário explorado no gênero poético proporcionava o ensino de novas palavras, gramática e compreensão textual. Os poetas, portanto, eram os únicos autores referenciados nesses livros. Ao apresentá-los, os livros didáticos valorizam sua produção, uma vez que se observa a permanência desse gênero com o tempo e o espaço que ocupam nesse material.

Por meio da repetição de certas obras e autores, a cultura elaborada (SNYDERS, 1988b) é preservada, construindo, assim, as referências culturais na

infância e um currículo cultural. Pela predominância de obras nacionais, percebeu-se também uma apreciação e valorização da cultura brasileira, tanto nas próprias poesias, quanto nas produções culturais populares, como ditos, quadrinhas, lendas, mitos e fábulas, as quais não possuíam autoria definida.

Ainda com relação a esse grupo de livros, a análise de *Novo Manual de Lingua Portuguesa: Grammatica, Lexicologia, Analyse, Composição* demonstrou conteúdo religioso nas produções poéticas e também de autoria do livro. Esse conteúdo estava presente na sociedade da época como um valor importante para a formação do ser humano. A partir da grande quantidade de referências a ele e de propostas didáticas como a omissão de palavras no texto para que os alunos o completassem, as quais sugeriam um valor moral cristão, nota-se que o ensino desses valores era considerado relevante para a sociedade da época. Assim como os outros conteúdos, esse também era selecionado para estar presente nos livros, fazendo parte do currículo daquela época, além de também ser tratado didaticamente mediante atividades de análise gramatical, produção de texto, elocução ou leitura.

Nota-se, com isso, que qualquer que seja o conteúdo cultural de um texto literário, a cultura é tratada como um recurso didático para se ensinar os aspectos normativos da língua portuguesa e aqueles relacionados aos comportamentos e valores desejados para a constituição do sujeito infantil, que será responsável pelo futuro da humanidade. Por meio da diversidade das produções literárias e das ilustrações, a cultura apresentada nos livros é por eles selecionada, criando-se referências as quais compõem um currículo cultural pautado no erudito, mas também no valor dado às culturas infantis e àquelas que surgem com o tempo, como a cultura da mídia. Sendo assim, os autores de livros didáticos criam conteúdos e atividades relacionados à cultura infantil ou produzem narrativas que são elaboradas não apenas com a finalidade didática do ensino da língua, mas também com o intuito da formação da civilidade.

Por meio do ensino de práticas e conteúdos culturais, o livro didático governa à distância, assumindo a dupla função de instruir e civilizar, por meio da difusão de valores sociais e culturais. Pode ser compreendido, portanto, como um dispositivo político de controle daquilo que se almeja ensinar às crianças.

REFERÊNCIAS²⁰

1870 LIVROS. Das Ordens Religiosas em Portugal. **1870 Livros**. Disponível em: <<https://1870livros.com/2012/02/>> Acesso em: 11 Mar. 2018.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Gonçalves Dias: Biografia. **Academia Brasileira de Letras**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/goncalves-dias/biografia>>. Acesso em: 11 Mar. 2018.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Luis Guimarães Junior: Biografia. **Academia Brasileira de Letras**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/luis-guimaraes-junior/biografia>>. Acesso em: 11 Mar. 2018.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Olavlo Bilac: Biografia. **Academia Brasileira de Letras**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/olavo-bilac/biografia>>. Acesso em: 11 Mar. 2018.

ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, Rio de Janeiro, v. 117, 1997. **Doc Player**. Disponível em: <http://docplayer.com.br/56174309-Issn-anais-biblioteca-nacional-vol-egp-de-j_v-j_if_o-wm.html>. Acesso em: 11 Mar. 2018.

ANTUNES, Fátima. Educação, cidadania e comunidade – Reflexões sociológicas para uma escola (democrática) de massas. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga/Portugal, n.8, v.1, p. 191-205, 1995.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução: Dora Flaksman. 2a ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. p. 50-68.

AROEIRA, Maria Luiza C. **Comunicação e expressão**. São Paulo: FTD, 1978.

AZANHA, José Mário Pires. Cultura escolar brasileira: Um programa de pesquisas. **Revista USP**, São Paulo, n.8, p. 65-69, dez./jan./fev. 1990-1991.

BAYARD, Pierre. **Como falar dos livros que não lemos?** Tradução: Rejane Janowitzer. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BITTENCOURT, Circe. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

BLOOM, Harold. Uma Elegia para o Cânone. In: _____ **O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo**. Tradução: Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995. p. 23-47.

BORGATTO, Ana Trinconi; BERTIN, Terezinha; MARCHEZI, Vera. **Ápis: Letramento e alfabetização – 3ºano**. São Paulo: Ática, 2012.

²⁰ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023).

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira. In: SAVIANI, Dermeval et al.; MENDES, Durmeval Trigueiro (coord.). **Filosofia da educação brasileira**. 3a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987. p. 135-194.

BOSI, Alfredo. Plural, mas não caótico. In: _____ (org.) **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 1987. p. 7-15.

BOTO, Carlota. A civilização escolar como projeto político e pedagógico da modernidade: cultura em classes, por escrito. **Cadernos Cedes**, Campinas, v.23, n.61, p. 378-397, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Sistemas de Ensino e Sistemas de Pensamento. In: _____ **A economia das trocas simbólicas**. Tradução: Sérgio Miceli et al. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 203-230.

BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura**. Tradução: Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.

BRASIL. Dados Estatísticos do PNLD 2017. **Portal do FNDE**. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/dados-estatisticos>>. Acesso em: 22 Fev. 2018.

BRASIL. Decreto de lei nº 93, de 21 de dezembro de 1937. Cria o Instituto Nacional do Livro. **Portal da Câmara dos Deputados**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-93-21-dezembro-1937-350842-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 22 Fev. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. BEAUCHAMP; PAGEL; NASCIMENTO (orgs.) Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>>. Acesso em: 18 Mar. 2019.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. Tradução: Gisela Wajskop. 8a ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CAEIRO, Alberto. Falas de civilização. **F Pessoa**. Disponível em: <<http://www.fpessoa.com.ar/poesias.asp?Poesia=135>>. Acesso em: 21 Jan. 2018.

CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos? In: _____ **Por que ler os clássicos?** Tradução: Nilson Moulin. 2a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CAMPOS, Humberto de. Brasil. **Peregrina Cultural**. Disponível em: <<https://peregrinacultural.wordpress.com/2011/08/31/brasil-trecho-do-poema-de-humberto-de-campos/>>. Acesso em: 20 Ago. 2018.

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas Híbridas, Poderes Oblíquos. In:_____ **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 4a ed. São Paulo: EdUSP, 2015. p. 283-350.

CARVALHO Carmen Silvia et al. **Construindo a escrita: leitura e interpretação de textos**. São Paulo: Ática, 1997.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A escola e a República. In:_____ **A escola e a República e outros ensaios**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. p. 11-66.

CASTILHO, Antonio Feliciano de. **Excavações poéticas**. Lisboa: Typographia Lusitana, 1844.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. **Cultura Escrita, Literatura e História: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

CHOPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. Tradução: Maria Adriana C. Cappello. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004.

CONDORCET. **Instrução pública e organização do ensino**. Tradução: Eduardo Cruz. Porto: Livraria Educação Nacional, 1943. p. 5-108.

CORDEIRO, Jaime. **Falas do novo, figuras da tradição: o novo e o tradicional na educação brasileira (anos 70 e 80)**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CORDEIRO, Jaime. Cultura da mídia e educação: relações cruzadas. In:_____ (org.) **Cultura da mídia e educação: relações cruzadas**. Jundiaí, SP: Paco, 2018. p. 11-27.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

D'ÁVILA, Antônio. **Alvorada**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

DEWEY, John. Interesse e esforço. In:_____ **Vida e educação**. Tradução: Anísio S. Teixeira. 6a ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967. p. 42-112.

DIAS, Gonçalves. O canto do Piaga. **Escritas**. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/t/11437/o-canto-do-piaga>>. Acesso em: 20 Ago. 2018.

DIDEROT; D'ALEMBERT. DISCURSO preliminar dos editores. In:_____ **ENCICLOPÉDIA ou dicionário raciocinado das ciências, das artes e dos ofícios por uma sociedade de letrados**. Tradução: Maria das Graças de Souza et al. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 21-109.

DINIZ, Julio. Poesias. **Domínio Público**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002982.pdf>>. Acesso em: 20 Ago. 2018.

EAGLETON, Terry. Versões de cultura. In:_____ **A ideia de cultura**. Tradução: Sandra Castello Branco. 2a ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011. p. 9-50.

ECO, Umberto. Cultura de Massa e “Níveis” de Cultura. In:_____ **Apocalípticos e integrados**. Tradução: Pérola de Carvalho. 6a ed. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 33-68.

ELIAS, Norbert. A Civilização como Transformação do Comportamento Humano. In:_____ **O processo civilizador**. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 2v. p. 65-95.

ELIAS, Norbert. A civilização dos pais. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v.27, n.3, p. 469-493, set./dez. 2012.

ELIAS, Norbert. Prefácio. In:_____ **O processo civilizador**. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 2v. p. 13-20.

ERASMO. A civilidade pueril. In: FERACINE, Luiz. **Erasmus de Rotterdam**: o mais eminente filósofo da Renascença. São Paulo: Lafonte, 2011. p. 187-198.

ERASMO. De pueris. In: FERACINE, Luiz. **Erasmus de Rotterdam**: o mais eminente filósofo da Renascença. São Paulo: Lafonte, 2011. p. 76-186.

ESCRITAS. Antônio Gomes Leal: Biografia. **Escritas**. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/bio/antonio-gomes-leal>>. Acesso em: 11 Mar. 2018.

ESCRITAS. João de Deus: Biografia. **Escritas**. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/bio/joao-de-deus>>. Acesso em: 11 Mar. 2018.

FARIA FILHO, Luciano M. et al. A *cultura escolar* como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.14, p. 19-34, maio/jun./jul./ago. 2000.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2009.

FERNANDO Paixão. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21830/fernando-paixao>>. Acesso em: 18 Mar. 2019.

FLEURY, Luiz Gonzaga. **Meninice**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

FONTES, Narbal; FONTES, Ofélia. **Pindorama**. São Paulo: Muniz Est. Gráficos, 1940.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta. 8a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24a ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. Direito de morte e poder sobre a vida. In: _____ **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. 7a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 127-149.

FREIRE, Paulo. A teoria da ação antidialógica. In: _____ **Pedagogia do oprimido**. 66a ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2018. p. 167-253.

GIANINI, Eloisa Bombonatti; AVILEZ, Mara Alves; SILVA, Marcia Maria da. **Português**: oficina de gramática. São Paulo: Editora do Brasil, 1990.

GONÇALVES, Ricardo. A árvore. **Ricardo Gonçalves Poeta**. Disponível em: <<http://ricardogoncalvespoeta.blogspot.com/2016/08/>>. Acesso em: 20 Ago. 2018.

GONÇALVES, Ricardo. O Rio. **Ricardo Gonçalves Poeta**. Disponível em: <<http://ricardogoncalvespoeta.blogspot.com/2016/09/ipes-xviii-o-rio.html>>. Acesso em: 20 Ago. 2018.

GONZAGA, Tomás António. Marília de Dirceu. **Triplov**. Disponível em: <http://www.triplov.com/poesia/Tomas_Antonio_Gonzaga/Marilia_de_Dirceu/Marilia2/Lira_37.htm>. Acesso em: 20 Ago. 2018.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. **As lições de Meninice**: um estudo sobre as representações de livro de leitura inscritas na série *Meninice* (1948/1949) de Luiz Gonzaga Fleury. 2013. 282f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/250735>>. Acesso em: 17 Fev. 2019.

GOULD, Stephen Jay. A poligenia americana e a craniometria antes de Darwin. In: _____ **A falsa medida do homem**. Tradução: Válier Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 15-62.

GUILHERME, Leona H. Pereira. **Almas sensíveis**. São Paulo: Typographia Nilson Andrade Netto & Cia., 1929.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Tradução e revisão: Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.22, n.2, p. 15-46, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALLEWELL, Laurence. Capítulo XI: Francisco Alves. In: _____ **O livro no Brasil: sua história**. Tradução: Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço Oliveira. São Paulo: EDUSP, 1985. p. 197-221.

HISTORY CHANNEL. Shrek é lançado nos cinemas. **Seu history**, 18 maio 2001. Hoje na História. Disponível em: <<https://seuhistory.com/hoje-na-historia/shrek-e-lancado-nos-cinemas>>. Acesso em: 18 Mar. 2019.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Antônio Feliciano de Castilho. **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Disponível em: <<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/AFCastilho.html>>. Acesso em: 11 Mar. 2018.

JOSÉ de Nicola. In: **José de Nicola**. Disponível em: <<http://josedenicola.net/>>. Acesso em: 18 Mar. 2019.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. Tradução: Gisele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**, Paraná, n.1, jan./jun., p. 9-43, 2001.

KANT, Immanuel. Sobre a educação física. In: _____ **Sobre a pedagogia**. Tradução: Francisco Cock Fontanella. 3a ed. Piracicaba: Editora Unimep, 2002. p. 37-84.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia** - Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KINCHELOE, Joe. Esqueceram de mim e Bad to the Bone: o advento da infância pós-moderna. In: STEINBERG, S. e KINCHELOE, J. (orgs.) **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Tradução: George Eduardo Japiassú Bricio. 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 53-86.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. De braços dados com a modernização. In: _____ **Literatura infantil brasileira: História & Histórias**. 6a ed. São Paulo: Editora Ática. p. 45-84.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. Na República Velha, a formação de um gênero novo. In: _____ **Literatura infantil brasileira: História & Histórias**. 6a ed. São Paulo: Editora Ática. p. 23-44.

LEITE, Norma de Castro; SOARES, Geralda Caldeira. **Gramática funcional**. Belo Horizonte: Editora Vega, 1973.

LEITE, Olivia Pinto de Castro. **Exercícios de Leitura Silenciosa e Linguagem**. Minas Gerais: Editora do Brasil, 1968.

MALAVOGLIA, Fábio. João de Deus: A Vida. **Rádio Cultura FM**, São Paulo, 26 maio 2014. Programas, Rádio Metrôpolis. Disponível em:

<<http://cultura.fm.cmais.com.br/radiometropolis/lavra/joao-de-deus-a-vida>>. Acesso em: 31 Jan. 2019.

MARTINEZ, Cesar. **A linda historia do meu paiz**. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1932.

MATOS, Cloder Rivas. **Viver e Aprender Português**. São Paulo: Saraiva, 1998.

MÖLLER, Reinhard M. Steps Towards the Sublime? Jens Baggesen's account of Strasbourg Cathedral in *Labyrinten* and the concept of the Sublime. **Transfiguration: Nordic Journal of Christianity and the Arts**, vol. 6, n 2., p. 61-88, 2004. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=NbqBfNMBFykC&pg=PA61&lpg=PA61&dq=Jens+Immanuel+Baggesen&source=bl&ots=1PtqmJBidT&sig=rMvs_jhr4KBZDHJe3UPmp9X64Aw&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjw35Tf0OTZAhUHJ5oKHahyBe0Q6AEIaTAI#v=onepage&q=Jens%20Immanuel%20Baggesen&f=false>. Acesso em: 11 Mar. 2018.

NAGLE, Jorge. Movimentos político-sociais e correntes de idéias. In: _____ **Educação e sociedade na Primeira República**. 2a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 53-129.

NASSAR, Ione Meloni; ALBEGARIA, Lino de. **Pelos caminhos da comunicação**. São Paulo: FTD, 1984.

NEVES, Déborah Pádua Mello. **Português Moderno**. São Paulo: IBEP, [197-].

NOVO Manual de Lingua Portuguesa: Grammatica, Lexicologia, Analyse, Composição. São Paulo e Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1912.

Ó, Jorge Ramos do. Para uma genealogia do currículo: ordem e método na edificação do modelo escolar moderno. In: CAVALCANTE, M.; HOLANDA, P.; LUSTOSA, F. e DIAS, R. (orgs.) **Histórias de Pedagogia, Ciência e Religião**: discursos e correntes de cá e do além-mar. Fortaleza: Edições UFC, 2016. p. 21-50.

O PEQUENO escolar. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. Da literatura e de sua outra. In: _____ **Literatura infantil**: voz de criança. 3a ed. São Paulo: Editora Ática, 2001. p. 5-14.

PETITAT, André. **Produção da escola / Produção da sociedade**. Tradução: Eunice Gruman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PINTO, Alfredo Clemente. **Gramática**: a língua materna. Porto Alegre: Livraria Selbach, [19--].

POPKEWITZ, Thomas S. História do currículo, regulação social e poder. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 173-210.

SANTOS, Theobaldo Miranda. **Leituras maravilhosas**. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1968.

SANTOS, Theobaldo Miranda. **Terra brasileira**. Rio de Janeiro: Agir, 1965.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4a ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SCHWARCZ, Lília M. e STARLING, Heloisa M. É ouro! In: _____ **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 107-128.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3a ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SNYDERS, Georges. Introdução. In: _____ **A alegria na escola**. Tradução: Berthe Halpern Guzovitz e Maria Cristina Caponero. São Paulo: Editora Manole, 1988. p. 11-15.

SNYDERS, Georges. Primeira parte: cultura primeira e cultura elaborada. In: _____ **A alegria na escola**. Tradução: Berthe Halpern Guzovitz e Maria Cristina Caponero. São Paulo: Editora Manole, 1988. p. 19-83.

STEINBERG, S. R. e KINCHELOE, J. L. Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. In: _____ (orgs.) **Cultura infantil**: A construção corporativa da infância. Tradução: George Eduardo Japiassú Bricio. 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 9-52.

TAMBARA, Elomar. Trajetórias e natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil. **Revista História da Educação**, v.6, n.11, p. 25-52, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. As presenças do texto em sala de aula. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2, 2012, Uberlândia. **Anais do II Simpósio Internacional de Ensino da Língua Portuguesa**. Uberlândia/MG: EDUFU, 2012. p. 1-22. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_188.pdf>. Acesso em: 17 Mar. 2019.

UMA investigação sobre jornais e revistas infantis e juvenis IV: Resumo e Conclusões. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, vol.3, n.8, p. 223-241, 1945.

UNESP. Obras completas de L. N. Fagundes Varella. **Biblioteca Digital UNESP**. Disponível em: <<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/6940>>. Acesso em: 11 Mar. 2018.

UNICAMP. João Köpke, precursor de Monteiro Lobato. **Jornal da UNICAMP**, Campinas, 23 maio 2017. Disponível em:

<<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2017/05/23/joao-kopke-precursor-de-monteiro-lobato>>. Acesso em: 11 Mar. 2018.

VARELA, Julia. O Estatuto do Saber Pedagógico. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 87-96.

VASCONCELOS, Adson. **Aprender juntos**: letramento e alfabetização. São Paulo: Edições SM, 2011.

VEYNE, Paul. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa**. Tradução: Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

VIANNA, Francisco. **Leituras infantis**: segundo livro. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia., [191-].

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard e THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. Tradução Diana Gonçalves Vidal. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.33, p. 7-47, jun./2001.

WILLIAMS, Raymond. Conclusão. In:_____ **Cultura e Sociedade**: 1780-1950. Tradução Leônidas H. B. Hegenberg; Octanny Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969. p. 305-346.

ZOTTI, Solange Aparecida. Organização do ensino primário no Brasil: uma leitura da história do currículo oficial. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS: HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL, 7, 2006, Campinas. **Anais do VII Seminário Nacional do HISTEDBR**. Campinas/SP: UNICAMP, 2006. p. 1-27. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario7/TRABALHO S/S/Solange%20aparecida%20zotti.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario7/TRABALHO%20S/S/Solange%20aparecida%20zotti.pdf)>. Acesso em: 17 Mar. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A – FICHAS TÉCNICAS DOS LIVROS DIDÁTICOS DO CAPÍTULO 3.1

Nome: Gramática: a língua materna

Autor: Alfredo Clemente Pinto

Editora: Livraria Selbach

Ano: 19--

Indicação da série escolar: 4º ano do ensino primário

Livro do professor: sim

Avaliação do Governo: livro aprovado pelo Conselho da Instrução Pública e adotado nas aulas públicas e particulares do Rio Grande do Sul

Referência na BLD: LDOL S375.102 P659L 46.ed. 19-

Classificação: produções culturais do próprio autor

Descrição geral: livro organizado em assuntos gramaticais, com exercícios a partir da análise de frases criadas pelo autor ou sequência de palavras.

FORMATO

Tamanho do livro: A5

Número de páginas: 144

Número de páginas ilustradas: 0

Estrutura: (x) textos explicativos (x) exercício (x) unidades (x) excertos
(x) orientações didáticas ao docente () material complementar

PRODUÇÕES CULTURAIS

Quantidade de produções culturais: 195

Quantidade de produções culturais do autor do livro didático: 195

Quantidade de produções culturais com referência externa: 0

Quantidades de produções culturais sem referência externa: 0

Tipo de produção	Quantidade	Autores referenciados	Funções didáticas da produção
Sequência de frases	193		Estudo gramatical

Conto	2		Estudo gramatical
-------	---	--	-------------------

Conclusão da tabela.

Autores não-referenciados: nenhum.

Observações:

Nome: Leituras infantis: segundo livro

Autor: Francisco Vianna

Editora: Francisco Alves & Cia.

Ano: 191-

Indicação da série escolar: 2ª série do ensino primário

Livro do professor: não

Avaliação do Governo: não contém

Referência na BLD: LD S 375.101 V617L v.2 191-

Classificação: produções culturais do próprio autor

Descrição geral: sequência de histórias com conteúdo moral, científico e do cotidiano.

FORMATO

Tamanho do livro: A5

Número de páginas: 198

Número de páginas ilustradas: 38

Estrutura: () textos explicativos () exercício () unidades () excertos
() orientações didáticas ao docente () material complementar

PRODUÇÕES CULTURAIS

Quantidade de produções culturais: 47

Quantidade de produções culturais do autor do livro didático: 47

Quantidade de produções culturais com referência externa: 0

Quantidades de produções culturais sem referência externa: 0

Tipo de produção	Quantidade	Autores referenciados	Funções didáticas das produções
Conto	37		

Poesia	8		Encantar e ensinar valores morais
Carta	2		

Conclusão da tabela.

Autores não-referenciados: nenhum.

Observações: no prefácio, o autor menciona ter elaborado as histórias para atrair o encantamento das crianças e oferecer ensinamentos implícitos.

Nome: Almas Sensíveis

Autor: Leona H. Pereira Guilherme

Editora: Typographia Nilson Andrade Netto & Cia.

Ano: 1929

Indicação da série escolar: sem indicação

Livro do professor: não

Aprovação do Governo: livro aprovado pela Diretoria Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo e adotado nas suas escolas (leitura fundamental para 3º ano do ensino primário)

Referência na BLD: LDOL S 375.101 G956a 4.ed 1929

Classificação: produções culturais da própria autora

Descrição geral: coleção de contos e peças teatrais, com conteúdo moral e científico.

FORMATO

Tamanho do livro: A5

Número de páginas: 257

Número de páginas ilustradas: 10

Estrutura: () textos explicativos () exercício () unidades () excertos
() orientações didáticas ao docente () material complementar

PRODUÇÕES CULTURAIS

Quantidade de produções culturais: 51

Quantidade de produções culturais do autor do livro didático: 51

Quantidade de produções culturais com referência externa: 0

Quantidades de produções culturais sem referência externa: 0

Tipo de produção	Quantidade	Autores referenciados	Funções didáticas das produções
Conto	41		Leitura
Texto teatral	10		
Poesia	1		

Conclusão da tabela.

Autores não-referenciados: nenhum.

Observações: no prefácio a autora coloca como importante a variedade na leitura e na linguagem. O livro é dividido em duas partes: “Contos” e “Diálogos e cenas”.

Nome: A linda historia do meu paiz

Autor: Cesar Martinez

Editora: Livraria Francisco Alves

Ano: 1932

Indicação da série escolar: 4º ano do ensino primário

Livro do professor: não

Avaliação do governo: obra aprovada pela Diretoria Geral de Instrução Pública de São Paulo, destinada ao 4º ano do curso primário.

Referência na BLD: LD S 375.101 M385L 4.ed. 1932

Classificação: produções culturais do próprio autor

Descrição geral: livro narrativo sobre dois ingleses que visitam o Brasil. Cada capítulo conta sobre um lugar ou personagem da história brasileira.

FORMATO

Tamanho do livro: A5

Número de páginas: 258

Número de páginas ilustradas: 51

Estrutura: () textos explicativos () exercício () unidades () excertos
() orientações didáticas ao docente () material complementar

PRODUÇÕES CULTURAIS

Quantidade de produções culturais: 41

Quantidade de produções culturais do autor do livro didático: 41

Quantidade de produções culturais com referência externa: 0

Quantidades de produções culturais sem referência externa: 0

Tipo de produção	Quantidade	Autores referenciados	Funções didáticas das produções
Narrativas	42		Leitura

Conclusão da tabela.

Autores não-referenciados: nenhum.

Observações: no prefácio mostra-se a intenção das leituras do livro colaborarem para a formação moral e cívica da infância escolar.

Nome: Meninice

Autor: Luiz Gonzaga Fleury

Editora: Companhia Editora Nacional

Ano: 1937

Indicação da série escolar: 3º grau do ensino primário

Livro do professor: sim

Avaliação do Governo: não contém

Referência na BLD: LDOL S375.102 3º grau F618m 1937

Classificação: produções culturais do próprio autor

Descrição geral: sequência de textos narrativos com conteúdo moral, científico, histórico e geográfico, seguidos de vocabulário e exercícios.

FORMATO

Tamanho do livro: A5

Número de páginas: 155

Número de páginas ilustradas: 42

Estrutura: (x) textos explicativos (x) exercício () unidades () excertos
(x) orientações didáticas ao docente () material complementar

PRODUÇÕES CULTURAIS

Quantidade de produções culturais: 42

Quantidade de produções culturais do autor do livro didático: 42

Quantidade de produções culturais com referência externa: 0

Quantidades de produções culturais sem referência externa: 0

Tipo de produção	Quantidade	Autores referenciados	Funções didáticas das produções
Conto	28	Macedo Soares citado em um conto	Estudo gramatical e vocabulário
Poesia	4		
Biografia	5		
Informativo	5		

Conclusão da tabela.

Autores não-referenciados: nenhum.

Observações: nas narrativas, expressam-se valores morais com uma linguagem de ensinamentos.

Nome: Pindorama

Autores: Ofélia Fontes e Narbal Fontes

Editora: Muniz Est. Gráficos

Ano: 1940

Indicação da série escolar: 4º e 5º anos do ensino primário

Livro do professor: sim

Avaliação do Governo: aprovado oficialmente para as classes de 4º ano no Estado de São Paulo e para as classes de 4º e 5º anos no Distrito Federal.

Referência na BLD: LD S 375.101 F683p 8.ed. 1940

Classificação: produções culturais da própria autora

Descrição geral: livro de narrativa em primeira pessoa de uma criança que aprende sobre a cultura e história brasileiras por meio de histórias e experiências.

FORMATO

Tamanho do livro: A5

Número de páginas: 242

Número de páginas ilustradas: 8

Estrutura: () textos explicativos () exercício () unidades () excertos
() orientações didáticas ao docente (x) material complementar: índice elucidativo para o professor.

PRODUÇÕES CULTURAIS

Quantidade de produções culturais: 80

Quantidade de produções culturais do autor do livro didático: 62

Quantidade de produções culturais com referência externa: 5

Quantidades de produções culturais sem referência externa: 75

Tipo de produção	Quantidade	Autores referenciados	Funções didáticas das produções
Conto	39		Leitura e vocabulário
Canção popular	13		
Poesia	18	Catulo Cearense, Bruno Seabra, Ademar Tavares, Ricardo Gonçalves	
Lenda	7		
Carta	3		

Conclusão da tabela.

Autores não-referenciados: nenhum.

Observações: transmitir ensinamentos relacionados à humanidade, justiça, trabalho, democracia e brasilidade, de acordo com o prefácio. Os assuntos predominantes são: cenas da vida brasileira em família e da vida na escola; cenas e impressões de viagem e de rua; lendas; costumes brasileiros, motivos religiosos e cenas do povo; animais e plantas brasileiras; serviço de assistência ao povo; motivos históricos; motivos geográficos brasileiros; grandes brasileiros; civismo; educação moral e sentimento de humanidade.

Nome: Gramática funcional

Autoras: Norma de Castro Leite e Geralda Caldeira Soares

Editora: Editora Vega S.A. - Belo Horizonte - MG

Ano: 1973

Indicação da série escolar: 3ª série do ensino primário

Livro do professor: não

Avaliação do Governo: não consta

Referência na BLD: LD 375.102 L533g 4.ed. 3a série 1973

Classificação: produções culturais das próprias autoras

Descrição geral: livro com sequência de excertos e exercícios gramaticais.

FORMATO

Tamanho do livro: A5

Número de páginas: 140

Número de páginas ilustradas: 51

Estrutura: (x) textos explicativos (x) exercício (x) unidades (x) excertos
() orientações didáticas ao docente () material complementar

PRODUÇÕES CULTURAIS

Quantidade de produções culturais: 63

Quantidade de produções culturais do autor do livro didático: 27

Quantidade de produções culturais com referência externa: 1

Quantidades de produções culturais sem referência externa: 35

Tipo de produção	Quantidade	Autores referenciados	Funções didáticas das produções
Excertos gerais	28	Malba Tahan	Estudo gramatical
Excertos de lendas	7		
Excertos de mitos gregos	6		
Excertos de fábula	1		

Excertos de contos de fadas	21		
-----------------------------	----	--	--

Conclusão da tabela.

Autores não-referenciados: Charles Perrault, Wilhelm Grimm, Jacob Grimm, Esopo.

Observações: os excertos gerais do livro possuem conteúdo de festas populares, ciências naturais, situações cotidianas e temática religiosa.

APÊNDICE B – TABELA DAS PRODUÇÕES CULTURAIS DE *MENINICE*

Título	Gênero	Descrição	Autoria	Assunto	Proposta didática	Páginas	Narração	Orientações didáticas	Observações
Que magica!	Conto	Menina que cai da rede	Luiz Gonzaga Fleury	Moral	Estudo de vocabulário e substantivos	11 e 12	3a pessoa	Procurar os substantivos, inventar outro título, formar sentenças com as palavras do vocabulário, ler em voz alta	Texto explicativo sobre substantivo
O vaso de cravos	Conto	Menino que atira pedras em galinhas para salvar um vaso de cravos	Luiz Gonzaga Fleury	Moral	Adjetivo e estudo de vocabulário	14 e 15	3a pessoa	Procurar os substantivos e seus respectivos adjetivos, classificar os adjetivos, formar sentenças com as palavras do vocabulário	Texto explicativo sobre adjetivo
Como se fazem magicas	Conto	Tio que faz uma mágica que é explicada ao final	Luiz Gonzaga Fleury	Entretenimento	Pronome e estudo de vocabulário	17, 18 e 19	1a pessoa	Procurar os pronomes e dizer a que pessoa pertencem, experimentar fazer a mágica proposta	Texto explicativo sobre pronome
O cãozinho de José	Conto	Menino que ganha um cachorro. Os colegas ficam com inveja e tentam vingá-lo, mas o garoto antecipa a vingança e faz seu cachorro correr atrás das pombas dos colegas. Na perseguição, o	Luiz Gonzaga Fleury	Moral	Verbo e estudo de vocabulário	21 e 22	3a pessoa	Procurar os verbos e classificá-los, apontar os sujeitos dos verbos	Texto explicativo sobre verbo

continua

		cão cai em um poço e morre afogado.							
A mosquinha encantada	Conto	Tio que faz um truque de ressuscitar uma mosca	Luiz Gonzaga Fleury	Entretenimento	Advérbio e estudo de vocabulário	25, 26 e 27	1a pessoa	Procurar os advérbios, sugestão de leitura de texto sobre a mosca e os micróbios na biblioteca para os alunos escreverem um texto sobre os males que a mosca pode causar	Texto explicativo sobre advérbio
Aracy e seu avô	Conto	Ternura do avô para com sua neta	Luiz Gonzaga Fleury com citação de versos de Macedo Soares	Sentimental	Preposição e estudo de vocabulário	29 e 30	3a pessoa	Procurar as preposições, copiar a explicação de preposição do livro	Texto explicativo sobre preposição
Uma coisa puxa outra	Conto	Menino que quer tirar vantagem do irmão mais novo, que é esperto e escapa da situação. Pai diz que a maior riqueza é o estudo e o trabalho. Filho mais novo passa a estudar mais e o mais velho segue seu exemplo	Luiz Gonzaga Fleury	Moral	Conjunção e estudo de vocabulário	32, 33 e 34	3a pessoa	Procurar as conjunções e copiar o texto explicativo	Texto explicativo sobre conjunções
Meu professor	Conto	Encantamento pelo professor que ensina geografia brasileira e sentimento de patriotismo	Luiz Gonzaga Fleury	Geografia	Interjeição e estudo de vocabulário	36, 37 e 38	1a pessoa	Copiar o texto explicativo e o mapa do Brasil	Texto explicativo sobre interjeições

Mente sã em corpo são	Poesia	Descrição das atividades de férias de um menino estudioso	Luiz Gonzaga Fleury	Moral	As partes do discurso - resumo das lições anteriores e estudo de vocabulário	40	3a pessoa	Reduzir à prosa a poesia, mostrar as vantagens de se exercitar para o corpo e a mente	Texto explicativo sobre os aspectos gramaticais tratados até então
O ninho enfeitado	Conto	Menina que sente remorso por ter mexido em ninho de passarinho	Luiz Gonzaga Fleury	Moral	Sentença e estudo de vocabulário	43 e 44	3a pessoa	Analisar três sentenças do texto e criar diferentes tipos de sentenças com palavras do vocabulário	Texto explicativo sobre sentenças
A galinha e os patinhos	Conto	Menino dá ovos de pata para galinha chocar. Os patos nascem, se perdem da galinha e morrem. Outros crescem, vão nadar no rio e galinha morre afogada tentando salvá-los	Luiz Gonzaga Fleury	Moral	Sujeito e predicado e estudo de vocabulário	47, 48 e 49	3a pessoa	Achar o sujeito e predicado de algumas sentenças do texto	Texto explicativo sobre sujeito e predicado
Arnaldo ia mudar-se	Conto	Menino destrói plantas do quintal para não deixar arrumado para o próximo morador de sua casa.	Luiz Gonzaga Fleury	Moral	Divisão dos verbos quanto ao sujeito e estudo de vocabulário	51, 52 e 53	3a pessoa	Procurar e classificar os verbos, copiar o texto explicativo. Sugestão de incentivar os alunos a plantarem árvores e plantas.	Texto explicativo sobre divisão dos verbos quanto ao sujeito
Um rasgo de coragem - I	Conto	Menino vê uma senhora ser atacada por cães bravos	Luiz Gonzaga Fleury	Aventura	Estudo de vocabulário	56, 57 e 58	3a pessoa		
Um rasgo de coragem - II	Conto	Continuação da história: o menino ataca um cachorro com uma garrafa de	Luiz Gonzaga Fleury	Aventura / moral	Divisão dos substantivos e estudo de vocabulário	59, 60 e 61	3a pessoa	Dar exemplos de diferentes tipos de substantivos a partir dos textos	Texto explicativo sobre divisão

		vidro quebrada, ajudando a velha "com sua coragem"							dos substantivos
Martim Affonso e Braz Cubas	Biografia	Biografias de Martim Affonso e Braz Cubas no momento de chegada ao Brasil	Luiz Gonzaga Fleury	História do Brasil	Divisão dos verbos quanto ao complemento e estudo de vocabulário	63 e 64	3a pessoa	Procurar e classificar os verbos	Texto explicativo sobre divisão dos verbos quanto ao complemento
As charadas de titio - I	Conto	Tio faz charadas com palavras	Luiz Gonzaga Fleury	Entretenimento	Estudo do vocabulário e sílabas	67 e 68	1a pessoa	Sugestão para o professor explicar aos alunos o que é sílabação	
As charadas de titio - II	Conto	Tio responde às charadas com palavras	Luiz Gonzaga Fleury	Entretenimento	Estudo do vocabulário e dicionário	70, 71 e 72	1a pessoa	Procurar palavras no dicionário que serviriam para as charadas do tio. Ensinar como se usa o dicionário	
O padre Anchieta	Biografia	Biografia de padre José Anchieta	Luiz Gonzaga Fleury	História do Brasil	Divisão dos adjetivos qualificativos e estudo de vocabulário	73 e 74	3a pessoa	Dar exemplos de adjetivos	
Que melado gostoso!	Conto	Irmas gêmeas que comem pão com queijo e melaço antes do jantar	Luiz Gonzaga Fleury	moral	Divisão dos adjetivos determinativos e estudo de vocabulário	76, 77 e 78	3a pessoa	Classificar os adjetivos determinativos da lição e copiar o texto explicativo	Texto explicativo sobre adjetivos determinativos
Amador Bueno	Biografia	Biografia de Amador Bueno	Luiz Gonzaga Fleury	História do Brasil, Portugal e Espanha	Classificação dos pronomes e estudo de vocabulário	81 e 82	3a pessoa	Leitura em voz alta do texto. Sugestão ao professor de procurar outro texto para os alunos procurarem pronomes e classificá-los	Texto explicativo sobre classificação dos pronomes

continua

Que é o céu	Poesia	Descrição do céu	Luiz Gonzaga Fleury	Astrologia	Estudo do vocabulário	85 e 86	3a pessoa	reduzir à prosa a poesia depois de sua interpretação oral. Sugestão ao professor: falar sobre os astros e o Universo	
Os Bandeirantes	Texto informativo	Texto contando sobre alguns bandeirantes e seus feitos	Luiz Gonzaga Fleury	História do Brasil	Estudo do vocabulário	88, 89 e 90	3a pessoa	Leitura em voz alta do texto. Sugestão ao professor: buscar outros textos sobre Bandeirantes na biblioteca	
Na oficina do ferrador	Conto	Um menino assiste ao trabalho de um ferrador de animais e quase se machuca por uma chama ter voado em sua roupa	Luiz Gonzaga Fleury	Moral	Estudo do vocabulário	92 e 93	3a pessoa	Criar um novo final para a história, elaborando sentenças com as palavras do vocabulário	
Os irmãos Andradas	Biografia	Biografia de José Bonifácio de Andrada e Silva, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada e Martim Francisco Ribeiro de Andrada, relacionada à independência do Brasil	Luiz Gonzaga Fleury	História do Brasil	Proposições simples e complexas e estudo de vocabulário	96 e 97	3a pessoa		Texto explicativo sobre proposições simples e complexas
As flores	Poesia	Irmão que zomba da irmã por ela cuidar de flores	Luiz Gonzaga Fleury	Moral	proposições compostas. Período e estudo de vocabulário	100	3a pessoa		Texto explicativo sobre proposições compostas
Os Chopins e os Tico-ticos - I	Conto	Pássaros Chopins que encontram com João-de-Barro e	Luiz Gonzaga Fleury	Moral	Estudo do vocabulário	103, 104 e 105	3a pessoa		

		Bem-te-vi prestes a construir um ninho							
Os Chopins e os Tico-ticos – II	Conto	Continuação da história: os Chopins encontram os Tico-ticos que já construíram seu ninho e dizem onde fica. Chopins se aproveitam do ninho, para não precisarem construir o seu	Luiz Gonzaga Fleury	Moral	Estudo do vocabulário	106, 107 e 108	3a pessoa		
O padre Feijó	Biografia	Biografia de padre Diogo Antonio Feijó com relação à política brasileira	Luiz Gonzaga Fleury	História do Brasil	Estudo do vocabulário	110 e 111	3a pessoa	Conjugação de verbos. Sugestão para o professor: buscar leitura na biblioteca sobre Feijó ou tempo das regências. Propor que os alunos copiem um retrato de Feijó ou de "outro brasileiro notável"	
Indiscreção	Conto	Menina que, ao ver um quadro com retratos de professoras, diz que uma é feia. Essa seria sua professora no futuro e confronta a menina, que se sente envergonhada.	Luiz Gonzaga Fleury	Moral	Estudo do vocabulário	112, 113 e 114	3a pessoa	Formar sentenças no plural, usando adjetivos e substantivos presentes no texto	
Os dois frangos	Conto	Dois frangos irmãos: um forte e outro fraco. O forte zombava do fraco. No entanto, foi o escolhido pela	Luiz Gonzaga Fleury	Moral	Estudo do vocabulário	115, 116 e 117	3a pessoa	Copiar o conto e formar novas sentenças com as palavras do vocabulário	

		cozinheira para ir para a panela. O fraco morreu de velho							
O homem	Texto informativo	Texto sobre as características físicas do homem, raças e habilidade em ser mais forte do que a natureza	Luiz Gonzaga Fleury	Biologia	Estudo do vocabulário	118, 119 e 120	3a pessoa	Explicação oral do professor sobre o corpo humano com apoio de desenho feito por ele	
Viagem a Santos - I	Conto	Menino que viaja de São Paulo a Santos com seu pai e descreve a paisagem da viagem e as características do trem	Luiz Gonzaga Fleury	Encantamento	Estudo do vocabulário	121 e 122	1a pessoa		
Viagem a Santos - II	Conto	Continuação da história: menino descreve sua primeira visita à praia, contando do mar e paisagens. Também descreve a cidade de Santos	Luiz Gonzaga Fleury	Encantamento	Estudo do vocabulário	124, 125 e 126	1a pessoa		
O aparelho digestivo	Texto informativo	Descrição do aparelho digestivo com recomendação de ingerir alimentos variados e saudáveis, além de mastigá-los bastante antes de engolir	Luiz Gonzaga Fleury	Biologia	Estudo do vocabulário	127, 128 e 129	3a pessoa	Sugestão ao professor: falar sobre a higiene da alimentação	
O magico e o boneco encantado	Conto	Menina conta à mãe que vê um "mágico" na rua comandando um boneco que se mexia. A mãe	Luiz Gonzaga Fleury	Moral / cuidado nas ruas	Estudo do vocabulário	130, 131 e 132	3a pessoa	Leitura em voz alta	

continua

		desmistifica a história da filha, contando a ela que o mágico na verdade era um "camelot" que enganava pessoas na rua.							
O sonho de Elvira	Poesia	Menina que cuida de flores e seu irmão sonha que ela é um anjo	Luiz Gonzaga Fleury	Encantamento	Algumas expressões errôneas e estudo de vocabulário	134 e 135	3a pessoa	Leitura em voz alta, cópia do texto e orientação para os alunos não reproduzirem expressões errôneas	Exemplos de expressões faladas consideradas erradas na língua portuguesa
O aparelho respiratorio	Texto informativo	Descrição do sistema respiratório	Luiz Gonzaga Fleury	Biologia	Estudo do vocabulário	137, 138 e 139	3a pessoa	Sugestão para o professor: falar sobre a higiene da respiração e propor experimento para os alunos assoprarem um tubo com água e cal para notarem a presença de gás carbônico no ar expirado do corpo	
Até os animais aprendem - I	Conto	Menino que visita "Nha Maria" para comprar salsichas. Ela lhe oferece café e ele observa o papagaio que fala.	Luiz Gonzaga Fleury	Encantamento	Estudo do vocabulário	141, 142e 143	3a pessoa		

Até os animais aprendem - II	Conto	continuação da história: menino vê o papagaio falando frases novas e percebe que "até os animais aprendem"	Luiz Gonzaga Fleury	Encantamento	Estudo do vocabulário	144, 145 e 146	3a pessoa	Leitura em voz alta	
O aparelho circulatório	Texto informativo	Descrição do sistema circulatório	Luiz Gonzaga Fleury	Biologia	Estudo do vocabulário	147, 148 e 149	3a pessoa		
Bom filho - I	Conto	Filho de cozinheira doente vai à casa dos patrões pedir dinheiro adiantado para não passarem fome. Os patrões não estão e ele consegue um emprego com a vizinha	Luiz Gonzaga Fleury	Moral	Estudo do vocabulário	150, 151 e 152	3a pessoa		
Bom filho - II	Conto	Continuação da história: na volta para casa, o menino se vê tentando a comprar brinquedos ou frutas, mas resiste, levando comida para sua mãe que passa a trabalhar com a mesma patroa do filho, o qual consegue estudar à noite "graças à bondade da excelente patroa"	Luiz Gonzaga Fleury	Moral	Estudo do vocabulário	153, 154 e 155	3a pessoa		

Conclusão da tabela.

APÊNDICE C – FICHAS TÉCNICAS DOS LIVROS DIDÁTICOS DO CAPÍTULO 3.2

Nome: Português Moderno

Autora: Déborah Pádua Mello Neves

Editora: IBEP

Ano: 197-

Indicação da série escolar: 4ª série do ensino primário

Livro do professor: sim

Avaliação do Governo: não consta

Referência na BLD: LD 375.102 N518p 4a. série 197- e.2

Classificação: produções culturais de autoria literária

Descrição geral: livro composto de textos seguidos de vocabulários, exercícios de compreensão, interpretação, escrita alfabética, estudo gramatical e ortografia.

FORMATO

Tamanho do livro: A4 modo paisagem

Número de páginas: 96

Número de páginas ilustradas: 72

Estrutura: (x) textos explicativos (x) exercício () unidades (x) excertos
() orientações didáticas ao docente () material complementar

PRODUÇÕES CULTURAIS

Quantidade de produções culturais: 62

Quantidade de produções culturais do autor do livro didático: 18

Quantidade de produções culturais com referência externa: 44

Quantidades de produções culturais sem referência externa: 0

Tipo de produção	Quantidade	Autores referenciados	Funções didáticas das produções
Conto de fada	1	Érico Veríssimo	Leitura
Piada	1	Stella Leonardos	Vocabulário, compreensão

Palavras-cruzadas	7		escrita
Conto	30	Érico Veríssimo, Maria Braz - Cândido de Oliveira, Maria Thereza C. de Giácomo, Theobaldo Miranda Santos, Nelly Cunha e Helga J. Trein, Edy Lima, Lygia Bojunga Nunes, Hamilton Trevisan, Thales de Andrade, Rodrigues de Carvalho, Sônia Robatto, Francisco Martins, Lúcia Machado de Almeida, Maria José Dupré, Maria Clara Machado, Malba Tahan, Luis Jardim, Glorinha de Moura Novais, Ivan Engler de Almeida, Shel Silverstein (tradução de Fernando Sabino), Maria Alice Barroso, Mariza Andrade Maria Botelho, Orígenes Lessa, José Mauro de Vasconcelos, Terezinha Cassassanta e Terezinha Carmen de O. Lima	Vocabulário, compreensão, ortografia, produção de texto, escrita alfabética
Poesia	8	Bastos Tigre, Henriqueta Lisboa, Otilia P. L. Fenerich, Catulo da Paixão Cearense, Vinícius de Moraes, Vicente Guimarães, canção popular	Vocabulário, leitura, criação de sons, produção de desenho, pesquisa, canto,
História em quadrinhos	9		Produção de narrativa, análise gramatical, informar
Texto informativo	4	Magdala Lisboa Bacha, Oranice Franco	Vocabulário, compreensão, pesquisa
Biografia	1	Viriato Correia	Vocabulário, compreensão, estudo de mapas
Fábula	1	Esopo	Vocabulário, interpretação, escrita alfabética

Conclusão da tabela.

Autores não-referenciados: nenhum.

Observações: livro possui atividades de educação artística, de acordo com a contracapa: expressões corporal, plástica e musical. Apesar de ser livro do mestre, não há orientações didáticas à professora, apenas gabarito dos exercícios propostos. Na primeira página há uma lista dos textos explorados no livro. Na última página do livro, há uma lista de indicações de títulos de livros que podem ser adquiridos pelos alunos ou lidos na biblioteca. Tais livros foram os utilizados como referência para selecionar as produções culturais presentes no material didático.

Nome: Pelos caminhos da comunicação

Autores: Ione Meloni Nassar e Lino de Albergaria

Editora: FTD

Ano: 1984

Indicação da série escolar: 4ª série do ensino primário

Livro do professor: sim

Avaliação do Governo: não consta

Referência na BLD: 375.102 N265p 4ª série 1984

Classificação: produções culturais de autoria literária

Descrição geral: livro composto de lições com um texto inicial, exercícios de interpretação e gramática, reflexão, escrita e leitura de outro texto.

FORMATO

Tamanho do livro: A4

Número de páginas: 136

Número de páginas ilustradas: 63

Estrutura: (x) textos explicativos (x) exercício () unidades (x) excertos
(x) orientações didáticas ao docente (x) material complementar: anotações para o professor

PRODUÇÕES CULTURAIS

Quantidade de produções culturais: 57

Quantidade de produções culturais do autor do livro didático: 7

Quantidade de produções culturais com referência externa: 50

Quantidades de produções culturais sem referência externa: 0

Tipo de produção	Quantidade	Autores referenciados	Funções didáticas das produções
Conto	29	Stella Carr, Fernando Sabino, Ricardo Azevedo, Henry Corrêa de Araújo, Werner Zotz, Lygia Bojunga, Ana Maria Machado, Lucy Assumpção, Leny Werneck, Ronald Claver e Júnia Passos, Eliane Ganem, Sérgio Caparelli, Lúcia Machado de Almeida, Teresa Noronha, Maria Clara Machado	Interpretação, estudo gramatical, ponto de partida de conversas sobre a vida, escrita
Poesia	18	Elias José, Sidônio Muralha, Jandira Massur, Roseana Murray, Ione Meloni Nassar, Folclore brasileiro, Cecília Meireles, Bartolomeu Campos Queirós, Sérgio Bardotti, Chico Buarque de Hollanda, Vinícius de Moraes	Leitura em voz alta, cópia, estudo gramatical
Anedota	3	João Carlos Marinho Silva, Ziraldo	Interpretação, estudo gramatical, ponto de partida de conversas sobre a vida, escrita
Texto informativo	3	Vitalina Alves de Lima	Informar
Carta	2		Exemplificar gênero textual
Lenda	1	adaptação de Lino de Albergaria	Interpretação, estudo gramatical, ponto de partida de conversas sobre a vida, escrita
Glossário	1		Repertoriar vocabulário a partir de verbetes

Conclusão da tabela.

Autores não-referenciados: nenhum.

Observações: no manual do professor há descrição da concepção pedagógica do livro e orientações didáticas para o encaminhamento de cada lição.

Nome: Português: oficina de gramática

Autoras: Eloisa Bombonatti Gianini, Mara Alves Avilez, Marcia Maria da Silva

Editora: Editora do Brasil S/A

Ano: 1990

Indicação da série escolar: 3ª série do ensino primário

Livro do professor: sim

Avaliação do Governo: não consta

Referência na BLD: LD 375.102 G433p 1990 3a série

Classificação: produções culturais de autoria literária

Descrição geral: livro composto de unidades relacionadas à gramática e aos aspectos notacionais da língua portuguesa. Em cada unidade há três setores: exercitando, exercícios de fixação e desafiando seu conhecimento, onde se encontram as produções culturais.

FORMATO

Tamanho do livro: A4

Número de páginas: 146

Número de páginas ilustradas: 26

Estrutura: (x) textos explicativos (x) exercício (x) unidades (x) excertos
() orientações didáticas ao docente () material complementar

PRODUÇÕES CULTURAIS

Quantidade de produções culturais: 34

Quantidade de produções culturais do autor do livro didático: 10

Quantidade de produções culturais com referência externa: 23

Quantidades de produções culturais sem referência externa: 1

Tipo de produção	Quantidade	Autores referenciados	Funções didáticas das produções
Palavras-cruzadas	2		Identificação de ordem alfabética, pronomes de tratamento

Poesia	1	Elias José	Cópia, ordem alfabética, ortografia, uso da letra maiúscula
Conto	24	Odette de Barros Mott, Jorge Amado, Marco A. de Carvalho, Janice Janet Pershum, Xuxa, Edson Gabriel Garcia, Waldir Rodrigues Carrasco, Manoel Cardoso, Elias José, Fernando Lobo, Luci G. Watanabe, Maurice Duron, Monica Stahel, Lúcia Pimentel, Ulisses Tavares, Luís Pimentel, Giselda Laporta Nicolélis, Carlos Queirós Telles, Maria Dinorah, Cristina Porto	Análise de gênero textual, ordem alfabética, ortografia, estudo gramatical
Caça-palavras	5		Identificação de substantivos, aumentativos, adjetivos, superlativos, numerais
História em quadrinhos	2		Análise e transposição para texto de falas de personagem, identificação de pronomes

Conclusão da tabela.

Autores não-referenciados: crianças autoras do livro “Picolé, picolé, água pura ninguém quer... Estórias da Rocinha” da Editora Salamandra, 1983.

Observações: apesar de ser livro do mestre, não há orientações didáticas à professora, apenas gabarito dos exercícios propostos. Com exceção dos caça-palavras, histórias em quadrinhos e palavras-cruzadas, há apenas um pequeno conto de produção das autoras do material didático que se apresenta como proposta de exercício para acentuar texto. Os textos aparecem em “desafiando o seu conhecimento”.

Nome: Construindo a escrita: leitura e interpretação de textos

Autoras: Carmen Silvia Carvalho, Déborah Panachão, Sarina Kutnikas, Silvia Maria Salmaso

Editora: Ática

Ano: 1997

Indicação da série escolar: 2ª série do ensino primário

Livro do professor: sim

Avaliação do Governo: não consta

Referência na BLD: LD 375.102 C331c 3.ed. v.2 1997

Classificação: produções culturais de autoria literária

Descrição geral: livro composto de textos adaptados seguidos de exercícios referentes à opinião sobre o texto, interpretação, análise do gênero e aspectos notacionais, como letra maiúscula e pontuação.

FORMATO

Tamanho do livro: A4

Número de páginas: 88

Número de páginas ilustradas: 85

Estrutura: (x) textos explicativos (x) exercício () unidades (x) excertos
(x) orientações didáticas ao docente (x) material complementar: Manual do Professor

PRODUÇÕES CULTURAIS

Quantidade de produções culturais: 14

Quantidade de produções culturais do autor do livro didático: 4

Quantidade de produções culturais com referência externa: 10

Quantidades de produções culturais sem referência externa: 0

Tipo de produção	Quantidade	Autores referenciados	Funções didáticas das produções
Conto	2	Ângela Lago, Simone Chamoud,	Opinião, interpretação, análise do gênero, aspectos notacionais, contextualização de conversa sobre costumes,

			opiniões e conhecimentos gerais da vida
Biografia	1	Enciclopédia Delta Júnior	
Trecho de romance	1	Fernando Sabino	
Adivinha	1		Exercício sobre conhecimentos adquiridos
Jogo	2		Entrevistar e ser entrevistado; identificação de estrutura do jornal
Poesia	3	Chico Buarque, Luis Henriquez Bucalov, Sérgio Bardotti; Flávio de Sousa	
História policial	1	Tatiana Belinky	
Texto informativo e instrucional	1	adaptação do livro <i>Como o Universo Funciona</i> , editora Globo	
Lenda	1	Roberval Cardoso	
Verbetes de dicionário	1		Informar significado de palavra

Conclusão da tabela.

Autores não-referenciados: nenhum.

Observações: extenso manual do professor com concepção pedagógica do livro e descrição das atividades.

Nome: Viver e Aprender Português

Autor: Cloder Rivas Martos

Editora: Saraiva

Ano: 1998

Indicação da série escolar: 1ª série do ensino primário

Livro do professor: sim

Avaliação do Governo: não consta

Referência na BLD: LD 375.102 M387v v.1 3ed. 1994

Classificação: produções culturais de autoria literária

Descrição geral: livro organizado em unidades, em que cada uma explora um texto para ensinar vocabulário, estudo de palavras, interpretação de texto, produção de texto, gramática escrita alfabética e ortografia.

FORMATO

Tamanho do livro: A4

Número de páginas: 142

Número de páginas ilustradas: 112

Estrutura: (x) textos explicativos (x) exercício (x) unidades (x) excertos
(x) orientações didáticas ao docente (x) material complementar: Manual do professor

PRODUÇÕES CULTURAIS

Quantidade de produções culturais: 44

Quantidade de produções culturais do autor do livro didático: 17

Quantidade de produções culturais com referência externa: 27

Quantidades de produções culturais sem referência externa: 0

Tipo de produção	Quantidade	Autores referenciados	Funções didáticas das produções
Conto	3	Lúcia Pimentel Góes, Luís Galdino, Wânia Amarante	Ampliação do vocabulário, estudo das palavras, interpretação de texto, produção de texto, gramática, escrita alfabética, ortografia

Palavras-cruzadas	3		Escrita alfabética
Poesia	12	Wânia Amarante, Cecília Meireles, Maria do Carmo Brandão, Carlos Queiroz Telles, Elias José, Ruth Rocha, Tatiana Belinky, Graça F. de Paula, Lúcia Pimentel Góes, Pedro Bandeira, Ivo Marino	Ampliação do vocabulário, estudo das palavras, interpretação de texto, produção de texto, gramática, escrita alfabética, ortografia
História em quadrinhos	6	Maurício de Souza, Ziraldo, Eva Furnari	Interpretação e compreensão
Trecho de histórias	6	Pedro Bandeira, Magui, Cristina Porto, Ana Maria Machado, Ronaldo Simões Coelho	Ampliação do vocabulário, estudo das palavras, interpretação de texto, produção de texto, gramática, escrita alfabética, ortografia
História em quadrinhos autoral	7		Criação de falas e narrativas, estudo gramatical
Curiosidades	1		Informação
Caça-palavras	3		Leitura
Adivinhas	3		Estudo gramatical

Conclusão da tabela.

Autores não-referenciados: produção coletiva de alunos

Observações: há poesia retirada de livro publicado a partir de produção de alunos em escola.

Nome: Aprender juntos: letramento e alfabetização

Autor: Adson Vasconcelos

Editora: Edições SM

Ano: 2011

Indicação da série escolar: 2º ano do ensino primário

Livro do professor: sim

Avaliação do Governo: não consta

Referência na BLD: LD 375.10 V331a v.2 3ed. 2011

Classificação: produções culturais de autoria literária

Descrição geral: livro organizado em unidades nas quais

há textos para trabalhar com leitura, escrita alfabética e produção de texto.

FORMATO

Tamanho do livro: A4

Número de páginas: 256

Número de páginas ilustradas: 232

Estrutura: (x) textos explicativos (x) exercício (x) unidades (x) excertos
(x) orientações didáticas ao docente (x) material complementar: Manual do Professor

PRODUÇÕES CULTURAIS

Quantidade de produções culturais: 136

Quantidade de produções culturais do autor do livro didático: 17

Quantidade de produções culturais com referência externa: 119

Quantidades de produções culturais sem referência externa: 0

Tipo de produção	Quantidade	Autores referenciados	Funções didáticas das produções
Anúncio	3	Jornal O Globo, Eu Ajudo A Mudar (site), plano dentário	Identificar objetivo de um anúncio e as letras do alfabeto
Trecho de história	30	Ruth Rocha, João Bosco Alves de Sousa, Teresa Noronha, Inês Stanisiere, Ziraldo, Larousse do Brasil, Vera Falcão, Doreen Cronin,	Identificar características de capa de livros, interpretação de texto, caracterização do

		Christiane Gribel, Ana Maria Machado, Marcus Paulo Eiffê, Monteiro Lobato, Marcelo Cipsis, Florence Desmazures, Jonathan Swift, Leo Cunha, Regina Carvalho, Flávio de Souza, José Paulo Paes, Lewis Carroll, Carlo Collodi, Marcelo Xavier, Edson Gabriel Garcia, Rosane Acedo e Cecília Aranha	gênero textual, identificação de palavras, escrita alfabética, ortografia, produção de texto
Indicação literária*	11	Lalau e Laurabeatriz, José Roberto Torero, José Nobrega e Rosane Pamplona, Henrique Sitchin, Jonathan Swift, Lewis Carroll, J. M. Barrie, Carlo Collodi, Lyman Frank Baum, Sílvia Andreis	Sugestão de leitura para ampliar repertório literário
Bilhete*	3	Vera Falcão	Revisão de escrita
Poesia	15	Lalau e Laurabeatriz, Sérgio Capparelli, Ruth Rocha, Elias José, Maurício Cavalcanti, Cecília Meireles, Tatiana Belinky, Manuel Bandeira, Raimundo Carvalho e Ivan Luís B. Mota, Ulisses Tavares, Eugênio Britto, Eva Furnari	Leitura, escrita alfabética, produção de texto,
História em Quadrinhos *	25	Ziraldo, Quino, Maurício de Sousa, Laerte, Bob Thaves, Fernando Gonsales, Marcelo Xavier, Franco da Rosa, Caulos, Rogério M. Martins e Ridaut Dias Jr.	Interpretação de texto, criação de opinião, ortografia, ensinamento de comportamento
Caça-palavras*	2		Ordenação alfabética, leitura, ortografia
Cartaz *	5	Maurício de Sousa	Ensinar a ordem alfabética, interpretação de texto, produção de cartaz, caracterização do gênero

Texto informativo*	3	Bernardo Esteves e Fernanda Marques (Revista Ciência Hoje das Crianças)	Informar sobre curiosidade apresentada em outro texto
Carta	2	Mirna Pinsky, Hiawyn Oram	Leitura
Cantiga	3	domínio público	Vocabulário, leitura, interpretação de texto
Parlenda	1	domínio público	Leitura, interpretação de texto, produção de texto
Expressões idiomáticas	1	Revista Recreio	Interpretação de texto
Trava-língua	4	domínio público	Leitura, ampliação de repertório, ortografia
Fábula	1	Esopo (traduzido por Ruth Rocha)	Ditado, escrita de palavras
Verbetes *	5	Dicionário didático básico, Saraiva Júnior	Vocabulário
Biografia	2	Folhinha, Carla Caruso	Compreensão de texto, identificação de personagens de história do autor biografado
Sumário	1	Christiane Gribel	Interpretação de gênero textual
Conto	5	Ziraldó, Jon Scieszka, Joel Rufino dos Santos, Tânia Alexandre Martinelli, Raimundo Carvalho e Ivan Luís B. Mota	Compreensão e interpretação de texto, identificação de personagem, vocabulário, criação de opinião
Ficha técnica *	2	Editora Scipione	Interpretação de texto, caracterização de gênero, produção de texto, informar
Resenha	1	Editora Scipione	Interpretação de texto, caracterização de gênero, produção de texto

Palavras-cruzadas	3		ortografia, escrita alfabética
Pintura	6	Sônia Furtado, Lucia Buccini, Ana Maria Dias, Helena Coelho, Candido Portinari, Tarsila do Amaral	Interpretação de imagem, identificação de partes da imagem, identificação de personagens de festa folclórica
Cronologia	1		Compreensão e produção de texto
Página de dicionário	1	Saraiva infantil de A a Z	Compreensão de verbetes, compreensão da estrutura de dicionário e seu uso.

Conclusão da tabela.

Autores não-referenciados: nenhum

Observações: as indicações literárias são produzidas pelo autor do livro didático ou pela Revista Recreio. Os autores referenciados na tabela acima são aqueles dos livros indicados. Aparecem outros autores estrangeiros, além dos autores clássicos de contos de fadas. Na tirinha do Seninha, aparece o site no lugar do autor. Os criadores aparecem apenas no canto direito da história, como direito autoral. Os tipos de produção com asterisco são aqueles que possuem produção do autor do livro didático, além dos autores externos referenciados.

Nome: Ápis: letramento e alfabetização

Autoras: Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi

Editora: Editora Ática

Ano: 2012

Indicação da série escolar: 3º ano do ensino primário

Livro do professor: sim

Avaliação do Governo: aprovado pelo Ministério da Educação pelo PNLD para os anos de 2013, 2014 e 2015

Referência na BLD: LD 375.102 B732a 3ºano 2012

Classificação: produções culturais de autoria literária

Descrição geral: livro organizado em unidades que exploram o gênero literário; leitura e interpretação de texto; ampliação de leitura e oralidade; produção de texto escrito; estudos gramaticais e sistemas de escrita.

FORMATO

Tamanho do livro: A4

Número de páginas: 280

Número de páginas ilustradas: 178

Estrutura: (x) textos explicativos (x) exercício (x) unidades (x) excertos (x) orientações didáticas ao docente (x) material complementar: manual do professor com orientações didáticas, fundamentos teóricos do livro, estrutura da coleção e do livro.

PRODUÇÕES CULTURAIS

Quantidade de produções culturais: 145

Quantidade de produções culturais do autor do livro didático: 50

Quantidade de produções culturais com referência externa: 95

Quantidades de produções culturais sem referência externa: 0

Tipo de produção	Quantidade	Autores referenciados	Funções didáticas das produções
Poesia	21	José Paulo Paes, Sérgio Capparelli, Nilson José Macedo, Tatiana Belinky, Eva Furnari, Dilan Camargo, Marta Lagarta, Fernando Paixão, Luís Camargo, Ruth Salles, Roseanna Murray, Ricardo da Cunha Lima, José de Nicola, Elias José, Ferreira Gullar, autoras do livro didático em versão de fábula de H. C. Andersen	Leitura, trava-língua, interpretação de texto, ensino moral, produção de texto, memorização, estudo gramatical, reescrita
Letra de música	3	Toquinho e Mutinho; Luiz Enriquez, Sérgio Bardotti e Chico Buarque; Hélio Ziskind	Leitura, introdução temática, oralidade
História em quadrinhos	15	Ziraldo, Revista Alegria Especial, Fernando Gonsales, Mauricio de Sousa, Charles	Leitura, interpretação de texto, compreensão

(inclui tirinhas)		Schulz, Bill Watterson, Luis Augusto, Anabel Lancast	de gênero literário, estudos gramaticais, oralidade
Biografia	7		Leitura
Quadrinhas	2		Explicação de atividade
Cruzadinha	2		Escrita, escrita silábica
Indicação Literária	31		Indicação
Indicação de álbum de música	1		Indicação
Indicação de filme	1		Indicação
Indicação de website	1		Indicação
Verbetes de dicionário	22	Aurélio Buarque de Hollanda; Carmen Sílvia Carvalho e Maria Tereza C. Biderman	Leitura
Caça-palavras	2		Leitura
Trecho de história	5	Mary e Eliardo França, Eunice Braido; Eva Furnari; Iramí Silva e Erdna Nabum (adaptação)	Leitura, silabação, comparação de personagens, estudo gramatical, ordem alfabética
Texto informativo	2	Steve Jenkins, Wikipedia	Leitura, estudo gramatical
Convite	1		Leitura, estudo gramatical
Cardápio	1		Leitura
Fábula	5	Esopo, La Fontaine, Hans Gärtner	Leitura, interpretação de texto, ensinamento moral, produção de texto, reescrita

Labirinto	1		Identificação de palavras
Conto	4	Hans Christian Andersen, Ana Maria Machado, Maria Luisa de Abreu Lima Paz	Leitura, interpretação de texto, reescrita, produção de texto, estudo gramatical
Descrição	1	Angeli	Produção de texto, produção de ilustração,
Legislação	1	Declaração dos Direitos da Criança (fonte: Unicef)	Leitura, ensino das leis
Relato pessoal	5	Levi Eegeesiak, Olia Maiorova, Yannis Karagiannakis, Guo Shuang (crianças); Barnabas Kindersley e Anabel Kindersley	Leitura, interpretação de texto, produção de texto, estudo gramatical, reescrita
Carta	5	Eva Furnari; Renato, Rosa Maria e Lucas (crianças que escreveram para Revista O Menino Maluquinho, Revista Ciência Hoje das Crianças e Jornal Folha de São Paulo, respectivamente)	Leitura, interpretação de texto, estudo gramatical,
Texto instrucional	4	Folha de São Paulo, TV Cultura	Leitura, interpretação de texto, produção de texto e estudo gramatical
Reportagem	1	Gabriela Romeu e Bruno Molinero;	Leitura, interpretação de texto, produção de texto e estudo gramatical
Texto teatral	1	Joel Rufino dos Santos	Leitura, interpretação de texto, produção de texto e estudo gramatical

Conclusão da tabela.

Autores não-referenciados: nenhum.

Observações: há um trecho de poesia do José Paulo Paes na apresentação do livro que fica na primeira página. Algumas das referências de ilustrações condizem a filmes, portanto possuem as produtoras como autoras. É o caso de Walt Disney, Play Arte, Warner Bros, Dreamworks. As ilustrações utilizadas para iniciar unidades não possuem referência autoral. Referências selecionadas nas indicações: Ziraldo, Ana Maria Machado, Glaucia Lewick, Selma Maria Kuasne, José Santos, Sérgio Capparelli, Ronaldo Simões Coelho, Cecília Meireles, Dilea Frate, Monteiro Lobato, Jon Scieszka e Lane Smith, Eva Furnari, Laís Carr Ribeiro, Cory Edwards, Clarice Lispector, Lilian Sypriano, Paulo Netho, Drauzio Varella, Ricardo Azevedo, João Guimarães Rosa, <www.monica.com.br/cards>, Aline Angeli, Katherine Ibbs, <www.bioqmed.ufrj.br/ciencia/Experiencias>, Cineas Santos e Antônio Amaral, Sylvia Orthof, Jose Paulo Paes, Leo Cunha, Daniel Munduruku, Hildegard Feist, Victor Louis Stutz, Maria Clara Machado e Raquel Coelho. Autores selecionados nas biografias: Ziraldo; Nilson José Macedo; Tatiana Belinky; Esopo; Ana Maria Machado; Barnabas Kindersley e Anabel Kindersley; Eva Furnari; Marta Lagarta e Joel Rufino dos Santos. Há produções feitas por crianças, como os relatos pessoais ou cartas. Poesia, história em quadrinhos, indicações literárias, fotografias e ilustrações aparecem por todo o livro, com certa frequência.

APÊNDICE D – TABELA DAS PRODUÇÕES CULTURAIS DE ÁPIS: LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

Produções culturais	Proposta didática	Páginas	Orientações didáticas	Obras e autores
Contos de fadas	Análise de ilustrações	10,11		Chapeuzinho Vermelho, Três Porquinhos, Pinóquio, Gato de Botas, Alice no País das Maravilhas, A Bela e a Fera,
	Apresentação do gênero	90,91		Perrault, Andersen, irmãos Grimm
	Leitura	92,93	Sugere expressão na leitura	Adaptação das autoras de Andersen
	Interpretação de texto	94,95		
	Reescrita	97, 108,109,110	Reescrita a partir de ilustrações	Cinderela
	Pontuação	97,99		
	Gramática	98,99		
Literatura brasileira	Análise de ilustrações	12,13,74		Monteiro Lobato, Ziraldo, Angela Lago/Ferreira Gullar, Rogério Andrade Barbosa
				Ziraldo, Ana Maria Machado, Glaucia Lewick, Selma Maria Kuasne, José Santos, Sérgio Capparelli, Ronaldo Simões Coelho; Cecília Meireles, Dileia Frate, Monteiro Lobato, Eva Furnari, Laís Carr Ribeiro (reconto O patinho feio), Clarice Lispector, Lilian Sypriano, Paulo Natho, Dráuzio Varella, Ricardo Azevedo, João Guimarães Rosa, Aline Angeli, Cineas Santos e Antônio Amaral, Sylvia Orthof, José Paulo Paes, Leo Cunha, Daniel Munduruku, Hildegard Feist, Victor Louis Stutz, Maria Clara Machado, Raquel Coelho
	Indicação literária	31,49,73,89,111,133,151, 169, 183, 201, 223, 235	Relação com o gênero textual trabalhado na unidade	
	Leitura	154,155	Gênero: carta	Sobre a autora Eva Furnari
	Interpretação de texto	156,157,158,159,160,161		

continua

	Estudos gramaticais	166,167		
Filmes animados	Identificação de personagens	15		
	referência com ilustração própria	32		
	Ilustração	33		Homem-Aranha, Hulk, Mulher Maravilha
Desenhos animados	Identificação de personagens	15		Popeye, Super-Homem
História em quadrinhos	Leitura	16,17,64,72, 110, 130,131,132,170		Menino Maluquinho. Referência a Ziraldo, Fernando Gonsales ("Hora da diversão"), Turma da Mônica
	Interpretação	18,19,20		Ziraldo
	Estudos gramaticais	21,22,23,25,42,65, 103,144,145, 163, 164,165, 176,177,189, 214, 215		Revista Alegria Especial, Lêda Aristides, Turma da Mônica, Níquel Náusea (Fernando Gonsales), Peanuts (Charles Schultz), Calvin e Haroldo (Bill Watterson), Fala Menino (Luiz Augusto), Anabel Lancast
	Produção	29		
	Identificação de personagens	102		
Poesia	Alfabetização	26, 197		Sérgio Capparelli
	Leitura	34,35,37,38, 181/182.184, 186,258, 266,267,268,269,270,271,273,275	Sugestão de leitura individual; desenvolvimento de argumentação e sentimentos	Marta Lagarta (Sobre a autora), Dilan Camargo, Tatiana Belinky, Elias José, Ferreira Gullar, Irami Silva e Erdna Perugine Nahum
	Gramática	39,41,52,53,56,57, 188, 198,199, 218, 236		Curiosidades sobre os autores:Nilson José Machado, Tatiana Belinky, José de Nicola
	Produção de texto	60,72, 196	Proposta de autoria como continuação da história da poesia em questão; reescrita	

	Interpretação de texto	187,188,192,193,194,195	Análise de gênero	Fernando Paixão, José Paulo Paes, Luís Camargo, Ruth Salles, Roseana Murray, Ricardo da Cunha Lima
Letra de música	Repertório	33, 50	Sugere ouvir a música, que completa a letra	Toquinho e Mutinho; Luiz Enriquez, Sérgio Bardotti e Chico Buarque
	Gramática	145	Diferenciar linguagem coloquial e formal (a gente / nós)	Helio Ziskind
Dicionário	Significar as palavras	40,41, 245		Aurélio Buarque de Holanda
	Ordem alfabética	238, 245, 246,247		Aparece como ilustração "Meu primeiro livro de palavras" - Carmen Sílvia Carvalho e Maria Tereza C. Biedman
Caça-palavras	Alfabetização	43,51		
Histórias	Silabação	47		Mary e Eliardo França
	Estrutura de texto	58	Comparação com poesia	Mary e Eliardo França
	Letra maiúscula	67		
Você Sabia	Repertório	48		"Hora da diversão" retirado do livro de Steve Jenkins
CD	Indicação	73		Os Saltimbancos (Luiz Enriquez, Sérgio Bardotti e Chico Buarque)
Fábulas	Leitura	75,76,82,259, 272, 274	Explica o gênero ao professor no início da sessão	Esopo, La Fontaine, versões
	Interpretação	77,78,79	Proposta de conversa a partir da moral da história	
	Pontuação	79, 80		
	Produção	81	Indica a moral a ser utilizada	
	Reescrita	83,88		
	Gramática	83,84,85,86,87		

Literatura estrangeira	Leitura	136		Sobre os autores: Barnabas Kindersley e Anabel Kindersley, livro de coleção. Gênero: relatos pessoais
	Interpretação	137,138,139		
	Produção	140,141		
	Estudos gramaticais	141,142,143,144		
	Indicação literária	89, 183		"Sapos não andam de skate", de Jon Scieszka e Lane Smith; livro de receitas (Katherine Ibbs)
DVD	Indicação	111		Deu a louca na Chapeuzinho (Cory Edwards, Europa Filmes)
Contos	Leitura	114,115,116,117,260,261,262,276,277,278	Sugere leitura expressiva do professor	Ana Maria Machado / seção "sobre a autora", Maria Luisa de Abreu Lima Paz
	Interpretação	117,118		
	Leitura em voz alta	119		
	Produção	120,121,122	Proposta de produção de falas de personagens	
	Estudos gramaticais	123,124,125,126		
Texto informativo	Interpretação	120		Direitos das crianças: relação com o conto apresentado
	Estudos gramaticais	127,128		
Revista	Hora da diversão	88,150, 222		Imagens com legendas. Revista Recreio
	Leitura de tirinha	189		Revista Recreio

Sites	Indicação	169,183	Cartões para enviar no contexto de estudo do gênero cartas; experiências para realizar	www.monica.com.br ; www.bioqmed.ufrj.br/ciencia/Experiencias
	Leitura	182		
Jornal	Leitura	172, 204,205, 208,209	Texto instrucional, reportagem, mapa	Folha de SP - Folhinha
	Interpretação de texto	173,174, 206,207	Problematizar reportagem	
	Estudos gramaticais	175,176, 213		
	Análise de imagem	202,203	Propõe analisar o layout também	
	Produção de texto	211,212		
Ditados	Estudos gramaticais	191		
Teatro	Leitura	226,227,228,229,230,233,234		Joel Rufino dos Santos (sobre o autor)
	Interpretação de texto	231, 232		

Conclusão da tabela.

APÊNDICE E – FICHAS TÉCNICAS DOS LIVROS DIDÁTICOS DO CAPÍTULO 3.3

Nome: Novo Manual de Lingua Portugueza

Autor: sem autor

Editora: Livraria Francisco Alves

Ano: 1912

Indicação da série escolar: curso preparatório

Livro do professor: sim

Avaliação do Governo: não contém

Referência na BLD: LDOL S 375.102 P832n 1912

Classificação: produções culturais de autoria mesclada

Descrição geral: livro organizado em lições que tratam

das seguintes matérias: gramática e composição; exercícios de inteligência; leitura e recitação; exercícios de composição; exercícios de recapitulação e elocução.

FORMATO

Tamanho do livro: A5

Número de páginas: 272

Número de páginas ilustradas: 0

Estrutura: (x) textos explicativos (x) exercício () unidades (x) excertos
(x) orientações didáticas ao docente () material complementar

PRODUÇÕES CULTURAIS

Quantidade de produções culturais: 284

Quantidade de produções culturais do autor do livro didático: 269

Quantidade de produções culturais com referência externa: 9

Quantidades de produções culturais sem referência externa: 6

Tipo de produção	Quantidade	Autores referenciados	Funções didáticas das produções
Narrativa	52		Leitura; silabação, reconhecimento de nomes próprios; estudo gramatical; compreensão de texto; ensino moral e religioso

Sequência de frases	164		Reconhecimento de nomes próprios; estudo gramatical; letra maiúscula; ensino religioso
Descrição	25		Reconhecimento de substantivos e nomes próprios; estudo gramatical; produção de texto
Texto informativo	8		Reconhecimento de nomes próprios;
Poesia	23	F. Varella, Alberto Bramão, Amaya Celeste, Luiz Ratisbonne, Dias Freitas, Gomes Leal, Olavo Bilac, João Köpke	Leitura; recitação; ensino religioso; compreensão de texto; estudo gramatical
Biografia	1		Compreensão de texto; ensino da história da América
Carta	11		Produção de texto; exemplos para o professor

Conclusão da tabela.

Autores não-referenciados: João de Deus, Luiz Guimarães, Gonçalves Dias, tradução de Antonio Feliciano de Castilho, adaptação de Gonçalves Dias, Pedro Diniz

Observações: alguns dos textos, sobretudo as sequências de frases são os gabaritos do professor. No entanto, no livro do aluno há exemplos para serem seguidos. Além disso, muitos exemplos são orientados para que os alunos os copiem.

Nome: O pequeno escolar

Autor: Sem autoria. "Serie Moura Santos".

Comentado pelo Prof. Maximo de Moura Santos

Editora: Companhia Editora Nacional - SP

Ano: 1936

Indicação da série escolar: últimos anos dos grupos escolares

Livro do professor: sim

Avaliação do Governo: aprovado pela diretoria de ensino do Estado de São Paulo

Referência na BLD: LD S375.101 S237p v.4 8.ed. 1936

Classificação: produções culturais de autoria mesclada

Descrição geral: sequência de textos de diversos gêneros em sua maioria do autor do livro. Ao fim dos textos, há vocabulário, explicação de regras gramaticais, exercícios, sugestões de hábitos de vida e curiosidades.

FORMATO

Tamanho do livro: A5

Número de páginas: 204

Número de páginas ilustradas: 53

Estrutura: (x) textos explicativos (x) exercício () unidades () excertos
(x) orientações didáticas ao docente () material complementar

PRODUÇÕES CULTURAIS

Quantidade de produções culturais: 55

Quantidade de produções culturais do autor do livro didático: 40

Quantidade de produções culturais com referência externa: 15

Quantidades de produções culturais sem referência externa: 0

Tipo de produção	Quantidade	Autores referenciados	Funções didáticas das produções
Textos de caráter moral e instrutivo	12		Leitura e estudo gramatical
Narrativas	17		
Poesia	16	Humberto de Campos, Cyro Costa, Ildefonso Falcão, Antonio Salles, Olegário Marianno, Da Costa e Silva, Francisca Julia, Ricardo Gonçalves, Ademar Tavares, Vicente de Carvalho, Aristeu Seixas, Gustavo Kuhlmann, Olavo Bilac, Julio Porto-Carrero	
Biografia	6		

Texto informativo	5		
Fábula	2	Leão Tolstoi	
Adivinha	1		

Conclusão da tabela.

Autores não-referenciados: nenhum

Observações: Com exceção de uma fábula, os textos referenciados são poesias.

Nome: Terra brasileira

Autor: Theobaldo Miranda Santos

Editora: AGIR

Ano: 1965

Indicação da série escolar: 2ª série do ensino primário

Livro do professor: não

Avaliação do Governo: não consta

Referência na BLD: LD 375.102 S237t 2a série 1965

Classificação: produções culturais de autoria mesclada

Descrição geral: livro composto de textos seguidos de vocabulário e exercícios. No índice, as produções são organizadas por temas: Vida e Educação, Pátria e Democracia, Histórias e Surpresas.

FORMATO

Tamanho do livro: A5

Número de páginas: 122

Número de páginas ilustradas: 44

Estrutura: (x) textos explicativos (x) exercício () unidades (x) excertos
() orientações didáticas ao docente () material complementar

PRODUÇÕES CULTURAIS

Quantidade de produções culturais: 60

Quantidade de produções culturais do autor do livro didático: 44

Quantidade de produções culturais com referência externa: 15

Quantidades de produções culturais sem referência externa: 1

Tipo de produção	Quantidade	Autores referenciados	Funções didáticas das produções
Conto	25		Ampliação do vocabulário, interpretação, compreensão, cópia, estudo gramatical
Textos educativos	13		Interpretação
Poesia	16	D. Aquino Correia, Nelson Costa, Olavo Bilac, Correia Júnior, Pedro Diniz, Isabel V. de Serpa e Paiva, Maria dos Reis Campos e Alcina M. de Sousa, Francisca Júlia, Afonso Celso, Ofélia e Narbal Fontes, Renato S. Fleury, Brant Horta	Ampliação do vocabulário, interpretação, estudo gramatical
Conto de fadas	6		

Conclusão da tabela.

Autores não-referenciados: em uma poesia há referência de “Programa do Ensino Primário do Estado de São Paulo”.

Observações: Os “textos educativos” são pequenos textos informativos ou narrativos que transmitem valores morais, ensinando como se comportar na sociedade ou valores da nação. Os contos são criados para oferecer um contexto para ensinar esses mesmos valores. Com relação às poesias, nem sempre ela é o texto a ser explorado. Em algumas propostas, ela aparece ao final de uma atividade para ampliar algum conhecimento. Por vezes é de caráter religioso.

Nome: Alvorada

Autor: Antônio D'Ávila

Editora: Companhia Editora Nacional

Ano: 1967

Indicação da série escolar: 3ª série do ensino primário

Livro do professor: não

Avaliação do Governo: não consta

Referência na BLD: LD 375.102 D999a 3a série 23.ed.
1967

Classificação: produções culturais de autoria mesclada

Descrição geral: livro organizado por textos seguidos de vocabulário e exercícios.

FORMATO

Tamanho do livro: A5

Número de páginas: 160

Número de páginas ilustradas: 44

Estrutura: (x) textos explicativos (x) exercício () unidades () excertos
() orientações didáticas ao docente (x) material complementar: Guia de Redação e Guia de Gramática

PRODUÇÕES CULTURAIS

Quantidade de produções culturais: 48

Quantidade de produções culturais do autor do livro didático: 41

Quantidade de produções culturais com referência externa: 7

Quantidades de produções culturais sem referência externa: 0

Tipo de produção	Quantidade	Autores referenciados	Funções didáticas das produções
Texto informativo	6		Compreensão, estudo gramatical, ampliação do vocabulário, conhecer provérbios
Biografia	8		Compreensão, estudo gramatical, ampliação do vocabulário, conhecer

			provérbios, cópia, leitura em voz alta
Poesia	8	Raimundo Corrêa, Olavo Bilac, Brant Horta, Afonso Celso, Isabel V. Serpa e Paiva	Ampliação do vocabulário, identificação de substantivo, decorar
Conto	18		Ampliação do vocabulário, estudo gramatical, leitura de travalíngua, compreensão
Texto instrucional	1		Ensinar a fazer brinquedo, ampliação do vocabulário, estudo gramatical
Ditos populares	1		Ampliação do vocabulário, estudo gramatical
Diálogo teatral	1		Criação de rimas, cópia
Lenda	3	Adaptação de lenda japonesa	Ampliação do vocabulário, estudo gramatical, compreensão, adivinhas
Fábula	1		Ampliação do vocabulário, produção de trechos, estudo gramatical

Conclusão da tabela.

Autores não-referenciados: nenhum.

Observações: os contos têm caráter informativo ou de valores morais, com intenção educativa de como se comportar na escola ou na sociedade, tanto com relação ao comportamento e postura, quanto à higiene e saúde. Além disso, alguns tratam da história do Brasil, ou curiosidades científicas.

Nome: Exercícios de Leitura Silenciosa e Linguagem

Autora: Olivia Pinto de Castro Leite

Editora: Editora do Brasil em Minas Gerais S.A.

Ano: 1968

Indicação da série escolar: 4ª série do ensino primário

Livro do professor: não

Avaliação do Governo: não consta

Referência na BLD: LD 375.102 L533e V.4 85.ed. 1968

Classificação: produções culturais de autoria mesclada

Descrição geral: livro com sequência de textos e exercícios gramaticais.

FORMATO

Tamanho do livro: A5

Número de páginas: 191

Número de páginas ilustradas: 0 (exceto a capa)

Estrutura: (x) textos explicativos (x) exercício () unidades (x) excertos
() orientações didáticas ao docente () material complementar

PRODUÇÕES CULTURAIS

Quantidade de produções culturais: 28

Quantidade de produções culturais do autor do livro didático: 19

Quantidade de produções culturais com referência externa: 1

Quantidades de produções culturais sem referência externa: 9

Tipo de produção	Quantidade	Autores referenciados	Funções didáticas das produções
Fábula	3		Ensinar gramática, por meio de análise de trechos
Conto	13		Informar sobre personagens da história do Brasil; ensinar gramática, por meio de análise de trechos
Descrição de personagem	1		Ensinar gramática, por meio de análise de trechos
Poesia	7	Vinicius Meier	Pergunta-se seus nomes e autores
Lenda	1		Ensinar gramática, por meio de análise de trechos
Quadrinhas populares	3		Ensinar gramática, por meio de análise de trechos

Conclusão da tabela.

Autores não-referenciados: Monteiro Lobato, Fagundes Varela, Julio Diniz, Tomás Antônio Gonzaga, Gonçalves Dias, Humberto de Campos, Ricardo Gonçalves.

Observações: há mais textos produzidos pela autora, além de muitos excertos.

Nome: Leituras maravilhosas

Autor: Theobaldo Miranda Santos

Editora: Livraria Agir Editora

Ano: 1968

Indicação da série escolar: 3ª série do ensino primário

Livro do professor: não

Avaliação do Governo: não consta

Referência na BLD: LDOL 375.102 S237L v.3 10.ed. 1968

Classificação: produções culturais de autoria mesclada

Descrição geral: sequência de textos de diversos gêneros, em sua maioria do autor do livro. Ao fim dos textos, há vocabulário, questões de interpretação, explicação sobre gramática, exercícios e propostas de redação.

FORMATO

Tamanho do livro: A5

Número de páginas: 210

Número de páginas ilustradas: 99

Estrutura: (x) textos explicativos (x) exercício (x) unidades (x) excertos
() orientações didáticas ao docente () material complementar

PRODUÇÕES CULTURAIS

Quantidade de produções culturais: 77

Quantidade de produções culturais do autor do livro didático: 73

Quantidade de produções culturais com referência externa: 3

Quantidades de produções culturais sem referência externa: 1

Tipo de produção	Quantidade	Autores referenciados	Funções didáticas das produções
Contos populares do Brasil	7		Estudo gramatical, vocabulário, produção de texto, interpretação.
Lendas e mitos do Brasil	16		

Biografias	13		
Informativo	37		
Poesia	4	Augusto Linhares, Brant Horta, Antônio de Pádua Morse	

Conclusão da tabela.

Autores não-referenciados: João de Deus.

Observações: faz-se o mesmo uso das produções independentemente dos gêneros textuais.

Nome: Comunicação e expressão

Autora: Maria Luiza C. Aroeira

Editora: FTD

Ano: 1978

Indicação da série escolar: 1ª série do ensino primário

Livro do professor: sim

Avaliação do Governo: não consta

Referência na BLD: LD 375.102 A769c 1a série 1978

Classificação: produções culturais de autoria mesclada

Descrição geral: livro organizado por textos seguidos de exercícios e uma seção “Divertimentos”.

FORMATO

Tamanho do livro: A4

Número de páginas: 77

Número de páginas ilustradas: 68

Estrutura: (x) textos explicativos (x) exercício () unidades (x) excertos
(x) orientações didáticas ao docente (x) material complementar: Anotações para o professor

PRODUÇÕES CULTURAIS

Quantidade de produções culturais: 34

Quantidade de produções culturais do autor do livro didático: 14

Quantidade de produções culturais com referência externa: 20

Quantidades de produções culturais sem referência externa: 0

Tipo de produção	Quantidade	Autores referenciados	Funções didáticas das produções
Poesia	20	Cecília Meireles, Vicente Guimarães, Helena Pinto Vieira , Martins D'Alvarez	Compreensão, interpretação, pintura, cópia, escrita alfabética, ortografia
História em quadrinhos	6		Produção de narrativa
Parlenda	1		Compreensão, interpretação, pintura, cópia, escrita alfabética
Conto	7		Compreensão, interpretação, estudo gramatical, produção de narrativa, desenho, ampliação de vocabulário

Conclusão da tabela.

Autores não-referenciados: nenhum.

Observações: ao final de cada sequência de exercícios proposta a partir de um texto, há uma seção para desenhar, pintar, criar legendas, com o intuito de divertir.

APÊNDICE F – TABELA DAS PRODUÇÕES CULTURAIS DE *NOVO MANUAL DE LINGUA PORTUGUEZA: GRAMMATICA, LEXICOLOGIA, ANALYSE, COMPOSIÇÃO*

Propostas Gerais

Estrutura do livro			Produções culturais					
Exercícios	Orientações didáticas	Páginas	Título do texto	Gênero	Assunto	Área do conhecimento	Contexto	Autores
Gramática	Perguntas e respostas	4,5	Liberdade	Historieta	Sobre ex-preso que solta pássaros	Virtudes	Numeração de sílabas	
Sílaba tônica	Gabarito	5,6	Júlia Medrosa	Descritivo	Sobre ser ridículo ser medroso	Virtudes	Sílaba tônica	
Análise	Gabarito	38,49,52,55, 57, 64,65, 71,77, 79,88, 90, 92, 94, 97, 100,101, 102, 103,104,105,1 15,116,117,11 8,120,121,122 ,123,124,125, 126		Sequência de frases	Papeis familiares; características de criança modelo e de animais, nomes próprios, adjetivos "adequados", exemplos de nomes próprios bíblicos, caracterização de benfeitores; adjetivação de animais, primeira comunhão, flores	Moral, Natureza	"O bom pai, a piedosa mãe, o menino obediente", análise gramatical de palavras, adjetivação. Estes homens pretos	
Gramática e Elocução	Gabarito	8	O bom menino	Descritivo	Sobre obedecer	Moral	Reconhecimento de nomes comuns	
Exercícios de inteligência	Gabarito. Proposta oral	57, 96, 107		Perguntas e respostas	Características físicas de objetos, Quantidades, Sistemas de Defesa	Religião, Matemática, conhecimento mundano, Geografia	Testar conhecimento	
Recapitulação		108,176,228, 247			Exercícios 101, 176, 270,459,546,585			

Conclusão da tabela.

continua

Exercícios de inteligência

Estrutura		Produções culturais					
Orientações didáticas	Páginas	Título	Gênero	Assunto	Área do conhecimento	Contexto	Autores
Gabarito e proposta oral	57		Perguntas e respostas	Características físicas de objetos	Conhecimento mundano	Testar conhecimentos	
Gabarito e proposta oral	96		Perguntas e respostas	Quantidades	Matemática	Testar conhecimentos	
Gabarito e proposta oral	107		Perguntas e respostas	Sistemas de defesa	Natureza e militarismo	Testar conhecimentos	
Gabarito e proposta oral	131		Perguntas e respostas	Movimentos dos animais	Natureza	Testar conhecimentos	
Gabarito e proposta oral	134		Perguntas e respostas	Finalidades de atividades	Conhecimento mundano	Testar conhecimentos	
Gabarito e proposta oral	167		Perguntas e respostas	Que som faz cada animal	Natureza	Testar conhecimentos	
Gabarito e proposta oral	217		Perguntas e respostas	Opostos	Conhecimento mundano	Testar conhecimentos	

Conclusão da tabela.

Exercícios de análise

Exercícios	Orientações didáticas	Páginas	Título	Gênero	Assunto	Área do conhecimento	Contexto	Autores
Análise	Gabarito	38,49,52,55, 57, 64,65, 71,77, 79,88, 90, 92, 94, 97, 100,101, 102, 103,104,105,115,116, 117,118,120,121,122, 123,124,125,126,135, 139,140,148,149, 154, 159, 161, 164, 168,169,		Sequência de frases	Papeis familiares; características de criança modelo e de animais, nomes próprios, adjetivos "adequados", exemplos de nomes próprios bíblicos, caracterização de benfeitores; adjetivação de animais,	Moral, Natureza, Geografia	"O bom pai, a piedosa mãe, o menino obediente", análise gramatical de palavras, adjetivação. Estes	

continua

		170,17,176,184,186,187,195,196,200,215,218,240,22,246,251,255,260,265			primeira comunhão, flores, caracterização humana de animais, higiene, frases baseadas em histórias de personagens bíblicos, moralidade, trabalho		homens pretos	
Exercícios de aplicação	Gabarito	222		Palavras	Religião e natureza	Religião e Natureza	Classificar palavras de acordo com a gramática	
	Gabarito	235		Sequência de frases	Vários	Cotidiano, Geografia, Religião, Moral		

Conclusão da tabela.

Gramática

Estrutura				Produções culturais			
Orientações didáticas	Páginas	Título	Gênero	Assunto	Área do conhecimento	Contexto	Autores
Gabarito	4,5,6,7,8,9,11,12,17,18,19,22,26,28,30,32,33,36,37,43,45,50,56,58,59,60,61,62,63,64,72,82,83,86,88,89,95,97,98,101,105,109,112,113,115,116,117,119,120,121,122,124,1		Sequência de frases	Lista de nomes e objetos. Nomes próprios da Bíblia ou cidades do Brasil (sudeste) ou Paris; Sequência de frases com nomes próprios. Referências a Adão e Eva, RJ e Paris; texto sobre objetos que se podem encontrar numa aula; sobre Deus criador da natureza; texto informativo histórico sobre descobrimento do Brasil e nomes de outras nacionalidades. Texto listado apenas; características de personagens bíblicos; cotidiano escolar, natureza, viagem, alimentação; militar, religioso, natureza; moralidade punitiva; os	Religião Geografia, Cotidiano, Moralidade, História, Militar, Patriota	Reconhecimento de nomes próprios, comuns, artigos, letra maiúscula, plurais, escrita, identificação de artigos, plurais; substituição de palavras adequadas, pontuação	

continua

	25,126,128, 130,134,135 ,137,141,14 2,154,156, 160, 168,169, 174,177,194 ,197,200,20 7,208,209,2 16,218,219, 235,26,238, 239, 241,242,244 ,245, 248,249,252 ,253,254			exemplos se remontam a militarismo, moralidade, cotidiano, coisas do dia, coisas da casa, profissões, patriotismo, cotidiano escolar, funções do aluno, animais, natureza; bons costumes; deus criador; Geografia, natureza, bons modos, cotidiano escolar; objetos do cotidiano, religião, natureza, moralidade, cotidiano escolar, geografia; cor dos homens, comportamento das crianças, comportamento e práticas esperadas de meninos e meninas			
Gabarito	9	O menino polido	Historieta	sobre ser polido com mais velhos	Moral	reconhecimento de nomes comuns	
Gabarito	11	O Brasil	Informativo	características geográficas: habitantes, rios, continente, oceano, picos, principais cidades	Geografia	reconhecimento de nomes comuns e próprios	
Gabarito	17	A felicidade de Adão	Sequência de frases	frases religiosas: objetos de posse de personagens bíblicos	Religião	Caracterizar substantivos	
Gabarito	72	Meu coelhinho branco	Descritivo	descrição do coelho	Natureza	Análise de adjetivos	
Gabarito	108	A oração da manhã	Historieta	Reverência a Deus pela manhã, pelo dia, pela natureza, pela criação	Religião	Identificação de pronomes	
Gabarito	110	Deveres dos meninos para com os pais	Moral	respeitar os pais que trabalham o dia todo fora	Moral	Identificação de pronomes	
Gabarito	111	A roseira	Descritivo e poético	descrição da roseira, do nascer das flores, etc.	Natureza	Completar texto com palavras adequadas	

Gabarito	138		Historieta	história sobre a infância de Jorge Washington "libertador da américa"	História	Completar texto com palavras adequadas	
Gabarito	152		Historieta	Meninos que praticam a virtude	Moral	Conjugação	
Gabarito	178	A criação	Historieta	Deus criador	Religião	Conjugação	
Gabarito	179	De manhã	Historieta	eventos matutinos. Fala sobre o preguiçoso ser indolente	Moral, Cotidiano, Religião	Conjugação	
Gabarito	180	A cantiga das andorinhas	Historieta	O que faz a andorinha	Natureza Religião	Completar texto com palavras adequadas	
Gabarito	186	A criação	Historieta	Descrição da criação do mundo	Religião	Conjugação	
Gabarito	210	O ninho de pintassilgos	Historieta	Cuidados de meninos com os pássaros	Natureza e moralidade	Conjugação	
Gabarito	214	As nascentes	Informativo	Explica o que é uma nascente de rio	Natureza	Completar texto com palavras adequadas	
Gabarito	217	O bom samaritano	Historieta	Alguém passando e o bom samaritano Ajudou	Religião	Preposições	
Gabarito	228	O bom aluno	Historieta	Características de um bom aluno	Moral	Conjugação	
Gabarito	228	Os meninos e as rosas	Historieta	"Bronca" para meninos terem cuidado com a natureza, criação divina	Moral, Religião	Plurais	
Gabarito	229	Conselhos ao menino	Historieta	Obedecer aos adultos, ser bom aluno, etc.	Moral	Singular	
Gabarito	230	Os meninos piedosos	Historieta	Como deve se portar um menino frente à religião	Religião, moral	Plurais	
Gabarito	231	Deveres para com os criados	Historieta	Como tratar um criado. São "amigos infelizes", mas não se deve repreendê-los, nem os maltratar	Moral	Plural, conjugação	
Gabarito	232	Os meninos criados com mimos	Historieta	Características dos meninos que não são machinhos robustos. Descrição como inúteis, coitados e perdidos na vida	Moral	Plural e concordância	
Gabarito	232	A ratoeira	Fábula	A curiosidade pode fazer sofrer	Moral	Completar palavras	

Conclusão da tabela.

continua

Elocução

Estrutura				Produções culturais			
Orientações didáticas	Páginas	Título	Gênero	Assunto	Área do conhecimento	Contexto	Autores
Perguntas e respostas verbais	7,8,10,11,12,15,18,20,23,33,34,35,36,37,38,42,44,46,61,63,64,76,90,93, 102, 103, 105,117,118,123,124,125,135,138, 161,169,171,173,182,84,185,195,196,200		Verbal	Retomada sobre a língua portuguesa; vários: cotidiano, objetos, natureza, instrumentos musicais, alimentação, militarismo; vários sobre quem produz o quê; funções de pessoas: de pai, mãe, profissões	LP, Natureza, Alimentação, cotidiano, Geografia	Estudo da língua, criação de frases	
Perguntas e respostas	8	O bom menino	Descritivo	Sobre obedecer	Moral	Reflexão sobre características de ser bom menino: obedecer, estudar, limpeza com mãos e rosto, roupa, polidez	
Perguntas e respostas	10	O menino polido	Historieta	Sobre ser polido com mais velhos	Moral	Entendimento do texto moral	
Perguntas e respostas	11	O Brasil	Informativo	Características geográficas: habitantes, rios, continente, oceano, picos, principais cidades	Geografia	Entendimento de texto informativo	
Perguntas e respostas	12	É Deus que fez todas as coisas	Poesia	Deus criador	Religião	Entendimento do texto religioso	
Perguntas e respostas. Cópia do texto com grifo nos gêneros	15	Oração de um menino	Poesia	pedidos a deus. Reiteração de que deus dá o que se pede: matérias e pessoas. Menino com virtude, Bom coração	Religião	Entendimento do texto religioso	

continua

Gabarito	23	As laranjas	Historieta com moral	Roubo de laranjas do vizinho	Moral	Classificação de substantivos	
Exercício de invenção / gabarito	237	O tatu	Perguntas e respostas	características do tatu	Natureza	Testar conhecimentos	
Exercício de invenção / gabarito	238		Perguntas e respostas	Animais	Natureza	Testar conhecimentos	
Perguntas e respostas	250	O relógio	perguntas e respostas	funcionamento do relógio	Conhecimentos mundanos, matemática	Testar conhecimentos	

Conclusão da tabela.

Leitura e recitação

Estrutura		Produções culturais					
Orientações didáticas	Páginas	Título	Gênero	Assunto	Área do conhecimento	Contexto	Autores
Gabarito	12	É Deus que fez todas as cousas	Poesia	Deus criador	Religião	Reconhecimento de nomes comuns	
Leitura e entendimento na Elocução	14	Oração de um menino	Poesia	Pedidos a Deus	Religião	Leitura	
Leitura e entendimento na Elocução	23,24	O anjo e a criança	Poesia	Anjo que protege crianças	Religião	Entendimento do texto religioso e classificação de substantivos	F. Varela
Leitura e entendimento na Elocução	26	A bandeira	Poesia em prosa	Desfile da bandeira	Patriotismo	Entendimento do texto patriota	
Leitura	33	Mysterio eterno	Poesia	Deus criador da natureza	Religião	Leitura	Alberto Bramão

continua

Leitura e entendimento na Elocução	37 e 38	Jesus é Deus	Poesia	deve-se amar Jesus.	Religião	Entendimento do texto religioso	não cita, mas é de João de Deus (1830-1896)
Leitura e entendimento na Elocução	40	Minha mãe	Poesia	Carinho pela mãe	Sentimento	Leitura e interpretação	Amaya Celeste
Leitura e entendimento na Elocução	50,51	Uma família modelo	Descritivo	Família perfeita: José, Maria e Jesus	Religião	Entendimento do texto religioso	
Leitura e entendimento na Elocução	53	O gato	Descritivo	Animais	Natureza	Caracterizar adjetivos	
Leitura e entendimento na Elocução	56,57	Jesus e os meninos	Poesia	Jesus salvador	Religião	Identificação de adjetivos	
Leitura e entendimento na Elocução	65	Ditosa criança	Poesia	Criança que segue passos de Jesus é educada	Religião	Análise de texto e palavras	
gabarito	69	O esquilo	Descritivo	Descrição do esquilo	Natureza	Análise, gramática	
Leitura e entendimento na Elocução	79	O meu e o teu	Poesia	Relacionamento entre irmãs	Moral	Interpretação de texto moralista	Luiz Ratisbonne
Leitura e entendimento na Elocução	83,84	O gallo	Descritivo	Descrição do galo	Natureza	Interpretação	
Leitura e entendimento na Elocução	87	O formigueiro	Descritivo	Descreve poeticamente um formigueiro, qualificando ações de formigas	Natureza	Interpretação	
Leitura e entendimento na Elocução	91	Hymno	Poesia	Deus criador	Religião	Leitura e análise de palavras	Dias Freitas
Leitura e entendimento na Elocução	95	A um rico que passa	Poesia	Pai que perdeu a filha, pede que deus olhe por ela	Religião	Interpretação	Não cita, mas é de Luiz Guimarães

Leitura e entendimento na Elocução	98	O menino e o gato	Poesia	Historieta com gato que passava na rua	Natureza	Leitura e entendimento na Elocução	
Leitura e entendimento na Elocução	113	O Protector	Poesia	Roseira que descarta proteção do galho	Natureza Moral	Leitura e entendimento na Elocução	
Leitura e entendimento na Elocução	106	Deus	Poesia	Deus criador da natureza	Religião	Leitura e entendimento na Elocução	
Leitura e entendimento na Elocução	118	O cão	Descritivo e poético	Cão, melhor amigo do homem	Natureza e moralidade	Leitura e entendimento na Elocução	
Leitura e entendimento na Elocução	127	Minha terra	Poesia	Descrição da natureza brasileira, exaltação nacional	Patriotismo	Leitura e entendimento na Elocução	Não está eescrito, mas é o início da Canção do Exílio, de Gonçalves Dias 1847
Leitura e entendimento na Elocução	130	Quando eu era pequenino	Poesia	Vivência infantil e reverência a deus	Religião e lembranças	Leitura e entendimento na Elocução	Possível adaptação da poesia traduzida por Antonio Feliciano de Castilho
Leitura e entendimento na Elocução	133	Grandeza e bondade de Deus	Poesia	Reverência a Deus	Religião	Leitura, entendimento e análise gramatical	Provável adaptação de Gonçalves Dias 1846
Leitura e entendimento na Elocução	136		Historieta	Menino que vê ninho de pássaros, pensa em pegar um, mas não pega pois sabe que precisam da mãe	Natureza Moralidade Religião	Leitura, entendimento e análise gramatical	
Leitura e entendimento na Elocução	142	As vozes dos animaes	Poesia	O que cada animal faz	Natureza	Leitura, entendimento e análise gramatical	Não está escrito, mas é trecho de poesia de Pedro Diniz (1839-1896)
Leitura e entendimento na Elocução	145	As vozes dos animaes	Poesia	O que cada animal faz	Natureza	Leitura, entendimento e análise gramatical	Não está escrito, mas é trecho de poesia de Pedro Diniz (1839-1896)

Leitura e entendimento na Elocução	146	As vozes dos animais	Poesia	O que cada animal faz	Natureza	Leitura, entendimento e análise gramatical	Não está escrito, mas é trecho de poesia de Pedro Diniz (1839-1896)
Leitura e entendimento na Elocução	148	O sacrifício de Abraão	Historieta	Percurso de Abraão	Religião	Leitura e entendimento na Elocução	
Leitura e entendimento na Elocução	158	A galinha e os pintinhos	Historieta descritiva	O que faz uma galinha e o cuidado com os pintinhos	Natureza	Leitura, entendimento e análise gramatical	
Leitura e entendimento na Elocução	166	A procissão do corpo de Deus	Historieta	Descrição de anjos e meninos quando Jesus passou pela cidade	Religião	Leitura, entendimento e análise gramatical	
Leitura e entendimento na Elocução	175	O sabiá e a pega	Historieta	Pega quer cantar igual ao sabiá que diz não ser possível, pois para cantar, se deve escutar	Moral	Leitura, entendimento e análise gramatical	
Leitura e entendimento na Elocução	183	O rouxinol do Calvário	Poesia	Descrição poética do cenário da morte de Jesus	Religião	Conjugação	Gomes Leal
Leitura	193		Sequência de frases	Atos de personagens bíblicos	Religião	Análise de verbo	
Leitura e entendimento na Elocução	198	Ave Maria	Poesia	Rezar para Deus e Ave Maria	Religião	Leitura, entendimento e análise gramatical	Olavo Bilac
Leitura e entendimento na Elocução	202	Artigos de fé	Poesia	Acreditar em Deus	Religião	Leitura, entendimento e análise gramatical	
Leitura e entendimento na Elocução	205	As violetas	Poesia	Descrição poética da natureza e relação com beijo (romantismo)	Natureza	Leitura, entendimento e análise gramatical	João Köpke
Leitura e entendimento na Elocução	212	O boi	Poesia	Descrição do dia a dia do boi	Natureza	Leitura e vocabulário	Olavo Bilac

Modelo de narração	257	A lebre e a tartaruga	Fábula	Devagar se vai ao longe	Moral	Leitura e apreciação	
--------------------	-----	-----------------------	--------	-------------------------	-------	----------------------	--

Conclusão da tabela.

Composição

Estrutura		Produções culturais					
Orientações didáticas	Páginas	Título	Gênero	Assunto	Área do conhecimento	Contexto	Autores
Gabarito	16	As frutas	Descritivo	Relação com fruta e árvore frutífera	Ciências Naturais	Conhecer palavras derivadas	
Gabarito	27	O pão	Informativo	Descrição do pão, seus ingredientes e características	Alimentação	Adequação de palavras	
Escrita	41	O bom e o mau aluno	Descritivo	Julgamento e características de bom e mau aluno	Moral	Produção de texto	
Escrita	54	O tempo	Descritivo	Tempo	Matemática	Produção de texto	
Ideias de frases	70	O aluno aplicado	Descritivo	Características de um bom aluno	Moral	Produção de texto	
Ideias de frases	81	Minha cama nova	Descritivo	Descrição da cama	Cotidiano	Produção de texto	
Ideias de frases	84, 85	O corpo humano	Descritivo	Corpo humano	Biologia	Produção de texto	
Ideias de frases	92	O lynce	Descritivo	Descrever o lince	Natureza	Produção de texto	
Ideias de frases	93	A meza posta	Descritivo	Descrever com qualificações sobre o que é mesa posta e o que significa	Moral	Produção de texto	
Ideias de frases	96	A mão	Descritivo	Descrever a mão	Biologia	Produção de texto	
Ideias de frases	119	Os sentidos	Informativo	Descrever os sentidos	Biologia	Produção de texto	
Gabarito	128	O leite	Descritivo	Descrever de onde vem e quais os diferentes usos do leite, assim como processo de fabricação de queijo e outros	Natureza	Produção de texto	

continua

Ideias de frases	143	O vestuário	Descritivo	Descrever o que tem no guarda-roupa, onde se compra cada roupa e que trabalhadores trabalham nas lojas	Cotidiano e trabalho	Completar texto	
Modelo prévio	146	Quem sou eu?	Informativo	Descrever nome, família, ser bom aluno	Moral	Produção de texto	
Exercício de criação	217		Descritivo	Dar situações para palavras	Cotidiano	Produção de texto	
Criação de narrativa	258	O menino desobediente	Narração	Criação de história com um menino desobediente	Moral	Produção de texto	
Ideia de texto	259	O grilo e a borboleta	Fábula	Criação de fábula a partir de situações dadas	Moral	Produção de texto	
Exercícios de aplicação	262	O quadro preto	Descritivo	Criação de texto descritivo a partir de instruções dadas	Cotidiano escolar	Produção de texto	
Ideia de texto	262	O livro	Descritivo	Criação de texto descritivo a partir de instruções dadas	Cotidiano escolar	Produção de texto	
Ideia de texto	263	O caderno	Descritivo	Criação de texto descritivo a partir de instruções dadas	Cotidiano escolar	Produção de texto	
Ideia de texto	263	O cão	Descritivo	Criação de texto descritivo a partir de instruções dadas	Natureza	Produção de texto	
Ideia de texto	263	O cavalo	Descritivo	Criação de texto descritivo a partir de instruções dadas	Natureza	Produção de texto	
Ideia de texto	264	O boi	Descritivo	Criação de texto descritivo a partir de instruções dadas	Natureza	Produção de texto	
Ideia de texto	264	Nossa sala de aula	Descritivo	Criação de texto descritivo a partir de instruções dadas	Cotidiano escolar	Produção de texto	

Ideia de texto	265	O edifício de nossa escola	Descritivo	Criação de texto descritivo a partir de instruções dadas	Cotidiano escolar	produção de texto	
Proposta de conteúdo e ideia de texto	266		Cartas	Modelo de carta	Situações cotidianas	leitura	
Proposta de conteúdo e ideia de texto	267,268,269,270		Cartas	Criação de cartas a partir de modelos e ideias prévias	Situações cotidianas	produção de texto	

Conclusão da tabela.